

GUIA DO PROFESSOR

- **METAS CURRICULARES DE PORTUGUÊS**
 - Esquema comparativo – obras e textos
Metas Curriculares/*Letras & Companhia 9*
 - Itens orientadores do trabalho em sala de aula
- **PLANIFICAÇÕES***
 - anual e por sequências de ensino-aprendizagem
- **8 TESTES DE AVALIAÇÃO***
 - 2 por período letivo e 2 testes globais
- **TRANSCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS ÁUDIO**

LETRAS & COMPANHIA

PORTUGUÊS 9º ANO

CARLA MARQUES
INÊS SILVA

9

*Materiais
disponíveis,
em formato
editável, em:

20 AULA DIGITAL

APRESENTAÇÃO

O Guia do Professor é um caderno auxiliar do *Letras & Companhia 9*, concebido com o propósito de apoiar o trabalho docente, facultando-lhe um vasto **conjunto de materiais auxiliares da sua ação pedagógico-didática**.

Assim, para além de **informações relativas aos documentos normativos em vigor**, integra várias **propostas de percursos de ensino-aprendizagem**, devidamente explicitadas nas planificações, a saber:

- planificação anual;
- planificações por sequências de ensino-aprendizagem;

e contém ainda

- 8 testes de avaliação (seguindo o modelo da Prova Final de Ciclo de Português) e propostas de resolução;
- transcrição dos documentos áudio do manual.

Cientes de que todos estes documentos, em estreita conexão com o manual *Letras & Companhia 9*, permitirão ao professor delinear percursos de ensino-aprendizagem profícuos para os seus alunos, esperamos que ensinar e aprender português se torne um desafio cada vez mais aliciente.

As Autoras

Carla Marques

Inês Silva

ÍNDICE

Apresentação/Projeto <i>Letras & Companhia 9</i>	4
1. Metas Curriculares de Português	7
1.1 Metas Curriculares de Português para o 9.º ano	8
1.2 Lista de obras/textos para Educação Literária – 9.º ano	12
1.3 Esquema comparativo – obras e textos Metas Curriculares / <i>Letras & Companhia 9</i>	14
1.4 Metas Curriculares de Português – Itens orientadores do trabalho em sala de aula	17
2. Planificações	41
2.1 Planificação anual.....	42
2.2 Planificação por sequências de ensino-aprendizagem.....	50
Sequência 1 – Crónicas e outros textos	50
Sequência 2 – <i>Auto da Barca do Inferno</i> e outros textos	52
Sequência 3 – <i>Os Lusíadas</i> e outros textos	58
Sequência 4 – Textos de autores portugueses	65
Sequência 5 – Narrativas além-fronteiras	68
Sequência 6 – Poesia	72
3. Testes de avaliação	79
• 1.º Período	
Teste 1.....	80
Teste 2.....	85
• 2.º Período	
Teste 1.....	92
Teste 2.....	98
• 3.º Período	
Teste 1.....	104
Teste 2.....	109
• Teste global 1	114
• Teste global 2	119
• Propostas de correção dos testes de avaliação	126
4. Transcrição dos documentos áudio	133

O projeto *Letras & Companhia 9*

Para o Aluno

- Manual
- Preparar a Prova Final de Português (OFERTA AO ALUNO)
- Caderno de Atividades
- 20 Manual Multimédia
- www.letrasecompanhia9.asa.pt

Para o Professor

- Manual (Edição do Professor)
- Guia do Professor
- CD Áudio
-  **AULA DIGITAL**
(disponível em CD-ROM e online a partir de www.letrasecompanhia9.asa.pt)

Manual

O manual apresenta uma organização clara e facilitadora das aprendizagens, encontrando-se organizado em 6 sequências, de estrutura semelhante, apresentando um Bloco Informativo no final.

- Sequência 1 – Crónicas e Outros Textos;
- Sequência 2 – *Auto da Barca do Inferno* e Outros Textos;
- Sequência 3 – *Os Lusíadas* e Outros Textos;
- Sequência 4 – Textos de Autores Portugueses;
- Sequência 5 – Narrativas Além-Fronteiras;
- Sequência 6 – Poesia;
- Bloco Informativo

Cumpra escrupulosamente o referencial de textos do documento *Metas Curriculares de Português*, com desenvolvimento equilibrado dos domínios da Leitura, Educação Literária, Gramática, Escrita e Oralidade.

De referir a seleção de atividades que respeitam a **tipologia de questões e exercícios da Prova Final de Ciclo**, tanto ao longo de cada sequência de aprendizagem como nas fichas de autoavaliação.

Destaca-se, também, a inclusão de **Fichas Informativas** e **Fichas Gramaticais** de apoio ao estudo. Em relação a estas últimas, tratam os conteúdos gramaticais previstos nas *Metas Curriculares de Português* para o 9.º ano e recuperam conteúdos dos 2.º e 3.º ciclos, numa perspetiva de revisão/aplicação.

O manual contempla, ainda, um **Bloco Informativo**, com os conteúdos relativos aos textos em estudo no 3.º ciclo.

Preparar a Prova Final de Português

Esta brochura de oferta ao aluno visa a preparação para a Prova Final de Ciclo.

Inclui:

- **Guia de estudo de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões**
 - Resumo dos episódios/estâncias;
 - Análise dos principais aspetos;
 - Identificação e análise dos principais recursos expressivos.
- **Provas-modelo de exame**

Caderno de Atividades

Instrumento de trabalho do aluno, complementar ao manual.

É constituído por:

- 14 fichas de gramática;
- Seleção de exercícios retirados das provas de exames nacionais;
- 6 guiões de leitura de obras previstas nas *Metas Curriculares de Português* para o 9º ano, que permitirão diversificar as obras a tratar em sala de aula:
 - *Auto da Índia*, de Gil Vicente;
 - *Carta de Pêro Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil*, de Pêro Vaz de Caminha;
 - *Maria Moisés*, de Camilo Castelo Branco;
 - *Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos;
 - *O Fantasma dos Canterville*, de Oscar Wilde;
 - *A Menina que Roubava Livros*, de Markus Zusak (recensão de livro).

NOTA: As soluções dos exercícios de escrita curta retirados das provas oficiais (Parte C da Prova Final de Ciclo) encontram-se disponíveis em www.letrasecompanhia9.asa.pt

Manual (Edição do Professor)

Do manual (edição do professor) constam, em banda lateral exclusiva:

- indicação, para cada conteúdo trabalhado, dos objetivos e dos descritores de desempenho das *Metas Curriculares de Português*;
- cenários de resposta para todas as atividades e exercícios propostos;
- articulação com os recursos multimédia do projeto.

Guia do Professor

Guia prático de apoio à atividade docente.

Contempla:

- *Metas Curriculares de Português*;
- Planificações
 - Anual;
 - Por sequências de ensino-aprendizagem;
- 8 testes de avaliação, elaborados segundo o modelo da Prova Final de Ciclo
 - 2 testes por período letivo e dois testes globais;
- Transcrição dos documentos destinados às atividades de oralidade do manual.

CD Áudio

Reforço do trabalho da componente oral, com vocalização de alguns textos do manual, bem como recursos áudio de apoio a atividades de oralidade.

20 AULA DIGITAL

Este recurso possibilita a fácil exploração do projeto *Letras e Companhia 9*, através das novas tecnologias em sala de aula.

Trata-se de uma ferramenta inovadora que permite:

- **a projeção e exploração das páginas do manual em sala de aula;**
- **o acesso a um vasto conjunto de conteúdos multimédia integrados com o manual:**
 - **animações** – abordam de forma interativa os diversos conteúdos, possibilitando uma avaliação do aluno através de atividades de consolidação;
 - **gramática interativa** – tópicos gramaticais abordados ao longo do manual, acompanhados de avaliação da informação apresentada;
 - **fichas (formato Word)** – conjunto de fichas editáveis de consolidação de conhecimentos;
 - **testes interativos** – banco de testes interativos, personalizáveis e organizados de acordo com os diversos capítulos do manual;
 - **apresentações em PowerPoint** – apresentações editáveis, que exploram de forma pedagógica, sintetizadora e motivante diversos conteúdos;
 - **jogos** – atividades lúdicas, que permitem a revisão de conteúdos, de forma divertida, conjugando as vertentes lúdica e didática;
 - **links Internet** – endereços para páginas na Internet de apoio às matérias, de forma a complementar os conteúdos destacados no *Letras & Companhia 9*;
- **a disponibilização das planificações (anual e por sequências de ensino-aprendizagem), em formato Word**, para que o professor as possa adaptar de acordo com as características de cada turma:
 - utilizando as sequências de recursos digitais propostas, recorrendo a um projetor ou a um quadro interativo;
 - personalizando as planificações com outros recursos;
- **a avaliação dos alunos:**
 - utilização de testes predefinidos ou criação de novos a partir de uma base de cerca de 200 questões;
 - impressão de testes para distribuição;
 - envio, online, de testes para os alunos, com correção automática;
 - relatórios de avaliação detalhados, que permitem um acompanhamento do progresso dos alunos;
- **a troca de mensagens e a partilha de recursos com os alunos.**



METAS CURRICULARES DE PORTUGUÊS

1.1 Metas Curriculares de Português para o 9.º ano

Domínios de Referência, Objetivos e Descritores de Desempenho

Os objetivos e descritores indicados em cada ano de escolaridade são obrigatórios.

Sempre que necessário, devem continuar a ser mobilizados em anos subsequentes.

Oralidade O9

1. Interpretar discursos orais com diferentes graus de formalidade e complexidade.

1. Identificar o tema e explicitar o assunto.
2. Identificar os tópicos.
3. Distinguir informação objetiva e informação subjetiva.
4. Manifestar ideias e pontos de vista pertinentes relativamente aos discursos ouvidos.

2. Consolidar processos de registo e tratamento de informação.

1. Identificar ideias-chave.
2. Reproduzir o material ouvido recorrendo à síntese.

3. Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral.

1. Retomar, precisar ou resumir ideias, para facilitar a interação.
2. Estabelecer relações com outros conhecimentos.
3. Debater e justificar ideias e opiniões.
4. Considerar pontos de vista contrários e reformular posições.

4. Produzir textos orais corretos, usando vocabulário e estruturas gramaticais diversificados e recorrendo a mecanismos de organização e de coesão discursiva.

1. Planificar o texto oral a apresentar, elaborando tópicos a seguir na apresentação.
2. Utilizar informação pertinente, mobilizando conhecimentos pessoais ou dados obtidos em diferentes fontes, citando-as.
4. Usar a palavra com fluência e correção, utilizando recursos verbais e não verbais com um grau de complexidade adequado ao tema e às situações de comunicação.
5. Diversificar o vocabulário e as estruturas utilizadas no discurso.
6. Utilizar ferramentas tecnológicas com adequação e pertinência como suporte adequado de intervenções orais.

5. Produzir textos orais (5 minutos) de diferentes tipos e com diferentes finalidades.

1. Fazer a apresentação oral de um tema, justificando pontos de vista.
2. Argumentar, no sentido de persuadir os interlocutores.
3. Fazer apreciações críticas.

6. Reconhecer a variação da língua.

1. Identificar, em textos orais, a variação nos planos fonológico, lexical e sintático.
2. Distinguir contextos geográficos em que ocorrem diferentes variedades do português.

Leitura L9

7. Ler em voz alta.

1. Ler expressivamente em voz alta textos variados, após preparação da leitura.

8. Ler textos diversos.

1. Ler textos narrativos, textos expositivos, textos de opinião, textos argumentativos, textos científicos, críticas, resenhas de livros, comentários, entrevistas.

9. Interpretar textos de diferentes tipologias e graus de complexidade.

1. Reconhecer e usar em contexto vocábulos clássicos, léxico especializado e vocabulário diferenciado da esfera da escrita.
2. Explicitar temas e ideias principais, justificando.
3. Identificar pontos de vista e universos de referência, justificando.
4. Reconhecer a forma como o texto está estruturado, atribuindo títulos a partes e subpartes.
5. Analisar relações intratextuais: semelhança, oposição, parte – todo, causa – consequência, genérico – específico.
6. Relacionar a estruturação do texto com a construção da significação e com a intenção do autor.
7. Explicitar o sentido global do texto, justificando.

10. Utilizar procedimentos adequados à organização e tratamento da informação.

1. Identificar ideias-chave.
2. Organizar em tópicos a informação do texto.

11. Ler para apreciar textos variados.

1. Expressar, de forma fundamentada e sustentada, pontos de vista e apreciações críticas suscitados pelos textos lidos em diferentes suportes.
2. Reconhecer o papel de diferentes suportes (papel, digital, visual) e espaços de circulação (jornal, internet...) na estruturação e recepção dos textos.

12. Reconhecer a variação da língua.

1. Identificar, em textos escritos, a variação nos planos fonológico, lexical, e sintático.
2. Distinguir contextos históricos e geográficos em que ocorrem diferentes variedades do português.

Escrita E9**13. Planificar a escrita de textos.**

1. Consolidar os procedimentos de planificação de texto já adquiridos.

14. Redigir textos com coerência e correção linguística.

1. Ordenar e hierarquizar a informação, tendo em vista a continuidade de sentido, a progressão temática e a coerência global do texto.
2. Dar ao texto a estrutura e o formato adequados, respeitando convenções tipológicas e (orto)gráficas estabelecidas.
3. Adequar os textos a públicos e finalidades comunicativas diferenciados.
4. Diversificar o vocabulário e as estruturas sintáticas utilizadas nos textos.
5. Consolidar as regras de uso de sinais de pontuação para delimitar constituintes de frase e para veicular valores discursivos.
6. Respeitar os princípios do trabalho intelectual: produção de bibliografia.
7. Utilizar, com progressiva autonomia, estratégias de revisão e aperfeiçoamento de texto, no decurso da redação.
8. Utilizar com critério as potencialidades das tecnologias da informação e comunicação na produção, na revisão e na edição de texto.

15. Escrever para expressar conhecimentos.

1. Responder por escrito, de forma completa, a questões sobre um texto.
2. Responder com eficácia e correção a instruções de trabalho, detetando rigorosamente o foco da pergunta.
3. Elaborar planos, resumos e sínteses de textos expositivos e argumentativos.

16. Escrever textos expositivos.

1. Escrever textos expositivos sobre questões objetivas propostas pelo professor, respeitando:
 - a) o predomínio da função informativa documentada;
 - b) a estrutura interna: introdução ao tema; desenvolvimento expositivo, sequencialmente encadeado e corroborado por evidências; conclusão;
 - c) o raciocínio lógico;
 - d) o uso predominante da frase declarativa.

17. Escrever textos argumentativos.

1. Escrever textos argumentativos com a tomada de uma posição; a apresentação de razões que a justifiquem, com argumentos que diminuam a força das ideias contrárias; e uma conclusão coerente.
2. Escrever textos de argumentação contrária a outros propostos pelo professor.

18. Escrever textos diversos.

1. Fazer um guião para uma dramatização ou filme.
2. Escrever comentários subordinados a tópicos fornecidos.

19. Rever os textos escritos.

1. Reformular o texto de forma adequada, mobilizando os conhecimentos de revisão de texto já adquiridos.

Educação Literária EL9**20. Ler e interpretar textos literários. (v. Lista em anexo)**

1. Ler textos literários, portugueses e estrangeiros, de diferentes épocas e de géneros diversos.
2. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.
3. Reconhecer e caracterizar elementos constitutivos da narrativa (estrutura; ação e episódios; personagens, narrador da 1.ª e 3.ª pessoa; contextos espacial e temporal).
4. Analisar o ponto de vista das diferentes personagens.
5. Reconhecer a forma como o texto está estruturado, atribuindo títulos a partes e a subpartes.
6. Identificar processos da construção ficcional relativos à ordem cronológica dos factos narrados e à sua ordenação na narrativa.
7. Identificar e reconhecer o valor dos recursos expressivos já estudados e, ainda, dos seguintes: anáfora, símbolo, alegoria e sinédoque.
8. Reconhecer e caracterizar textos de diferentes géneros (epopeia, romance, conto, crónica, soneto, texto dramático).

21. Apreciar textos literários. (v. Lista em anexo e Listagem PNL)

1. Ler textos literários, portugueses e estrangeiros, de géneros variados.
2. Reconhecer os valores culturais, éticos, estéticos, políticos e religiosos manifestados nos textos.
3. Expressar, oralmente e por escrito, e de forma fundamentada, pontos de vista e apreciações críticas suscitados pelos textos lidos.
4. Escrever um pequeno comentário crítico (cerca de 140 palavras) a um texto lido.

22. Situar obras literárias em função de grandes marcos históricos e culturais.

1. Reconhecer relações que as obras estabelecem com o contexto social, histórico e cultural no qual foram escritas.
2. Comparar ideias e valores expressos em diferentes textos de autores contemporâneos com os de textos de outras épocas e culturas.
3. Valorizar uma obra enquanto objeto simbólico, no plano do imaginário individual e coletivo.

23. Ler e escrever para fruição estética. (v. Listagem PNL)

1. Ler por iniciativa e gosto pessoal, aumentando progressivamente a extensão e complexidade dos textos selecionados.
 2. Mobilizar a reflexão sobre textos literários e sobre as suas especificidades, para escrever textos variados, por iniciativa e gosto pessoal, de forma autónoma e fluente.
-

Gramática G9**24. Explicitar aspetos da fonologia do português.**

1. Identificar processos fonológicos de inserção (prótese, epêntese e paragoge), supressão (aférese, síncope e apócope) e alteração de segmentos (redução vocálica, assimilação, dissimilação, metátese).

25. Explicitar aspetos fundamentais da sintaxe do português.

1. Sistematizar as regras de utilização do pronome pessoal em adjacência verbal em todas as situações.
2. Consolidar o conhecimento de todas as funções sintáticas.
3. Identificar orações substantivas relativas.
4. Dividir e classificar orações.

26. Reconhecer propriedades das palavras e formas de organização do léxico.

1. Identificar neologismos e arcaísmos.

1.2 Lista de obras/textos para Educação Literária – 9.º ano

Obs. Confrontar referenciais constantes do Programa.

PASSOS DE *OS LUSÍADAS*, DE LUÍS DE CAMÕES, COM INCIDÊNCIA NOS SEGUINTE EPISÓDIOS E ESTÂNCIAS

Canto I – estâncias 1-3, 19-41; Canto III – estâncias 118-135; Canto IV – estâncias 84-93;

Canto V – estâncias 37-60; Canto VI – estâncias 70-94; Canto IX – estâncias 18-29 e 75-84;

Canto X – estâncias 142-144, 145-146 e 154-156.

ESCOLHER UM MÍNIMO DE:

1 PEÇA TEATRAL DE GIL VICENTE

Farsa chamada Auto da Índia

Auto da Barca do Inferno

2 NARRATIVAS DE AUTORES PORTUGUESES

- Pêro Vaz de Caminha: *Carta de Pêro Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*
- Eça de Queirós: “A aia” ou “O suave milagre” ou “Civilização”, in *Contos*
- Camilo Castelo Branco: “Maria Moisés”, in *Novelas do Minho*
- Vergílio Ferreira: “A galinha” ou “A palavra mágica”, in *Contos*

2 CRÓNICAS

- Maria Judite de Carvalho: “História sem palavras”, “Os bárbaros”, “Castanhas assadas”, “As marchas”, in *Este Tempo*
- António Lobo Antunes: “Elogio do subúrbio”, “A consequência dos semáforos”, in *Livro de Crónicas*; “Subsídios para a biografia de António Lobo Antunes”, “Um silêncio refulgente”, in *Segundo Livro de Crónicas*

1 CONTO DE AUTOR DE PAÍS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

- Machado de Assis: “História comum” ou “O alienista”
- Clarice Lispector: “Felicidade clandestina”

1 TEXTO DE AUTOR ESTRANGEIRO

Oscar Wilde: “O Fantasma dos Canterville”

Gabriel García Márquez: “A sesta de 3.ª feira” ou “Um dia destes”, in *Contos Completos*

John Steinbeck: *A Pérola*

1 TEXTO DE LITERATURA JUVENIL

- *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto* (adapt. Aquilino Ribeiro)
- José Gomes Ferreira: *Aventuras de João sem Medo*
- José Mauro de Vasconcelos: *Meu pé de laranja lima*

ESCOLHER 4 POEMAS

- Fernando Pessoa: “Se estou só, quero não estar”, “O menino de sua mãe”, “Ó sino da minha aldeia”, in *Obra Poética*; “Mar português”, “O Mostrengo”, in *Mensagem*

ESCOLHER 12 POEMAS DE PELO MENOS 10 AUTORES DIFERENTES

- Camilo Pessanha: “Floriram por engano as rosas bravas”, “Quando voltei encontrei meus passos”, in *Clepsidra*
- Mário de Sá-Carneiro: “Recreio”, in *Indícios de Oiro*; “Quasi”, in *Dispersão*
- Irene Lisboa: “Monotonia”, “Escrever”, in *Outono Havias de Vir Latente, Triste*
- Almada Negreiros: “Luís, o poeta, salva a nado o poema”, in *Obras Completas – Poesia*
- José Gomes Ferreira: “V (Nunca encontrei um pássaro morto na floresta)”, in *Poeta Militante I*; “XXV (Aquele nuvem parece um cavalo...)”, in *Poeta Militante II*; “III (O tempo parou)”, “XIX (Errei as contas no quadro)”, in *Poeta Militante III*
- Jorge de Sena: “Uma pequenina luz”, “Camões dirige-se aos seus contemporâneos”, “Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya”, in *Poesia II*
- Sophia de M. B. Andresen: “As pessoas sensíveis”, “Meditação do Duque de Gandia sobre a morte de Isabel de Portugal”, “Porque”, “Camões e a tença”, in *Obra Poética*
- Carlos de Oliveira: “Vilancete castelhano de Gil Vicente”, “Quando a harmonia chega”, in *Terra da Harmonia*
- Ruy Belo: “Os estivadores”, “E tudo era possível”, “Algumas proposições com pássaros e árvores...”, in *Obra Poética*
- Herberto Helder: “Não sei como dizer-te que minha voz te procura”, in *A Colher na Boca*
- Gastão Cruz: “Ode soneto à coragem”, “A cotovia é”, “Tinha deixado a torpe arte dos versos”, in *Os nomes*
- Nuno Júdice: “Escola”, “Fragmentos”, in *Meditação sobre Ruínas*; “O conceito de metáfora com citações de Camões e Florbela”, “Contas”, in *Rimas e Contas*
- Federico García Lorca: “Romance sonâmbulo” (trad. José Bento), in *Obra Poética*
- Carlos Drummond de Andrade: “Receita de Ano Novo”, in *Discurso da Primavera e Algumas Sombras*

1.3 Esquema comparativo – obras e textos

Metas Curriculares / Letras & Companhia 9

METAS CURRICULARES (Educação Literária)	LETRAS & COMPANHIA 9	
	MANUAL	CADERNO DE ATIVIDADES
Lista de obras e textos		
PASSOS DE <i>OS LUSÍADAS</i>, DE LUÍS DE CAMÕES, COM INCIDÊNCIA NOS SEGUINTE EPISÓDIOS E ESTÂNCIAS Canto I – estâncias 1-3 e 19-41; Canto III – estâncias 118-135; Canto IV – estâncias 84-93; Canto V – estâncias 37-60; Canto VI – estâncias 70-94; Canto IX – estâncias 18-29 e 75-84; Canto X – estâncias 142-144, 145-146 e 154-156.	Canto I – estâncias 1-3 e 19-41; Canto III – estâncias 118-135; Canto IV – estâncias 84-93; Canto V – estâncias 37-60; Canto VI – estâncias 70-94; Canto IX – estâncias 18-29 e 75-84; Canto X – estâncias 142-144, 145-146 e 154-156.	
1 PEÇA TEATRAL DE GIL VICENTE <i>Farsa chamada Auto da Índia</i> <i>Auto da Barca do Inferno</i>	<i>Auto da Barca do Inferno</i>	<i>Auto da Índia</i>
2 NARRATIVAS DE AUTORES PORTUGUESES • Pêro Vaz de Caminha, <i>Carta a el-rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil</i> • Eça de Queirós “A aia” ou “O suave milagre” ou “Civilização”, in <i>Contos</i> • Camilo Castelo Branco, “Maria Moisés”, in <i>Novelas do Minho</i> • Vergílio Ferreira, “A galinha” ou “A palavra mágica”, in <i>Contos</i>	• Pêro Vaz de Caminha, <i>Carta a el-rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil</i> • Eça de Queirós “A aia” • Vergílio Ferreira, “A palavra mágica”	• Pêro Vaz de Caminha, <i>Carta a el-rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil</i> • Camilo Castelo Branco, <i>Maria Moisés</i> (Guião de leitura)
2 CRÓNICAS • Maria Judite de Carvalho, “História sem palavras”, “Os bárbaros”, “Castanhas assadas”, “As marchas”, in <i>Este tempo</i> • António Lobo Antunes, “Elogio do subúrbio”, “A consequência dos semáforos”, in <i>Livro de Crónicas</i>; “Subsídios para a biografia de António Lobo Antunes”, “Um silêncio refulgente”, in <i>Segundo livro de crónicas</i>	• Maria Judite de Carvalho, “História sem palavras”, “Os bárbaros” • António Lobo Antunes, “A consequência dos semáforos” “Subsídios para a biografia de António Lobo Antunes”	
1 CONTO DE AUTOR DE PAÍS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA • Machado de Assis, “História comum” ou “O alienista” • Clarice Lispector, “Felicidade clandestina”	• Machado de Assis, “História comum” • Clarice Lispector, “Felicidade clandestina”	

METAS CURRICULARES (Educação Literária)	LETRAS & COMPANHIA 9	
	MANUAL	CADERNO DE ATIVIDADES
Lista de obras e textos (cont.)		
1 TEXTO DE AUTOR ESTRANGEIRO • Oscar Wilde, "O Fantasma dos Canterville" • Gabriel García Márquez, "A sesta de 3.ª feira" ou "Um dia destes", in <i>Contos completos</i> • John Steinbeck, <i>A pérola</i>	• Gabriel García Márquez, "Um dia destes" • John Steinbeck, <i>A pérola</i>	• Oscar Wilde, <i>O Fantasma dos Canterville</i>
1 TEXTO DE LITERATURA JUVENIL • <i>Peregrinação de Fernão Mendes Pinto</i> (adapt. Aquilino Ribeiro) • José Gomes Ferreira, <i>Aventuras de João sem Medo</i> • José Mauro de Vasconcelos, <i>Meu pé de laranja lima</i>	• <i>Peregrinação de Fernão Mendes Pinto</i> (adapt. Aquilino Ribeiro) • José Gomes Ferreira, <i>Aventuras de João sem Medo</i>	• José Mauro de Vasconcelos, <i>Meu pé de laranja lima</i>
ESCOLHER 4 POEMAS • Fernando Pessoa, "Se estou só, quero não estar", "O menino de sua mãe", "Ó sino da minha aldeia", in <i>Obra poética</i>, "Mar português", "O Mostrengo", in <i>Mensagem</i>	• Fernando Pessoa, "Se estou só, quero não estar", "O menino de sua mãe", "Ó sino da minha aldeia", "Mar português", "O Mostrengo"	
ESCOLHER 12 POEMAS DE PELO MENOS 10 AUTORES DIFERENTES • Camilo Pessanha, "Floriram por engano as rosas bravas", "Quando voltei encontrei meus passos", in <i>Clepsidra</i> • Mário de Sá-Carneiro, "Recreio", in <i>Indícios de ouro</i>; "Quasi", in <i>Dispersão</i> • Irene Lisboa, "Monotonia", "Escrever", in <i>Outono havias de vir latente</i>, <i>triste</i> • Almada Negreiros, "Luís, o poeta, salva a nado o poema", in <i>Obras completas – Poesia</i> • José Gomes Ferreira, "V (Nunca encontrei um pássaro morto na floresta)", in <i>Poeta militante I</i>; "XXV (Aquele nuvem parece um cavalo...)", in <i>Poeta militante II</i>; "III (O tempo parou)", "XIX (Errei as contas no quadro)", in <i>Poeta militante III</i>	• Camilo Pessanha, "Floriram por engano as rosas bravas" • Mário de Sá-Carneiro, "Recreio" • Irene Lisboa, "Monotonia", "Escrever" • Almada Negreiros, "Luís, o poeta, salva a nado o poema" • José Gomes Ferreira, "XXV (Aquele nuvem parece um cavalo...)"	

METAS CURRICULARES (Educação Literária)	LETRAS & COMPANHIA 9	
	MANUAL	CADERNO DE ATIVIDADES
Lista de obras e textos (cont.)		
• Jorge de Sena, “Uma pequenina luz”, “Camões dirige-se aos seus contemporâneos”, “Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya”, in <i>Poesia II</i> • Sophia de Mello Breyner Andresen, “As pessoas sensíveis”, “Meditação do Duque de Gandia sobre a morte de Isabel de Portugal”, “Porque”, “Camões e a tença”, in <i>Obra poética</i> • Carlos de Oliveira, “Vilancete castelhano de Gil Vicente”, “Quando a harmonia chega”, in <i>Terra da harmonia</i> • Ruy Belo, “Os estivadores”, “E tudo era possível”, “Algumas proposições com pássaros e árvores...”, in <i>Obra poética</i> • Herberto Helder, “Não sei como dizer-te que minha voz te procura”, in <i>A colher na boca</i> • Gastão Cruz, “Ode soneto à coragem”, “A cotovia é”, “Tinha deixado a torpe arte dos versos”, in <i>Os nomes</i> • Nuno Júdice, “Escola”, “Fragmentos”, in <i>Meditação sobre ruínas</i>; “O conceito de metáfora com citações de Camões e Florbela”, “Contas”, in <i>Rimas e contas</i> • Federico García Lorca, “Romance sonâmbulo” (trad. José Bento), in <i>Obra poética</i> • Carlos Drummond de Andrade, “Receita de Ano Novo”, in <i>Discurso da primavera e algumas sombras</i>	• Jorge de Sena, “Uma pequenina luz”, “Camões dirige-se aos seus contemporâneos” • Sophia de Mello Breyner Andresen, “As pessoas sensíveis”, “Porque”, “Camões e a tença” • Carlos de Oliveira, “Vilancete castelhano de Gil Vicente”, “Quando a harmonia chega” • Ruy Belo, “E tudo era possível” • Nuno Júdice, “Escola”, “Fragmentos” • Federico García Lorca, “Romance sonâmbulo” (trad. José Bento) • Carlos Drummond de Andrade, “Receita de Ano Novo”	
Textos do Plano Nacional de Leitura		
	• Luis Sepúlveda, <i>O velho que lia romances de amor</i> • George Orwell, <i>O triunfo dos porcos</i> • José Cardoso Pires, <i>Balada da Praia dos Cães</i>	

1.4 METAS CURRICULARES DE PORTUGUÊS

Itens orientadores do trabalho em sala de aula

Nota de apresentação

Com base numa leitura interpretativa das Metas Curriculares de Português, foi identificado um conjunto de itens orientadores (eixos dominantes/conteúdos) a privilegiar em contexto de ensino-aprendizagem.

O documento das Metas Curriculares de Português estrutura-se por ciclos e por anos de ensino, contemplando diferentes domínios: oralidade (O), leitura (L), escrita (E), educação literária (EL) e gramática (G). Para cada um dos domínios foram definidos objetivos (apresentados a negrito no documento) e descritores de desempenho.

Tendo em vista a implementação didática que o documento referente às Metas Curriculares implica, a presente apresentação organiza-se da seguinte forma:

(I) Por áreas, que correspondem, na nossa interpretação, aos eixos predominantes a trabalhar em cada domínio, a saber:

• **Oralidade (3º ciclo)**

- Compreensão oral: interpretação de discursos orais; registo e tratamento de informação; variação linguística (8º e 9º anos)
- Expressão oral: interação oral; produção oral

• **Leitura (3º ciclo)**

- Leitura expressiva
- Textos
- Interpretação/apreciação crítica
- Tratamento de informação
- Variação linguística (8º e 9º anos)

• **Escrita (3º ciclo)**

- Processualidades (planificação, textualização e revisão)
- Textos

• **Educação Literária (3º ciclo)**

- Interpretação de textos literários
- Apreciação de textos literários
- Fruição estética

• **Gramática (3º ciclo)**

- Morfologia
- Classes de palavras
- Sintaxe
- Semântica e lexicologia
- Fonologia

(II) Identificação dos itens a trabalhar em sala de aula. Os itens orientadores estão apresentados em progressão, sendo assinalados, numa coluna, o objetivo (a negrito) e o descritor de desempenho a partir do qual foram identificados.

A negrito destacam-se os itens que surgem pela primeira vez no documento, o que permite identificar a progressão prevista nas Metas Curriculares de Português.

Oralidade

O7*	7º Ano	O8*	8º Ano	O9*	9º Ano
Interpretação de discursos orais (compreensão oral)					
1.1.	Tema Assunto	1.1. Tema Assunto	1.1. Tema Assunto	1.1. Tema Assunto	1.1. Tema Assunto
1.2.	Informação essencial e acessória	1.2. Tópicos	1.2. Tópicos	1.2. Tópicos	1.2. Tópicos
1.3.	Deduções e inferências	1.3. Informação objetiva e informação subjetiva	1.3. Informação objetiva e informação subjetiva	1.3. Informação objetiva e informação subjetiva	1.3. Informação objetiva e informação subjetiva
1.4.	Intencionalidades comunicativas (informar, narrar, descrever, exprimir sentimentos, persuadir)	1.4. Intencionalidades comunicativas em sequências textuais (informar, narrar, descrever, explicar, persuadir)	1.4. Intencionalidades comunicativas em sequências textuais (informar, narrar, descrever, explicar, persuadir)	1.4. Intencionalidades comunicativas em sequências textuais (informar, narrar, descrever, explicar, persuadir)	1.4. Intencionalidades comunicativas em sequências textuais (informar, narrar, descrever, explicar, persuadir)
1.5.	Manifestação de ideias e pontos de vista	1.5. Manifestação de ideias e pontos de vista	1.5. Manifestação de ideias e pontos de vista	1.5. Manifestação de ideias e pontos de vista	1.5. Manifestação de ideias e pontos de vista
Registo e tratamento de informação (compreensão oral)					
2.1.	Identificação de ideias-chave	2.1. Identificação de ideias-chave	2.1. Identificação de ideias-chave	2.1. Identificação de ideias-chave	2.1. Identificação de ideias-chave
2.2.	Tomada de notas	2.2. Organização de notas	2.2. Organização de notas	2.2. Organização de notas	2.2. Organização de notas
2.3.	Síntese do texto ouvido	2.3. Síntese do texto ouvido	2.3. Síntese do texto ouvido	2.3. Síntese do texto ouvido	2.3. Síntese do texto ouvido
Variação linguística (compreensão oral)					
6.1.	Variação linguística: ¹ - plano fonológico - plano lexical - plano sintático	6.1. Variação linguística: ¹ - plano fonológico - plano lexical - plano sintático	6.1. Variação linguística: ¹ - plano fonológico - plano lexical - plano sintático	6.1. Variação linguística: ¹ - plano fonológico - plano lexical - plano sintático	6.1. Variação linguística: ¹ - plano fonológico - plano lexical - plano sintático
6.2.	Variedades do português: ² - contextos geográficos de ocorrência	6.2. Variedades do português: ² - contextos geográficos de ocorrência	6.2. Variedades do português: ² - contextos geográficos de ocorrência	6.2. Variedades do português: ² - contextos geográficos de ocorrência	6.2. Variedades do português: ² - contextos geográficos de ocorrência

¹ Cf. domínio da leitura (L8 – 12.1. e L9 – 12.1.).

² Cf. domínio da leitura (L8 – 12.2. e L9 – 12.2.).

*O7 = Oralidade do 7º ano | *O8 = Oralidade do 8º ano | *O9 = Oralidade do 9º ano

Nota: na coluna das Metas, o primeiro número, a negrito, remete para o objetivo e o segundo número para o descritor de desempenho, tal como estão numerados no documento das Metas Curriculares.

07*	7º Ano	08*	8º Ano	09*	9º Ano
Interação oral (expressão oral)					
Convenções reguladoras da interação verbal					
3.1.	Situações de interação oral:		Situações de interação oral:		Situações de interação oral:
3.2.	- pedido de informação - apresentação de informação - explicação - esclarecimento - propostas - sugestões - retoma de ideias - clarificação de ideias - resumo de ideias	3.2.	- pedido de informação complementar		- retoma de ideias - clarificação de ideias - resumo de ideias - debate - justificação de ideias e opiniões - consideração de pontos de vista contrários - reformulação de posições
3.3.		3.1.	- retoma de ideias - clarificação de ideias - resumo de ideias - debate - justificação de ideias e opiniões	3.1. 3.3. 3.4.	
		3.4.		3.2.	
		3.3.	Estabelecimento de relações com outros conhecimentos		Estabelecimento de relações com outros conhecimentos
Produção oral (expressão oral)					
4.	Mecanismos de coesão discursiva	4.	Mecanismos de coesão discursiva	4.	Mecanismos de coesão discursiva
4.1.	Planificação por tópicos	4.1.	Planificação por tópicos	4.1.	Planificação por tópicos
4.2.	Utilização de informação pertinente (conhecimentos pessoais ou dados obtidos em diferentes fontes com supervisão do professor)	4.2.	Utilização de informação pertinente (conhecimentos pessoais ou dados obtidos em diferentes fontes com supervisão do professor)	4.2.	Utilização de informação pertinente (conhecimentos pessoais ou dados obtidos em diferentes fontes)
4.3.	Fluência e correção	4.3.	Citação de fontes Fluência e correção	4.4.	Citação de fontes Fluência e correção
	Complexidade adequada às situações de comunicação		Complexidade adequada ao tema e às situações de comunicação		Complexidade adequada ao tema e às situações de comunicação
4.4.	Vocabulário e estruturas diversificadas	4.4.	Vocabulário e estruturas diversificadas	4.5.	Vocabulário e estruturas diversificadas

* 07 = Oralidade do 7º ano | * 08 = Oralidade do 8º ano | * 09 = Oralidade do 9º ano

Nota: na coluna das Metas, o primeiro número, a negrito, remete para o objetivo e o segundo número para o descritor de desempenho, tal como estão numerados no documento das Metas Curriculares.

O7*	7º Ano	O8*	8º Ano	O9*	9º Ano
Interação oral (expressão oral)					
4.5.	Utilização pontual de ferramentas tecnológicas adequadas	4.5.	Utilização pontual de ferramentas tecnológicas adequadas	4.6.	Utilização de ferramentas tecnológicas adequadas e pertinentes
5.	Textos orais com diferentes finalidades (4 min.):	5.	Textos orais com diferentes finalidades (5 min.)	5.	Textos orais com diferentes finalidades (5 min.)
5.1.	- narração	5.1.	- informação	5.1.	- apresentação oral de um tema, justificando pontos de vista
5.2.	- apresentação oral de um tema	5.2.	- explicação	5.2.	- argumentação, para persuadir os interlocutores
5.3.	- apresentação e defesa de ideias, comportamentos, valores , justificando pontos de vista	5.3.	- apresentação e defesa de ideias, comportamentos, valores, argumentando e justificando pontos de vista	5.3.	- apreciações críticas

*O7 = Oralidade do 7º ano | *O8 = Oralidade do 8º ano | *O9 = Oralidade do 9º ano
Nota: na coluna das Metas, o primeiro número, a negrito, remete para o objetivo e o segundo número para o descritor de desempenho, tal como estão numerados no documento das Metas Curriculares.

Leitura

7º Ano	8º Ano	9º Ano
Leitura expressiva		
Leitura em voz alta com preparação prévia	Leitura em voz alta com preparação prévia	Leitura em voz alta com preparação prévia
6.1.	7.1.	7.1.
Textos		
7.1.	8.1.	8.1.
Textos narrativos	Textos narrativos	Textos narrativos
Descrições	Descrições	
Textos biográficos	Textos biográficos	
Retratos e autorretratos	Páginas de um diário	
Textos informativos	Páginas de memórias	
Textos expositivos	Textos expositivos	Textos expositivos
Textos de opinião	Textos de opinião	Textos de opinião
Críticas	Críticas	Críticas
Comentários	Comentários	Comentários
Cartas	Cartas de apresentação e currículos	
Reportagens	Reportagens	
Entrevistas	Entrevistas	Entrevistas
Roteiros	Roteiros	
Texto publicitário		Textos argumentativos
		Textos científicos
		Recensões de livros
10.1.	11.2.	11.2.
Textos apresentados em diferentes suportes	Textos apresentados em diferentes suportes e espaços de circulação	Textos apresentados em diferentes suportes e espaços de circulação

*L7 = Leitura do 7º ano | *L8 = Leitura do 8º ano | *L9 = Leitura do 9º ano

Nota: na coluna das Metas, o primeiro número, a negrito, remete para o objetivo e o segundo número para o descritor de desempenho, tal como estão numerados no documento das Metas Curriculares.

L7*	7º Ano	L8*	8º Ano	L9*	9º Ano
Interpretação/apreciação crítica					
8.1.	Formulação e comprovação de hipóteses			9.1.	Vocabúlos clássicos, léxico especializado e vocabulário diferenciado da esfera da escrita (reconhecimento e utilização)
8.2.	Temas e ideias principais	9.1.	Temas e ideias principais (justificação)	9.2.	Temas e ideias principais (justificação)
8.3.	Pontos de vista e universos de referência	9.2.	Pontos de vista e universos de referência (justificação)	9.3.	Pontos de vista e universos de referência (justificação)
8.4.	Causas e efeitos	9.3.	Causas e efeitos		
8.5.	Deduções e inferências	9.4.	Deduções e inferências (justificação)		
8.6.	Facto e opinião	9.5.	Elementos de persuasão		
8.7.	Estruturação do texto (partes)	9.6.	Estruturação do texto (partes e subpartes)	9.4.	Estruturação do texto (atribuição de títulos a partes e subpartes)
8.8.	Elementos de continuidade e progressão temática e de coerência e coesão:	9.7.	Relações intratextuais:	9.5.	Relações intratextuais:
	- repetições		- semelhança		- semelhança
	- substituições por pronomes (pessoais, demonstrativos e possessivos)		- oposição		- oposição
	- substituições por sinónimos e expressões equivalentes		- parte-todo		- parte-todo
	- referência por possessivos		- causa-consequência		- causa-consequência
	- conectores		- genérico-específico		- genérico-específico
	- ordenação correlativa de tempos verbais				
8.9.	Sentido global do texto	9.8.	Sentido global do texto	9.6.	Relação da estruturação do texto com a construção da significação e com a intenção do autor
10.1.	Pontos de vista e apreciações críticas (justificação) suscitados por textos lidos em diferentes suportes	11.1.	Pontos de vista e apreciações críticas (justificação) suscitados por textos lidos em diferentes suportes	9.7.	Sentido global do texto (justificação)
		11.2.	Papel dos suportes (papel, digital, visual) e espaços de circulação (jornal, internet...) na estruturação e receção dos textos	11.1.	Pontos de vista e apreciações críticas (justificação) suscitados por textos lidos em diferentes suportes
				11.2.	Papel dos suportes (papel, digital, visual) e espaços de circulação (jornal, internet...) na estruturação e receção dos textos

*L7 = Leitura do 7º ano | *L8 = Leitura do 8º ano | *L9 = Leitura do 9º ano

Nota: na coluna das Metas, o primeiro número, a negrito, remete para o objetivo e o segundo número para o descritor de desempenho, tal como estão numerados no documento das Metas Curriculares.

L7*	7º Ano	L8*	8º Ano	L9*	9º Ano
Tratamento da informação					
9.1.	Tomada de notas Registo de tópicos	10.1.	Organização de notas	10.2.	Organização em tópicos da informação do texto
9.2.	Identificação de ideias-chave	10.2.	Identificação de ideias-chave	10.1.	Identificação de ideias-chave
Variação linguística					
		12.1.	Variação linguística: ³ - plano lexical - plano sintático Variedades do português: ⁴ - contextos históricos e geográficos de ocorrência	12.1.	Variação linguística: ³ - plano fonológico - plano lexical - plano sintático Variedades do português: ⁴ - contextos históricos e geográficos de ocorrência
		12.2.		12.2.	

³ Cf. domínio da oralidade (O8 – 6.1. e O9 – 6.1.).

⁴ Cf. domínio da oralidade (O8 – 6.2. e O9 – 6.2.).

*L7 = Leitura do 7º ano | *L8 = Leitura do 8º ano | *L9 = Leitura do 9º ano

Nota: na coluna das Metas, o primeiro número, a negrito, remete para o objetivo e o segundo número para o descritor de desempenho, tal como estão numerados no documento das Metas Curriculares.

Escrita

E7*	7º Ano	E8*	8º Ano	E9*	9º Ano
Processualidades – planificação					
11.1.	Estratégias de planificação (recolha de informação e discussão em grupo...)				Consolidação dos procedimentos de planificação
11.2.	Definição de objetivos de escrita Registo de ideias	13.1.	Definição de objetivos de escrita Registo e organização de ideias Organização da informação segundo a tipologia do texto	13.1.	
11.3.	Organização da informação segundo a tipologia do texto				
Processualidades – textualização					
Coerência, coesão e correção linguísticas:					
12.1.	Caligrafia legível				Coerência, coesão e correção linguísticas:
12.2.	Ordenação e hierarquização da informação: - continuidade de sentido - progressão temática - coerência global do texto	14.1.	Ordenação e hierarquização da informação: - continuidade de sentido - progressão temática - coerência global do texto	14.1.	Ordenação e hierarquização da informação: - continuidade de sentido - progressão temática - coerência global do texto
12.3.	- marcação de parágrafos				
12.4.	Estruturação e formato: - convenções tipológicas - convenções (orto)gráficas	14.2.	Estruturação e formato: - convenções tipológicas - convenções (orto)gráficas	14.2.	Estruturação e formato: - convenções tipológicas - convenções (orto)gráficas
12.6.	Vocabulário e estruturas sintáticas (diversificação)	14.4.	Vocabulário e estruturas sintáticas (diversificação)	14.4.	Vocabulário e estruturas sintáticas (diversificação)
12.7.	Sinais auxiliares da escrita e sinais de pontuação: - ponto final - ponto de interrogação - ponto de exclamação - dois pontos (em introdução do discurso direto e de enumerações)	14.5.	Sinais de pontuação: - dois pontos (em introdução de citações e de uma síntese ou consequência do anteriormente enunciado) - ponto e vírgula	14.5.	Sinais de pontuação (consolidação): - delimitação de constituintes de frase - veiculação de valores discursivos

*E7 = Escrita do 7º ano | *E8 = Escrita do 8º ano | *E9 = Escrita do 9º ano

Nota: na coluna das Metas, o primeiro número, a negrito, remete para o objetivo e o segundo número para o descritor de desempenho, tal como estão numerados no documento das Metas Curriculares.

E7*	7º Ano	E8*	8º Ano	E9*	9º Ano
Processualidades – textualização					
- vírgula (em enumerações, datas, deslocação de constituintes e uso do vocativo) 12.8. Identificação das fontes utilizadas 12.5. Adequação a públicos e a finalidades comunicativas diferenciados	14.6. 14.3. 14.7.	Normas para citação Adequação a públicos e a finalidades comunicativas diferenciados TIC (produção, revisão e edição)	14.6. 14.3. 14.8. 14.7.	Produção de bibliografia Adequação a públicos e a finalidades comunicativas diferenciados TIC (produção, revisão e edição) Revisão e aperfeiçoamento de texto no decurso da redação	
Processualidades – revisão					
17.1. 17.2.	19.1.	Avaliação da correção e da adequação do texto Reformulação	19.1.	Reformulação	
Textos					
Expressão de conhecimentos: Respostas completas - a questões sobre um texto - a instruções de trabalho 13.1. 13.2. 13.3.	15.1. 15.2. 15.3.	Expressão de conhecimentos: Respostas completas - a questões sobre um texto - a instruções de trabalho (detetando o foco da pergunta) Planos de textos informativos e expositivos Resumos de textos informativos e expositivos Sínteses de textos informativos e expositivos	15.1. 15.2. 15.3.	Expressão de conhecimentos: Respostas completas - a questões sobre um texto - a instruções de trabalho (detetando o foco da pergunta) Planos de textos expositivos e argumentativos Resumos de textos expositivos e argumentativos Sínteses de textos expositivos e argumentativos	

*E7 = Escrita do 7º ano | *E8 = Escrita do 8º ano | *E9 = Escrita do 9º ano

Nota: na coluna das Metas, o primeiro número, a negrito, remete para o objetivo e o segundo número para o descritor de desempenho, tal como estão numerados no documento das Metas Curriculares.

E7*	7º Ano	E8*	8º Ano	E9*	9º Ano
Textos					
14.1.	Textos informativos: - introdução ao tópico - desenvolvimento (informação agrupada em parágrafos e apresentando factos, definições, pormenores e exemplos) - conclusão	16.1.	Textos expositivos: - predomínio da função informativa - estrutura interna: - introdução ao tema - desenvolvimento expositivo, sequencialmente encadeado e corroborado por evidências - conclusão - uso predominante da frase declarativa	16.1.	Textos expositivos: - predomínio da função informativa documentada - estrutura interna: - introdução ao tema - desenvolvimento expositivo, sequencialmente encadeado e corroborado por evidências - conclusão - raciocínio lógico - uso predominante da frase declarativa
15.1.	Textos argumentativos: - tomada de uma posição - apresentação de razões que a justifiquem - conclusão coerente	17.1.	Textos argumentativos: - tomada de uma posição - apresentação de razões que a justifiquem, com argumentos que diminuam a força das ideias contrárias - conclusão coerente - argumentação contrária	17.1.	Textos argumentativos: - tomada de uma posição - apresentação de razões que a justifiquem, com argumentos que diminuam a força das ideias contrárias - conclusão coerente - argumentação contrária
16.1.	Textos narrativos	18.1.	Textos biográficos		
16.2.	Textos biográficos				
16.3.	Retratos e autorretratos				
16.4.	Comentários	18.6.	Comentários (subordinados a tópicos fornecidos)	18.2.	Comentários (subordinados a tópicos fornecidos)
16.5.	Cartas	18.3.	Cartas de apresentação		
16.6.	Guião de uma entrevista	18.4.	Roteiros		
16.7.	Relatórios	18.5.	Relatórios		
		18.2.	Páginas de um diário e de memórias	18.1.	Guião (para uma dramatização ou filme)

*E7 = Escrita do 7º ano | *E8 = Escrita do 8º ano | *E9 = Escrita do 9º ano

Nota: na coluna das Metas, o primeiro número, a negrito, remete para o objetivo e o segundo número para o descritor de desempenho, tal como estão numerados no documento das Metas Curriculares.

Educação Literária

EL7*	7º Ano	EL8*	8º Ano	EL9*	9º Ano
Interpretação de textos literários (lista de obras e textos das Metas Curriculares)					
18.1.	Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao género)	20.1.	Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao género)	20.1.	Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao género)
18.2.	Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação)	20.2.	Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação)	20.2.	Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação)
18.3.	Sentido global do texto⁷	20.3.	Sentido global do texto		
18.5.	Estruturação do texto (partes)⁸	20.7.	Estruturação do texto (partes e subpartes)	20.5.	Estruturação do texto (atribuição de títulos a partes e subpartes)
18.4.	Poesia lírica: - estrofe - verso - refrão - rima - esquema rímático	20.4.	Texto dramático: - ato - cena - fala - indicação cénica - diálogos, monólogos e apartes	20.3.	Narrativa: - estrutura - ação e episódios - personagens - narrador de 1ª e 3ª pessoa - contexto espacial - contexto temporal
		20.5.	Ponto de vista de diferentes personagens	20.4.	Ponto de vista de diferentes personagens
		20.6.		20.6.	Processos da construção ficcional: - ordem cronológica dos factos narrados - ordenação dos factos na narrativa
18.8.	Textos de diferentes géneros: - comparação de diferenças e semelhanças (temas e formas)	20.9.	Textos: - novidade de um texto em relação a outro(s) - relações de intertextualidade	20.8.	Textos de diferentes géneros (reconhecimento e caracterização): - epopeia - romance

⁷ Cf. domínio da leitura (L7 – 8.2., 8.3., 8.9.).

⁸ Cf. domínio da leitura (L7 – 8.7.).

*EL7 = Educação Literária do 7º ano | *EL8 = Educação Literária do 8º ano | *EL9 = Educação Literária do 9º ano

Nota: na coluna das Metas, o primeiro número, a negrito, remete para o objetivo e o segundo número para o descritor de desempenho, tal como estão numerados no documento das Metas Curriculares.

EL7*	7º Ano	EL8*	8º Ano	EL9*	9º Ano
Interpretação de textos literários (lista de obras e textos das Metas Curriculares)					
18.6. Recursos expressivos (valor): - enumeração - personificação - comparação - anáfora - perífrase - metáfora - aliteração - pleonismo - hipérbole 18.7. Sinais de pontuação: - valores discursivos		20.3. Recursos expressivos (valor): - antítese - perífrase - eufemismo - ironia		20.8. - conto - crônica - soneto - texto dramático Recursos expressivos (valor): - anáfora - símbolo - alegoria - sinédoque 20.7.	
				Obras literárias (relação com marcos históricos e culturais): - relações que as obras estabelecem com o contexto social, histórico e cultural - ideias e valores expressos (textos de diferentes épocas e culturas em comparação) - valorização enquanto objeto simbólico, no plano do imaginário individual e coletivo 22.1. 22.2. 22.3.	

*EL7 = Educação Literária do 7º ano | *EL8 = Educação Literária do 8º ano | *EL9 = Educação Literária do 9º ano

Nota: na coluna das Metas, o primeiro número, a negrito, remete para o objetivo e o segundo número para o descritor de desempenho, tal como estão numerados no documento das Metas Curriculares.

EL7*	7º Ano	EL8*	8º Ano	EL9*	9º Ano
Apreciação de textos literários (lista de obras e textos das Metas Curriculares e listagem do PNL)					
19.1.	Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao gênero)	21.1.	Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao gênero)	21.1.	Textos literários diversificados (quanto ao país de origem e ao gênero)
19.2.	Valores culturais Respostas de leitura:	21.2.	Valores culturais e éticos Respostas de leitura:	21.2.	Valores culturais, éticos, estéticos, políticos e religiosos Respostas de leitura:
19.3.	- ideias pessoais (oral e escrito)	21.3.	- opiniões e problematização de sentidos (oral e escrito)	21.3.	- pontos de vista e apreciações críticas (oral e escrito)
19.4.	- comentário (cerca de 100 palavras)	21.4.	- comentário crítico (cerca de 120 palavras)	21.4.	- comentário crítico (cerca de 140 palavras)
Fruição estética (Listagem do PNL)					
20.1.	Leitura por iniciativa e gosto pessoal, com gradual aumento de extensão e complexidade dos textos Respostas de leitura:	22.1.	Leitura por iniciativa e gosto pessoal, com gradual aumento de extensão e complexidade dos textos Respostas de leitura:	23.1.	Leitura por iniciativa e gosto pessoal, com gradual aumento de extensão e complexidade dos textos Respostas de leitura:
20.2.	- leitura oral (individualmente ou em grupo) - recitação - dramatização	22.2.	- leitura oral (individualmente ou em grupo) - recitação - dramatização		
		22.3.	- análise de recriações de obras literárias com recurso a diferentes linguagens (música, teatro, cinema, adaptações a séries de TV)		
20.3.	- textos diversos (escrita)	22.4.	- textos diversos (escrita)	23.2.	- textos variados (reflexão escrita sobre textos literários e sobre as suas especificidades)
		22.5.	- projetos e circuitos de comunicação escrita		

*EL7 = Educação Literária do 7º ano | *EL8 = Educação Literária do 8º ano | *EL9 = Educação Literária do 9º ano

Nota: na coluna das Metas, o primeiro número, a negrito, remete para o objetivo e o segundo número para o descritor de desempenho, tal como estão numerados no documento das Metas Curriculares.

LISTA DE OBRAS E TEXTOS PARA EDUCAÇÃO LITERÁRIA – 7º ANO

Escolher um mínimo de:

3 NARRATIVAS DE AUTORES PORTUGUESES	Alexandre Herculano, "O Castelo de Faria", in <i>Lendas e Narrativas</i> Raul Brandão, "A pesca da baleia", in <i>As Ilhas Desconhecidas</i> Miguel Torga, "Miúra" OU "Ladino", in <i>Bichos</i> Manuel da Fonseca, "Mestre FINEZAS", in <i>Aldeia Nova</i> Teolinda Gersão, "Avó e neto contra vento e areia", in <i>A Mulher que Prendeu a Chuva e outras Histórias</i> Luísa Costa Gomes, <i>A Pirata</i>
1 CONTO TRADICIONAL	Teófilo Braga, <i>Contos Tradicionais do Povo Português</i> Trindade Coelho, "As três maçãzinhas de ouro" OU "A parábola dos 7 vimes", in <i>Os meus Amores</i>
1 TEXTO DRAMÁTICO DE AUTOR PORTUGUÊS	Alice Vieira, <i>Leandro, Rei da Helíria</i> Maria Alberta Menêres, <i>À Beira do Lago dos Encantos</i>
1 CONTO (A SELECIONAR) DE AUTOR DE PAÍS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA	José Eduardo Agualusa, <i>A Substância do Amor e outras Crônicas</i>
1 NARRATIVA DE AUTOR ESTRANGEIRO	Luis Sepúlveda, <i>História de uma Gaiota e do Gato que a Ensinou a Voar</i> (trad. Pedro Tamen) Robert Louis Stevenson, <i>A Ilha do Tesouro</i> (adapt. António Pescada) Michel Tournier, <i>Sexta-Feira ou a Vida Selvagem</i>
2 TEXTOS DE LITERATURA JUVENIL	Irene Lisboa, <i>Uma Mão cheia de nada, outra de coisa nenhuma</i> Sophia de Mello Breyner Andresen, <i>O Caudaleiro da Dinamarca</i> Agustina Bessa-Luís, <i>Dentes de Rato</i> Frederico Lourenço, <i>Odisseia Contada a Jovens</i>
16 POEMAS DE PELO MENOS 10 AUTORES DIFERENTES	Florbela Espanca, "Eu quero amar, amar perdidamente!", "Ser poeta", in <i>Sonetos</i> José Régio, "Cântico negro", in <i>Poemas de Deus e do Diabo</i> ; "O Papão", in <i>As Encruzilhadas de Deus</i> ; "Tenho ao cimo da escada, de maneira", in <i>Mas Deus É Grande</i> Vitorino Nemésio, "A concha", "Fique o'clock tea", in <i>O Bicho Harmonioso</i> ; "Meu coração é como um peixe cego", in <i>Eu, Comovido a Oeste</i> António Ramos Rosa, "Não posso adiar o amor", "Para um amigo tenho sempre um relógio", in <i>Viagem através duma Nebulosa</i>

LISTA DE OBRAS E TEXTOS PARA EDUCAÇÃO LITERÁRIA – 7º ANO

Escolher um mínimo de:

16 POEMAS DE PELO MENOS 10 AUTORES DIFERENTES	Antônio Gedão, "Impressão digital", "Pedra filosofal", "Lágrima de preta", "Poema do fecho éclair", in <i>Obras Completas</i>
	Miguel Torga, "História antiga", "Ariane", in <i>Diário I</i> ; "Segredo" in <i>Diário VIII</i> ; "A espera", in <i>Poemas Ibéricos</i>
	Manuel da Fonseca, "O vagabundo do mar", "Maria Campaniça", "Mataram a tuna", in <i>Obras Poéticas</i>
	Eugênio de Andrade, "As palavras", "Canção", "É urgente o amor"
	Sebastião da Gama, "O sonho", in <i>Pelo sonho é que vamos</i> ; "O papagaio", in <i>Itinerário Paralelo</i>
	Ruy Cinatti, "Meninos tomaram coragem", "Quando eu partir, quando eu partir de novo", in <i>Nós não Somos deste Mundo</i> ; "Linha de fumo", in <i>O Livro do Nômade Meu Amigo</i> ; "Morte em Timor", "Andlise", in <i>Uma Sequência Timorense</i>
	Alexandre O'Neill, "Amigo", "Gaivota", "Autorretrato", in <i>Poesias Completas</i>
	David Mourão-Ferreira, "Barco negro", "Maria Lisboa", "Capital", "E por vezes", in <i>Obras Poéticas</i>
	Percy B. Shelley, "Correm as fontes ao rio [Love's Philosophy]" (trad. Luis Cardim), in <i>Horas de Fuga</i>

LISTA DE OBRAS E TEXTOS PARA EDUCAÇÃO LITERÁRIA – 8º ANO

Escolher um mínimo de:

3 NARRATIVAS DE AUTORES PORTUGUESES	Alexandre Herculano, "A abóbada", in <i>Lendas e Narrativas</i>
	José Gomes Ferreira, "Parece impossível mas sou uma nuvem", in <i>O Mundos dos outros</i>
	Miguel Torga, "Vicente", in <i>Bichos</i>
	Jorge de Sena, "Homenagem ao Papagaio Verde", in <i>Os Grão-capitães</i>
	Mário Dionísio, "Assobiando à vontade", in <i>O Dia Cinzento e Outros Contos</i>
	Sophia de M. B. Andresen, "Saga", in <i>Histórias da Terra e do Mar</i>
	Mário de Carualho, "A Inaudita Guerra da Av. Gago Coutinho", in <i>Inaudita Guerra da Av. Gago Coutinho e outras Histórias</i>
2 TEXTOS DRAMÁTICOS DE AUTORES PORTUGUESES	Antônio Gedão, <i>História Breve da Lua</i>
	Manuel António Pina, <i>Aquilo que os Olhos Veem ou o Adamastor</i>
	Lúcia Costa Gomes, <i>Vanessa Vai à Luta</i>
	Hélia Correia (adapt.), <i>A Ilha Encantada (A Tempestade, de W. Shakespeare)</i>

LISTA DE OBRAS E TEXTOS PARA EDUCAÇÃO LITERÁRIA – 8º ANO

Escolher um mínimo de:

1 CONTO (A SELECIONAR) DE AUTOR DE PAÍS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA	Mia Couto, <i>Mar me Quer</i>
1 TEXTO DE AUTOR ESTRANGEIRO	J. R. R. Tolkien, <i>O Hobbit</i> Anne Frank, <i>O Diário de Anne Frank</i> Roald Dahl, <i>Contos do Imprevisto</i>
2 TEXTOS DE LITERATURA JUVENIL	<i>A Eneida de Virgílio Contada às Crianças e ao Povo</i> (adapt. de João de Barros) Ilse Losa, <i>O Mundo em que Vivi</i> Álvaro Magalhães, <i>O Último dos Grimm</i> Vasco Graça Moura, <i>Os Lusíadas para Gente Nova</i>
8 POEMAS	1 poema de Sá de Miranda: Cantiga: "Comigo me desauim", "O Sol é grande, caem co'a calma as aves", in <i>Obras Completas</i> 5 poemas de Luís de Camões, in <i>Lírica</i> : • Redondilhas: "Endechas a Bárbara escreu", "Descalça vai para a fonte"; • Esparsa: "Os bons ui sempre passar"; • Sonetos: "Alma minha, gentil, que te partiste", "Amor é fogo que arde sem se ver", "Aquela triste e leda madrugada", "Busque amor novas artes, novo engenho", "Erros meus, má fortuna, amor ardente", "O céu, a terra, o vento sossegado", "Quando de minhas mágoas a comprida imaginação" 2 poemas de Almeida Garrett: "As minhas asas", in <i>Flores sem Fruto</i> ; "Barca Bela", in <i>Folhas Caídas</i>
8 POEMAS DE 8 AUTORES DIFERENTES	Cantiga: "Estava eu na ermida de São Simeão", "Ergue-te amigo, que dormes nas manhãs frias", "Pelo souto de Crescente", "Os provençais que bem sabem trovar", in <i>Cantares dos Trouvadores Galego-Portugueses</i> (versão de Natália Correia) João Roiz de Castel Branco, "Senhora partem tão tristes", in <i>Cancioneiro Geral</i> Nicolau Tolentino, "Chaves na mão, melena desgrehada", "De bolorentos lírios rodeado", in <i>Obras Poéticas</i> Bocage, "Magro, de olhos azuis, carão moreno", "O céu de opacas sombras abafado", in <i>Rimas</i> João de Deus, "Boas noites", in <i>Campo de Flores</i> Antero de Quental, "As fadas", in <i>Tesouro Poético da Infância</i> ; "O Palácio da Ventura", "Na mão de Deus", in <i>Sonetos</i>

LISTA DE OBRAS E TEXTOS PARA EDUCAÇÃO LITERÁRIA – 8º ANO

Escolher um mínimo de:

8 POEMAS DE 8 AUTORES DIFERENTES	Guerra Junqueiro, "A Moleirinha", "Regresso ao lar", in <i>Os Simples</i> Cesário Verde, "De tarde", "Eu, que sou feio, sólido, leal", in <i>O Livro de Cesário Verde/ Cânticos do Realismo</i> António Nobre, "Fala ao coração", "Menino e moço", "Na praia lá da Boa Nova, um dia", "Aqui, sobre estas águas cor de azeite", in <i>Só Petrarca</i> , "132 (Se amor não é, qual é meu sentimento?)" (trad. Vasco Graça Moura), in <i>As Rimas de Petrarca</i> Shakespeare, "Soneto XCVIII (De ti me separei na primavera)" (trad. Luís Cardim), Colóquio Letras nº 168/169 (<i>Imagens da Poesia Europeia II</i>)
-------------------------------------	---

LISTA DE OBRAS E TEXTOS PARA EDUCAÇÃO LITERÁRIA – 9º ANO

Escolher um mínimo de:

PASSOS DE OS LUSÍADAS, DE LUÍS DE CAMÕES, COM INCIDÊNCIA NOS SEQUINTE EPISÓDIOS E ESTÂNCIAS	Canto I – estâncias 1-3 e 19-41; Canto III – estâncias 118-135; Canto IV – estâncias 84-93; Canto V – estâncias 37-60; Canto VI – estâncias 70-94; Canto IX – estâncias 18-29 e 75-84; Canto X – estâncias 142-144, 145-146 e 154-156
1 PEÇA TEATRAL DE GIL VICENTE	Farsa chamada Auto da Índia Auto da Barca do Inferno
2 NARRATIVAS DE AUTORES PORTUGUESES	Pero Vaz de Caminha, Carta a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil Eça de Queirós, "A aia" OU "O suave milagre" OU "Civilização", in <i>Contos</i> Camilo Castelo Branco, "Maria Moisés", in <i>Novelas do Minho</i> Vergílio Ferreira, "A galinha" OU "A palavra mágica", in <i>Contos</i>
2 CRÓNICAS	Maria Judite de Carvalho, "História sem palavras", "Os bárbaros", "Castanhas assadas", in <i>Este Tempo</i> António Lobo Antunes, "Elogio do subúrbio", "A consequência dos semáforos", in <i>Livro de Crónicas</i> ; "Subsídios para a biografia de António Lobo Antunes", "Um silêncio refulgente", in <i>Segundo Livro de Crónicas</i>
1 CONTO DE AUTOR DE PAÍS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA	Machado de Assis, "História comum" OU "O alienista" Clarice Lispector, "Felicidade clandestina"

LISTA DE OBRAS E TEXTOS PARA EDUCAÇÃO LITERÁRIA – 9º ANO

Escolher um mínimo de:

1 TEXTO DE AUTOR ESTRANGEIRO	Oscar Wilde, "O Fantasma de Canterville" Gabriel García Marquez, "A sexta de 3.ª feira" OU "Um dia destes", in <i>Contos Completos</i> John Steinbeck, <i>A Pérola</i>
1 TEXTO DE LITERATURA JUVENIL	<i>Peregrinação de Fernão Mendes Pinto</i> (adapt. Aquilino Ribeiro) José Gomes Ferreira, <i>Aventuras de João sem Medo</i> José Mauro de Vasconcelos, <i>Meu Pé de Laranja Lima</i>
4 POEMAS	Fernando Pessoa, "Se estou só, quero não estar", "O menino de sua mãe", "O sino da minha aldeia", in <i>Obra Poética</i>, "Mar português", "O Mostrengo", in <i>Mensagem</i> Camilo Pessanha, "Floriram por engano as rosas bravas", "Quando voltei encontrei meus passos", in <i>Clepsidra</i> Mário de Sá-Carneiro, "Recreio", in <i>Indícios de Oiro</i>; "Quasi", in <i>Dispersão</i> Irene Lisboa, "Monotonia", "Escrever", in <i>Outono Havias de Vir Latente, Triste</i> Almada Negreiros, "Luis, o poeta, salva a nado o poema", in <i>Obras Completas – Poesia</i> José Gomes Ferreira, "V (Nunca encontrei um pássaro morto na floresta)", in <i>Poeta Militante I</i>; "XXV (Aquele nuvem parece um cavalo...)", in <i>Poeta Militante II</i>; "III (O tempo parou)", "XIX (Errei as contas no quadro)", in <i>Poeta Militante III</i> Jorge de Sena, "Uma pequenina luz", "Camões dirige-se aos seus contemporâneos", "Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya", in <i>Poesia II</i> Sophia de M. B. Andresen, "As pessoas sensíveis", "Meditação do Duque de Gandia sobre a morte de Isabel de Portugal", "Porque", "Camões e a tença", in <i>Obra Poética</i> Carlos de Oliveira, "Vilancete castelhano de Gil Vicente", "Quando a harmonia chega", in <i>Terra da Harmonia</i> Ruy Belo, "Os estuadores", "E tudo era possível", "Algumas proposições com pássaros e árvores...", in <i>Obra Poética</i> Herberto Helder, "Não sei como dizer-te que minha voz te procura", in <i>A Colher na Boca</i> Gastão Cruz, "Ode soneto à coragem", "A cotovia é", "Tinha deixado a torpe arte dos versos", in <i>Os nomes</i> Nuno Júdice, "Escola", "Fragmentos", in <i>Meditação sobre Ruínas</i>; "O conceito de metáfora com citações de Camões e Florbela", "Contas", in <i>Rimas e Contas</i> Federico García Lorca, "Romance sonámbulo" (trad. José Bento), in <i>Obra Poética</i> Carlos Drummond de Andrade, "Receita de Ano Novo", in <i>Discurso da Primavera e Algumas Sombras</i>
12 POEMAS DE PELO MENOS 10 AUTORES DIFERENTES	

Gramática

Morfologia

G7*	7º Ano	G8*	8º Ano	G9*	9º Ano
21.6.	Significado de palavras complexas a partir do valor do radical e de prefixos e sufixos nominais, adjetivais e verbais do português Formação de palavras: - derivação (afixal e não afixal) - composição (por palavras e por radicais)				
21.4.					
21.5.	Plural de palavras compostas				
21.2.	Paradigmas flexionais dos verbos regulares da 1ª, da 2ª e da 3ª conjugações				
21.3.	Formas dos verbos irregulares e dos verbos defeituos (impessoais e unipessoais)				
21.1.	Modos e tempos verbais: - todos os tempos (simples e compostos) e modos				

*G7 = Gramática do 7º ano | *G8 = Gramática do 8º ano | *G9 = Gramática do 9º ano
Nota: na coluna das Metas, o primeiro número, a negrito, remete para o objetivo e o segundo número para o descritor de desempenho, tal como estão numerados no documento das Metas Curriculares.

Classes de palavras

G7*	7º Ano	G8*	8º Ano	G9*	9º Ano
22.1.	Nome: - próprio - comum (coletivo) Adjetivo: - qualificativo - numeral Verbo: - principal (intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto) - copulativo - auxiliar (dos tempos compostos e da passiva) Advérbio: - valores semânticos de negação, de afirmação, de quantidade e grau, de modo, de tempo, de lugar, de inclusão, de exclusão - funções: interrogativo, conectivo Locução adverbial Determinante: - artigo (definido e indefinido) - demonstrativo - possessivo - indefinido - relativo - interrogativo				

*G7 = Gramática do 7º ano | *G8 = Gramática do 8º ano | *G9 = Gramática do 9º ano

Nota: na coluna das Metas, o primeiro número, a negrito, remete para o objetivo e o segundo número para o descritor de desempenho, tal como estão numerados no documento das Metas Curriculares.

Classes de palavras

G7*	7º Ano	G8*	8º Ano	G9*	9º Ano
22.1.	Pronome: - pessoal - demonstrativo - possessivo - indefinido - relativo Quantificador numeral Preposição Locução prepositiva Interjeição Conjunção coordenativa: - copulativa - adversativa - disjuntiva - conclusiva - explicativa Conjunção subordinativa: - causal - temporal				
		23.1.	Conjunção subordinativa: - condicional - final - comparativa - consecutiva - concessiva - completiva Locução conjuncional		

* G7 = Gramática do 7º ano | *G8 = Gramática do 8º ano | *G9 = Gramática do 9º ano

Nota: na coluna das Metas, o primeiro número, a negrito, remete para o objeto e o segundo número para o descritor de desempenho, tal como estão numerados no documento das Metas Curriculares.

Sintaxe

G7*	7º Ano	G8*	8º Ano	G9*	9º Ano
23.1.	Pronome pessoal em adjacência verbal: - em frases afirmativas - em frases que contêm uma palavra negativa - em frases iniciadas por pronomes e advérbios interrogativos - com verbos antecidos de certos advérbios (bem, mal, ainda, já, sempre, só, talvez...) Funções sintáticas: - sujeito (subentendido e indeterminado)	24.1.	Pronome pessoal em adjacência verbal: - em orações subordinadas - na conjugação do futuro e do condicional	25.1.	Pronome pessoal em adjacência verbal: - em todas as situações
23.2.		24.2.	Funções sintáticas: - modificador do nome restritivo - modificador do nome apositivo	25.2.	Funções sintáticas: - consolidação
23.3.	- vocativo - predicado - complemento direto - complemento indireto - complemento oblíquo - complemento agente da passiva - predicativo do sujeito - modificador				
23.4.	Frase ativa e frase passiva (transformação)				
23.5.	Discurso direto e discurso indireto (transformação em todas as situações)				
23.6.	Orações coordenadas: - copulativas (sindéticas e assindéticas) - adversativas - disjuntivas - conclusivas - explicativas				
23.8.	Oração subordinante				

*G7 = Gramática do 7º ano | *G8 = Gramática do 8º ano | *G9 = Gramática do 9º ano

Nota: na coluna das Metas, o primeiro número, a negrito, remete para o objetivo e o segundo número para o descritor de desempenho, tal como estão numerados no documento das Metas Curriculares.

Sintaxe

G7*	7º Ano	G8*	8º Ano	G9*	9º Ano
23.7.	Orações subordinadas adverbiais: - causais - temporais Orações subordinadas adjetivas: - relativas	24.3.	Orações subordinadas adverbiais: - condicionais - finais - comparativas - consecutivas - concessivas Orações subordinadas substantivas: - completivas (função de complemento direto)	25.3.	Orações subordinadas substantivas: - relativos
		24.4.	Elementos de que dependem as orações subordinadas	25.4.	Divisão e classificação de orações
		24.5.	Divisão e classificação de orações		

* G7 = Gramática do 7º ano | *G8 = Gramática do 8º ano | *G9 = Gramática do 9º ano

Nota: na coluna das Metas, o primeiro número, a negrito, remete para o objetivo e o segundo número para o descritor de desempenho, tal como estão numerados no documento das Metas Curriculares.

G7*	7º Ano	G8*	8º Ano	G9*	9º Ano
		25.5. Relações semânticas: - sinonímia - antonímia - hiperonímia - holonímia Neologismos		26.1. Neologismos Arcaísmos	
		25.2. Palavras polissêmicas 25.3. e palavras monossêmicas 25.4. Campo semântico			

G9*	9º Ano
24.1.	Processos fonológicos de inserção: - prótese, epêntese e paragoge Processos fonológicos de supressão: - aférese, síncope e apócope Processos fonológicos de alteração de segmentos: - redução vocálica, assimilação, dissimilação e metátese

*G7 = Gramática do 7º ano | *G8 = Gramática do 8º ano | *G9 = Gramática do 9º ano

Nota: na coluna das Metas, o primeiro número, a negrito, remete para o objetivo e o segundo número para o descritor de desempenho, tal como estão numerados no documento das Metas Curriculares.



PLANIFICAÇÕES

2.1 Planificação anual

ATIVIDADES DE DIAGNÓSTICO												4 aulas *
SEQUÊNCIA 1 – CRÓNICAS E OUTROS TEXTOS												Calenda- rização
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC		
2 Crónicas (de Maria Judite de Carvalho e/ou António Lobo Antunes)	Textos literários diversificados quanto ao género Crónica	20.1	Leitura em voz alta com preparação prévia	7.1	Planificação (consolidação)	13.1	Compreensão oral Identificação de tópicos Produção oral Texto oral: Apresentação oral de um tema, justificando pontos de vista	1.2	Classes de palavras: nome, pronome, verbo, adjetivo, determinante, quantificador	Revisão	10 aulas	
		20.8	Crítica	8.1	Ordenação e hierarquização da informação: coerência global do texto	14.1						
		20.2	Léxico especializado Vocabulário diferenciado da esfera da escrita	9.1								
Texto informativo	Temas Ideias principais Pontos de vista Universos de referência		Temas Ideias principais	9.2	Estruturação e formato: convenções tipológicas e (orto)gráficas	14.2		5.1	Tipos de verbo principal	Revisão		
Crítica	Estruturação do texto em partes Atribuição de títulos a partes e subpartes	20.5	Pontos de vista Universos de referência	9.3				5.3	Verbo defetivo (unipessoal e impessoal)	Revisão		
	Recursos expressivos (valor)	20.7	Sentido global do texto (justificação)	9.7	Sinais de pontuação: delimitação dos constituintes da frase	14.5			Infinitivo pessoal e impessoal	Revisão		
			Estruturação do texto Atribuição de títulos a partes e subpartes	9.4	Revisão e aperfeiçoamento do texto no decurso da redação	14.7			Formas verbais não finitas	Revisão		
			Relações intratextuais: semelhança, oposição, causa-consequência	9.5	Reformulação	19.1			Plural do nome	Revisão		
			Organização em tópicos da informação do texto	10.2	Respostas completas a questões sobre um texto	15.1			Pronome em adjacência verbal	25.1		
			Pontos de vista e apreciações críticas suscitados por textos lidos em diferentes suportes	11.1	Texto expositivo	16.1						
			Papel dos suportes (papel, digital, visual) no espaços de circulação (jornal, internet,...) na estruturação e recepção dos textos	11.2	Texto argumentativo	17.1						
					Plano de texto argumentativo	15.3						

*1 aula = bloco de 45 min.

SEQUÊNCIA 2 – AUTO DA BARCA DO INFERNO E OUTROS TEXTOS										Calenda- rização
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
1 peça teatral de Gil Vicente (<i>Auto da Barca do Inferno</i> ou <i>Auto da Índia</i>)	Textos literários diversificados quanto à época e ao género	20.1 21.1	Leitura em voz alta com preparação prévia	7.1	Planificação (consolidação)	13.1	Compreensão oral Identificação de tópicos	1.2	Classes de palavras: pronomes, advérbio, determinante, interjeições, preposições, subclasses do verbo	Revisão
	Texto dramático	20.8	Texto expositivo	8.1	Estruturação e formato: convenções tipológicas e (orto)gráficas	14.2		1.3		
“Vilancete castelhano de Gil Vicente”, de Carlos de Oliveira	Temas	20.2	Texto de opinião	8.1	Vocabulário e estruturas sintáticas (diversificação)	14.4	Identificação de ideias-chave	2.1	Flexão verbal	Revisão
	Ideias principais Pontos de vista Universos de referência	9.1	Vocabúlos clássicos e léxico especializado	9.1		14.7		2.1		
Textos expositivos	Pontos de vista das diferentes personagens	20.4	Temas Ideias principais	9.2	Revisão e aperfeiçoamento do texto no decurso da redação	14.7	Manifestação de ideias e pontos de vista	1.4	Pronome em adjacência verbal	25.1
	Estruturação do texto (partes e subpartes)	20.5	Pontos de vista Universos de referência	9.3	Reformulação	19.1		2.2		
Textos de opinião	Recursos expressivos	20.7	Estruturação do texto Atribuição de títulos e subtítulos a partes e subpartes	9.4	Respostas completas a questões sobre um texto	15.1	Interação oral Justificação de ideias e opiniões	3.3	Funções sintáticas: sujeito, predicado, complemento direto, complemento indireto, complemento obliquo, complemento agente da passiva, vocativo, modificador,	25.2
	Valores culturais, éticos, estéticos, políticos e religiosos	21.2	Relações intratextuais: semelhança, oposição, causa-consequência, genérico-específico	9.5	Texto expositivo Comentário subordinado a tópicos fornecidos	16.1 18.2		3.4		
Uma obra do PNL	Relações com o contexto social, histórico e cultural	22.1	Relação da estruturação do texto com a construção da significação e com a intenção do autor	9.6	Plano de texto expositivo	15.3	Estabelecimento de relações com outros conhecimentos	3.2	Tipos de sujeito	25.2
	Comentário crítico (140 palavras)	21.4	Sentido global do texto (justificação)	9.7	Texto argumentativo Plano de texto argumentativo	17.1		4.1		
PNL Leitura por iniciativa e gosto pessoal Reflexão escrita	Leitura por iniciativa e gosto pessoal	23.1	Organização em tópicos da informação do texto	10.2	Argumentação contrária	17.2	Utilização de informação pertinente (conhecimentos pessoais ou dados obtidos em fontes)	4.2	Orações coordenadas sintéticas e assindéticas	Revisão
	Reflexão escrita	23.2	Variação linguística	12.1	Resumo de texto expositivo	15.3		4.4		

SEQUÊNCIA 2 – AUTO DA BARCA DO INFERNO E OUTROS TEXTOS

Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC	Calenda- rização
					Síntese de texto expositivo Guião para filme	15.3 18.1	Textos orais: Apresentação oral de um tema, justificando pontos de vista Apreciação crítica	5.1 5.3	Evolução semântica Arcaísmos	Revisão 26.1	

SEQUÊNCIA 3 – OS LUSÍADAS E OUTROS TEXTOS

Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC	Calenda- rização
<i>Os Lusíadas</i> , de Luís de Camões	Textos literários diversificados quanto à época e ao gênero Epoieia	20.1 21.1	Leitura em voz alta com preparação prévia	7.1	Planificação (consolidação)	13.1	Compreensão oral		Significado das palavras a partir do valor dos prefixos e sufixos	Revisão	26 aulas
<i>Carta de Pêro Vaz de Caminha a el-rei</i>	Temas Ideias principais	20.8	Texto científico	8.1	Ordenação e hierarquização da informação: continuidade, progressão e coerência	14.1	Identificação de tópicos	1.1	Formação de palavras	Revisão	
<i>D. Manuel sobre o achamento do Brasil</i>	Pontos de vista Universos de referência	20.2	Texto narrativo				Informação objetiva e subjetiva	1.3	Classes de palavras: pronomes relativos, advérbio, conjunção, locução conjuncional, preposição	Revisão	
Texto científico	Narrativa: estrutura, ação e episódios Personagens, narrador de 1.ª e 3.ª pessoa, contexto espacial, contexto temporal	20.3	Comentário	9.1	Estruturação e formato: convenções tipológicas e (orto)gráficas	14.2	Identificação de ideias-chave	2.1	Tempos e modos verbais	Revisão	
Texto narrativo			Vocábulos clássicos, léxico especializado e vocabulário diferenciado da esfera da escrita		Vocabulário e estruturas sintáticas (diversificação)	14.4	Manifestação de ideias e pontos de vista	1.4	Pronome em adjacência verbal	25.1	
Texto expositivo	Pontos de vista das diferentes personagens	20.4	Temas Ideias principais	9.2	Sinais de pontuação: delimitação de constituintes da frase, veiculação de valores discursivos	14.5	Interação oral	3.3	Funções sintáticas Tipos de sujeito	Revisão	
“Camões e a tença”, de Sophia de Mello Breyner Andersen	Estruturação do texto (atribuição de títulos a partes e subpartes)	20.5	Pontos de vista Universos de referência	9.3	Revisão e aperfeiçoamento do texto no decurso da redação	14.7	Justificação de ideias e opiniões	3.4	Divisão e classificação de orações	25.2 25.4	
“Luís, o poeta, salva a nado o poema”, de Almada Negreiros	Processos de construção ficcional: ordem cronológica dos factos narrados, ordenação dos factos na narrativa	20.6	Estruturação do texto Atribuição de títulos e subtítulos a partes e subpartes	9.4	Reformulação	19.1	Consideração de pontos de vista contrários	4.1	Orações subordinadas adjetivas	Revisão	
	Recursos expressivos	20.7	Relações intratextuais: parte-todo, causa- -consequência, genérico-específico	9.5			Planificação por tópicos	4.4	Oração subordinada substantiva completa	Revisão	

SEQUÊNCIA 3 – OS LUSÍADAS E OUTROS TEXTOS										Calenda- rização
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
“Camões dirige-se aos seus contem- porâneos”, de Jorge de Sena “Mar Português”, de Fernando Pessoa “O Mostrengo”, de Fernando Pessoa	Valores culturais, éticos, estéticos, políticos e religiosos	21.2	Relação da estruturação do texto com a construção da significação e a intenção do autor	9.6	Respostas completas a questões sobre um texto, a instruções de trabalho	15.1 15.2	Textos orais: Apresentação oral de um tema, justificando pontos de vista	5.1	Neologismos e arcaísmos	26.1
	Relações com o contexto social, histórico e cultural	22.1	Identificação de ideias-chave	10.1	Texto expositivo Plano de texto expositivo	16.1 15.3	Argumentação para persuasão dos interlocutores	5.2	Sentido conotativo e denotativo	Revisão
	Comentário crítico (140 palavras)	21.4	Variação linguística	12.1	Texto argumentativo Plano de texto argumentativo	17.1 15.3	Apreciações críticas	5.3	Processos fonológicos	24.1
	Ideias e valores expressos (textos de diferentes épocas e culturas em comparação)	22.2			Argumentação contrária	17.2				
	Valorização enquanto objeto simbólico, no plano imaginário individual e coletivo	22.3			Comentário (subordinado a tópicos fornecidos)	18.2				

SEQUÊNCIA 4 – TEXTOS DE AUTORES PORTUGUESES											Calendarização
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC	
2 narrativas de autores portugueses	Textos literários diversificados quanto à época e ao género Conto	20.1 21.1	Leitura em voz alta com preparação prévia	7.1	Planificação (consolidação)	13.1	Compreensão oral		Adverbo: valores semânticos e funções	Revisão	
		20.8	Texto narrativo	8.1	Ordenação e hierarquização da informação: continuidade, progressão e coerência	14.1		1.1	Locução adverbial	Revisão	
1 texto de literatura juvenil	Temas	20.2	Texto argumentativo	9.2	Estruturação e formato: convenções tipológicas e (ortográficas	14.2	Informação objetiva e subjetiva	1.3	Locução prepositiva	Revisão	
	Ideias principais		Identificação de tópicos								
Texto narrativo	Universos de referência		Temas		Estruturação e formato: convenções tipológicas e (ortográficas		Informação objetiva e subjetiva		Tempos e modos verbais	Revisão	
Texto argumentativo	Narrativa: estrutura, ação e episódios	20.3	Ideias principais	9.3	e (ortográficas	14.4	Interação oral	3.3	Funções sintáticas	25.2	
	Personagens, narrador de 1.ª e 3.ª pessoa, contexto espacial, contexto temporal										
Entrevista			Pontos de vista		Vocabulário e estruturas sintáticas (diversificação)		Justificação de ideias e opiniões		Evolução semântica	Revisão	
Uma obra do PNL	Pontos de vista das diferentes personagens	20.4	Estruturação do texto	9.4	Sinais de pontuação: delimitação de constituintes da frase, veiculação de valores discursivos	14.5	Consideração de pontos de vista contrários e reformulação de posições	3.4	Orações subordinadas substantivas	25.3	
	Atribuição de títulos e subtítulos a partes e subpartes										
	Estruturação do texto (atribuição de títulos a partes e subpartes)	20.5	Relações intratextuais: semelhança, oposição, causa-consequência	9.5	Revisão e aperfeiçoamento do texto no decurso da redação	14.7	Produção oral	4.2	Divisão e classificação de orações	25.4	
	Recursos expressivos	20.7	Relação da estruturação do texto com a construção da significação e a intenção do autor	9.6	Reformulação	19.1	Utilização de informação pertinente (conhecimentos pessoais ou dados obtidos em diferentes fontes)				
	Valores culturais, éticos, estéticos, políticos e religiosos	21.2			Respostas completas a questões sobre um texto, a instruções de trabalho	15.1 15.2					
	Pontos de vista e apreciação crítica	21.3	Sentido global do texto	9.7	Texto expositivo		Citação de fontes	4.4			
	Relações com o contexto social, histórico e cultural	22.1	Identificação de ideias-chave	10.1	Plano de texto expositivo	16.1 15.3	Fluência e correção Complexidade adequada ao tema e às situações de comunicação				
	Comentário crítico (140 palavras)	21.4	Organização em tópicos da informação do texto	10.2	Comentário subordinado a tópicos fornecidos	18.2	Vocabulário e estruturas diversificadas	4.5			
	PNL	23.1 23.2	Textos apresentados em diferentes suportes e espaços de circulação	11.2	Texto argumentativo	17.1	Textos orais: Apresentação oral de um tema, justificando pontos de vista	5.1			
	Leitura por iniciativa e gosto pessoal					Plano de texto argumentativo	15.3				
	Textos variados				Resumo de texto argumentativo	15.3					

SEQUÊNCIA 5 – NARRATIVAS ALÉM-FRONTEIRAS										Calenda- rização
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
1 conto de autor de país de língua oficial portuguesa	Textos literários diversificados quanto ao país de origem e ao género Conto	20.1 21.1	Leitura em voz alta com preparação prévia	7.1	Planificação (consolidação)	13.1	Compreensão oral Identificação de tópicos	1.2	Pronome em adjacência verbal	25.1
		20.8	Temas Ideias principais	9.2	Ordenação e hierarquização da informação: continuidade, progressão e coerência	14.1		2.1	Funções sintáticas	25.2
1 texto de autor estrangeiro	Temas Ideias principais Pontos de vista Universos de referência	20.2	Pontos de vista Universos de referência	9.3	Relações intratextuais: semelhança, oposição, causa-consequência, genérico-específico	14.4	Interação oral Justificação de ideias e opiniões	2.2	Divisão e classificação de orações	25.3 25.4
		20.3	Narrativa: estrutura, ação e episódios Personagens, narrador de 1.ª e 3.ª pessoa, contexto espacial, contexto temporal	9.5	Sinais de pontuação: delimitação de constituintes da frase, veiculação de valores discursivos	14.5		3.3	Discurso direto e indireto	Revisão
Uma obra do PNL	Pontos de vista das diferentes personagens	20.4	Sentido global do texto	9.7	Variação linguística: plano lexical e sintático	12.1	Consideração de pontos de vista contrários	3.4		
		20.6	Variedades do português: contextos históricos e geográficos de ocorrência	12.2	Revisão e aperfeiçoamento do texto no decurso da redação	14.7		3.1		
	Processos de construção ficcional: ordem cronológica dos factos narrados e ordenação dos factos na narrativa	20.7	Recursos expressivos	20.7	TIC (produção, revisão e edição)	14.8	Estabelecimento de relações com outros conhecimentos	3.2		
		21.2	Valores culturais, éticos, estéticos, políticos e religiosos	21.2	Reformulação	19.1				
	Relações com o contexto social, histórico e cultural	22.1	Relações com o contexto social, histórico e cultural	22.1	Respostas completas a questões sobre um texto, a instruções de trabalho	15.1 15.2	Planificação por tópicos	4.1		
		22.2	Ideias e valores expressos (textos de diferentes épocas e culturas em comparação)	22.2	Adequação ao público e a finalidades comunicativas diferenciadas	14.3		4.4		
					Texto argumentativo	17.1	Fluência e correção Complexidade adequada ao tema	4.5		
					Argumentação contrária	17.2				

SEQUÊNCIA 5 – NARRATIVAS ALÉM-FRONTIEIRAS

SEQUÊNCIA 5 – NARRATIVAS ALÉM-FRONTEIRAS											Calenda- rização
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC	
	Valorização enquanto objeto simbólico, no plano imaginário individual e coletivo	22.3									
	PNL Leitura por iniciativa e gosto pessoal Textos variados	23.1 23.2									

SEQUÊNCIA 6 – POESIA

Textos (Metas Curriculares)	SEQUÊNCIA 6 – POESIA										Calenda- rização
	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC	
4 poemas de Fernando Pessoa	Textos literários diversificados quanto ao país de origem, à época e ao gênero	20.1 21.1	Leitura em voz alta com preparação prévia	7.1	Planificação (consolidação)	13.1	Compreensão oral	1.1	Classes de palavras	Revisão 25.2	18 aulas
	Soneto	20.8	Temas Ideias principais	9.2	Ordenação e hierarquização da informação: continuidade, progresso e coerência	14.1	Identificação do tema e do assunto	1.2	Funções sintáticas	25.3 25.4	
12 poemas de pelo menos 10 autores diferentes	Temas Ideias principais Pontos de vista Universos de referência	20.2	Pontos de vista Universos de referência	9.3			Identificação de tópicos	1.3	Divisão e classificação de orações	Revisão	
			Relações intratextuais: semelhança, oposição, causa-consequência, parte-todo	9.5	Estruturação e formato: convenções tipológicas e (orto)gráficas	14.2	Informação objetiva e subjetiva	1.3	Frase ativa e frase passiva	Revisão	
	Estruturação do texto (atribuição de títulos a partes e subpartes)	20.5					Identificação de ideias-chave	2.1	Significação de palavras	Revisão	
	Recursos expressivos	20.7	Relação da estruturação do texto com a construção da significação e a intenção do autor	9.6	Vocabulário e estruturas sintáticas (diversificação)	14.4	Síntese do texto ouvido	2.2	Relações semânticas	Revisão 24.1	
	Valores culturais, éticos, estéticos, políticos e religiosos	21.2			Sinais de pontuação: delimitação de constituintes da frase, veiculação de valores discursivos	14.5	Produção oral	4.1	Processos fonológicos		
	Pontos de vista e apreciação crítica	21.3	Sentido global do texto Variação linguística	9.7 12.1			Utilização de informação pertinente Citação de fontes	4.2			

SEQUÊNCIA 6 – POESIA										Calenda- rização
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
	Relações com o contexto social, histórico e cultural Comentário crítico (140 palavras)	22.1	Variedades do português	12.2	Revisão e aperfeiçoamento do texto no decurso da redação	14.7	Fluência e correção Complexidade adequada ao tema	4.4		
		21.4			Reformulação TIC (produção, revisão e edição)	19.1 14.8	Vocabulário e estruturas diversificadas	4.5		
					Respostas completas a questões sobre um texto	15.1	Utilização de ferramentas tecnológicas adequadas e pertinentes	4.6		
					Texto expositivo	16.1				
					Plano de texto expositivo	15.3	Textos orais: Apresentação oral de um tema, justificando pontos de vista	5.1		
					Comentário subordinado a tópicos fornecidos	18.2				
					Texto argumentativo	17.1				
					Plano de texto argumentativo	15.3				
					Adequação a públicos e a finalidades comunicativas	14.3				
					Produção de bibliografia	14.6				

2.2 Planificação por seqüências de ensino-aprendizagem

ATIVIDADES DE DIAGNÓSTICO – 4 AULAS*										
SEQUÊNCIA 1 – CRÓNICAS E OUTROS TEXTOS										
N.º DE AULAS: 1										
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
Texto informativo: “Um avô, dois netos, um livro” (pp. 18-19)			Temas	9.2						
			Ideias principais	9.7						
			Sentido global do texto (justificação)	10.2						
			Organização em tópicos da informação do texto	11.2						
			Papel dos suportes (papel, digital, visual) nos espaços de circulação (jornal, internet) na estruturação e receção dos textos							
N.º DE AULAS: 4										
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
Crónica 1	Textos literários diversificados quanto ao género	20.1	Vocabulário diferenciado da esfera da escrita	9.1	Texto expositivo	16.1	Compreensão oral:		Classes de palavras: nome, pronome, verbo, adjetivo	Revisão
Maria Judite de Carvalho: “História sem palavras” (p. 20)	Crónica	20.8	Temas	9.2	Plano de texto expositivo	15.3	Identificação de tópicos do programa radiofónico “Lugares comuns”, de Mafalda Lopes da Costa	1.2	Plural do nome	
ou	Temas	20.2	Pontos de vista	9.3	Ordenação e hierarquização da informação: coerência global do texto	14.1			Flexão do verbo	
“Os bárbaros” (p. 24)	Ideias principais		Organização em tópicos da informação do texto	10.2	informação: coerência global do texto	14.2	20 AULA DIGITAL		Verbo defetivo (unipessoal e impessoal)	25.1
	Pontos de vista		Sentido global do texto (justificação)	9.7	Estruturação e formato: convenções tipológicas				Pronome em adjacência verbal	
	Universos de referência		Leitura em voz alta com preparação prévia	7.1	Respostas completas a questões sobre um texto	15.1			Verbos: subclasses (Ficha Gramatical n.º 1)	
									Verbos: flexão (Ficha Gramatical n.º 2)	
Atividades de revisão/ aplicação: Caderno de Atividades – Ficha 3 (Classes de palavras), pp. 6-7 Documentos de consulta: Bloco Informativo (Outros Géneros Textuais – Crónica), p. 293										

*1 aula = bloco de 45 min.

N.º DE AULAS: 3							
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade
Crónica 2	Textos literários diversificados quanto ao género	20.1	Léxico especializado	9.1	Respostas completas a questões sobre um texto	15.1	Produção oral
António Lobo Antunes: "Subsídios para a biografia de António Lobo Antunes" (pp. 30-32) ou "A consequência dos semáforos" (pp. 34-35)	Crónica	20.8	Vocabulário diferenciado da esfera da escrita		Texto expositivo Plano de texto expositivo ou	16.1 15.3	Texto oral (5 minutos): Apreciação crítica a um excerto do filme <i>O artista</i>
	Temas	20.2	Temas	9.2	Texto argumentativo Plano de texto argumentativo	17.1 15.3	25.1
	Ideias principais		Ideias principais				
	Pontos de vista		Pontos de vista	9.3			
	Universos de referência		Universos de referência		Ordenação e hierarquização da informação: coerência global do texto	14.1	
	Estruturação do texto (partes e subpartes)	20.5	Estruturação do texto	9.4	Estruturação e formato: convenções tipológicas e (orto)gráficas	14.2	
	Recursos expressivos (valor)	20.8			Sinais de pontuação: delimitação dos constituintes da frase	14.5	
					Revisão e aperfeiçoamento do texto no decurso da redação	14.7	
					Reformulação	19.1	
Atividades de revisão/ aplicação: Caderno de Atividades – Ficha 5 (Pronomes em adjacência verbal), p. 10 Documentos de consulta: Bloco Informativo (Tipologia Textual – Texto expositivo, Texto argumentativo; Outros Géneros Textuais – Crónica), pp. 292-293							
N.º DE AULAS: 2							
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade
Crítica: "Um amor para sempre" (p. 39)			Crítica	8.1			Produção oral
	Temas		Temas	9.2			Texto oral (5 minutos): Apresentação oral do tema "O papel da internet como espaço de preservação e divulgação de imagens e textos de outras épocas", justificando pontos de vista
	Ideias principais		Sentido global do texto (justificação)	9.7			
	Pontos de vista e apreciações críticas suscitados por textos lidos em diferentes suportes		Pontos de vista e apreciações críticas suscitados por textos lidos em diferentes suportes	11.1			
	Papel dos suportes (papel, digital, visual) nos espaços de circulação (jornal, internet) na estruturação e receção dos textos			11.2			
Atividades de revisão/ aplicação: Autoavaliação 1 (pp. 42-45)							
							Revisão
							Tipos de verbo principal
							Formas verbais não finitas

SEQUÊNCIA 2 – AUTO DA BARCA DO INFERNO E OUTROS TEXTOS

N.º DE AULAS: 1						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
Textos expositivos	Gil Vicente – biografia – época:					
Textos científicos	• Medievalismo • Renascimento – teatro na época medieval – teatro vicentino <i>Auto da Barca do Inferno</i> – simbologia – crítica de costumes – cómico – linguagem Relações com o contexto social, histórico e cultural	22.1				
TPC: Investigação sobre as crenças que, em diferentes civilizações, associam a morte a uma passagem de barco Outras atividades: O professor poderá optar pelo estudo da obra <i>Auto da Índia</i> , de Gil Vicente (Caderno de Atividades, Guião 1, pp. 53-62)						
N.º DE AULAS: 1						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
Cena I <i>O Diabo e o Companheiro</i> (p. 54)	Noção de Auto Textos literários diversificados quanto à época e ao género Texto dramático Temas Ideias principais Estruturação do texto (partes e subpartes)	20.1 20.8 20.2 20.5	Vocabúlos clássicos e léxico especializado Temas Ideias principais Relação da estruturação do texto com a construção da significação e com a intenção do autor Variação linguística	9.1 9.2 9.6 12.1	Produção oral Planificação por tópicos Utilização de informação pertinente (dados obtidos em fontes) Fluência e correção Textos orais: Apresentação oral do tema: “As crenças que, em diferentes civilizações, associam a morte a uma passagem de barco”	4.1 4.2 4.4 5.1
					Interjeição Modos verbais Processos fonológicos (Ficha Gramatical n.º 4)	Revisão 24.1

Documentos de consulta: Bloco Informativo (Texto literário – Texto dramático), pp. 289-290

N.º DE AULAS: 2										
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
Cena II <i>O Fidalgo</i> (pp. 58-60)	Pontos de vista das diferentes personagens	20.4	Vocabulos clássicos	9.1	Texto expositivo Comentário subordinado a tópicos fornecidos	16.1 18.4	Interação oral Justificação de ideias e opiniões Consideração de pontos de vista contrários	3.3	Classes de palavras: advérbio e determinante Pronome em adjacência verbal Processos fonológicos	Revisão 25.1 24.1
	Valores culturais, éticos, estéticos, políticos e religiosos	21.2	Pontos de vista Universos de referência	9.3						
	Relações com o contexto social, histórico e cultural	22.1	Relações intratextuais: semelhança, oposição, causa-consequência	9.5						
			Sentido global do texto (justificação)	9.7						
	Comentário crítico (140 palavras)	21.4	Variação linguística	12.1						
Atividades de revisão/ aplicação: Caderno de Atividades – Ficha 1 (Pocessos fonológicos), p. 4 Documentos de consulta: Bloco Informativo (Texto literário – Texto dramático; Tipologia Textual – Texto expositivo), pp. 289-290 e p. 292										
N.º DE AULAS: 2										
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
Cena III <i>O Onzeneiro</i> (pp. 63-64)	Temas	20.2	Leitura em voz alta com preparação prévia	7.1	Texto expositivo Comentário subordinado a tópicos fornecidos	16.1 18.4	Interação oral subordinada ao tema “O dinheiro não é tudo” Justificação de ideias e opiniões Estabelecimento de relações com outros conhecimentos	3.3 3.2	Classes de palavras: interjeição e preposição Tipos de sujeito Funções sintáticas Processos fonológicos Funções sintáticas (Ficha Gramatical n.º 5)	Revisão 25.2 25.2 24.1 25.2
	Ideias principais									
	Pontos de vista		Pontos de vista Universos de referência	9.3						
	Universos de referência		Variação linguística	12.1						
	Pontos de vista das diferentes personagens	20.4								
Estruturação do texto (partes e subpartes)	20.5									
Comentário crítico (140 palavras)	21.4									
Documentos de consulta: Bloco informativo (Texto literário – Texto dramático; Tipologia Textual – Texto expositivo), pp. 289-290 e p. 292										

N.º DE AULAS: 1										
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
Cena VIII <i>O Judeu</i> (pp. 86-87)	Pontos de vista das diferentes personagens	20.4	Leitura em voz alta com preparação prévia	7.1	Texto argumentativo	17.1	Produção oral	5.3	Processos fonológicos	24.1
	Recursos expressivos	20.7	Vocabulos clássicos	9.1	Plano de texto argumentativo	15.3	Textos orais: Apreciação crítica a partir de BD de Mafalda		Classes de palavras: conjunções e locuções subordinativas	Revisão
	Valores culturais, éticos, estéticos, políticos e religiosos	21.2	Temas	9.2			Interação oral	3.3	Funções sintáticas	25.2
	Relações com o contexto social, histórico e cultural	22.1	Ideias principais Relações intratextuais: semelhança, oposição, causa-consequência Texto de opinião	8.1			Justificação de ideias e opiniões Consideração de pontos de vista contrários	3.4	Orações subordinadas adverbiais (Ficha Gramatical n.º 7)	25.4
Documentos de consulta: Bloco Informativo (Texto literário – Texto dramático; Tipologia Textual – Texto argumentativo), pp. 289-290 e pp. 292-293										
N.º DE AULAS: 1										
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
Cenas IX e X <i>O Corregedor e o Procurador</i> (pp. 91-93)	Pontos de vista das diferentes personagens	20.4	Vocabulos clássicos	9.1	Texto expositivo	16.1			Orações coordenadas e subordinadas adverbiais	25.4
	Valores culturais, éticos, estéticos, políticos e religiosos	21.2	Temas	9.2	Comentário subordinado a tópicos fornecidos	18.2				
	Relações com o contexto social, histórico e cultural	22.1	Ideias principais Relações intratextuais: semelhança, oposição, causa-consequência	9.5						
	Comentário crítico (140 palavras)	21.4	Relação da estruturação do texto com a construção da significação e com a intenção do autor Sentido global do texto (justificação)	9.6						
Atividades de revisão/ aplicação: Caderno de Atividades – Ficha 8 (Coordenação e subordinação), pp. 13-14 Documentos de consulta: Bloco Informativo (Texto literário – Texto dramático; Tipologia Textual – Texto expositivo), pp. 289-290 e p. 292										
N.º DE AULAS: 1										
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
Cena XI <i>O Enforcado</i> (pp. 96-97)	Pontos de vista das diferentes personagens	20.4	Sentido global do texto (justificação)	9.7	Texto argumentativo	17.1	Compreensão oral: Sketch “Gato Fedorento”		Evolução semântica / Arcaísmos (Ficha Gramatical n.º 8)	Revisão
	Relações com o contexto social, histórico e cultural	22.1			Plano de texto argumentativo	15.3	 Identificação de ideias-chave	2.1		26.1
					Argumentação contrária	17.2	Manifestação de ideias e pontos de vista	1.4		
							Síntese do texto ouvido	2.2		
Documentos de consulta: Bloco Informativo (Texto literário – Texto dramático; Tipologia Textual – Texto argumentativo), pp. 289-290 e pp. 292-293										

N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
Cena XII <i>Os Quatro Cavaleiros</i> (p. 100)	Temas Ideias principais Pontos de vista Universos de referência	20.2				
	Pontos de vista das diferentes personagens	20.4				
	Recursos expressivos	20.7				
	Valores culturais, éticos, estéticos, políticos e religiosos	21.2				
	Relações com o contexto social, histórico e cultural	22.1				
Documentos de consulta: Bloco Informativo (Texto literário – Texto dramático), pp. 289-290						
N.º DE AULAS: 1						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
Poema “Vilancete castelhano de Gil Vicente”, de Carlos de Oliveira (p. 103)	Temas Ideias principais Pontos de vista Universos de referência	20.2	Temas Ideias principais Pontos de vista Universos de referência Sentido global do texto	9.2 9.3 9.7	Texto argumentativo Plano de texto argumentativo	17.1 15.3
Documentos de consulta: Bloco Informativo (Texto literário – Texto dramático; Tipologia Textual – Texto argumentativo), pp. 289-290 e pp. 292-293						
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
PNL George Orwell, <i>O triunfo dos porcos</i> (pp. 104-105)	Leitura por iniciativa e gosto pessoal Reflexão escrita	23.1 23.2				
Atividades de revisão/ aplicação: Autoavaliação 2 (pp. 106-109) Outras atividades: Em alternativa à obra proposta, poder-se-á optar pelo estudo de <i>A menina que roubava livros</i> , de Markus Zusak, associado ao tema “recensão de livro” (Caderno de Atividades, Guião 6, pp. 85-86)						

Classes de palavras:
conjunções e locuções
conjuncionais;
subclasses do verbo
Divisão e classificação
de orações
Funções sintáticas

20 AULA DIGITAL

Compreensão oral:
Música “Sexta-feira
(empego bom já)”

Identificação de ideias-
-chave

Produção oral

Apresentação oral de
um tema

Fluência e correção

2.1

5.1

4.4

Revisão

25.4

25.2

SEQUÊNCIA 3 – OS LUSÍADAS E OUTROS TEXTOS

N.º DE AULAS: 4

Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
“Camões”, de Miguel Torga (p. 112)	A época de Camões Renascimento, Humanismo e Classicismo						Compreensão oral: Animação “Vida de Luís de Camões”			
“Camões e a Tença”, de Sophia de Mello Breyner Andresen (p. 112)	Influências e modelos d’ <i>Os Lusíadas</i> <i>Os Lusíadas</i> : características, estrutura e planos	20.8					20 AULA DIGITAL Identificação de tópicos	1.2		
Texto de António José Saraiva e Óscar Lopes (p. 115)	Relações com o contexto social, histórico e cultural	22.1	Texto científico Temas Ideias principais	8.1 9.2			Identificação de ideias-chave	2.1		
“Luís, o poeta, salva a nado o poema”, de Almada Negreiros (p. 118)										

Documentos de consulta: Fichas informativas – *Os Lusíadas*: características, estrutura e planos (pp. 119-120)

N.º DE AULAS: 2

Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
Proposição (p. 122)	Textos literários diversificados quanto à época e ao gênero	20.1	Vocabúlos clássicos, léxico especializado e vocabulário diferenciado da esfera da escrita	9.1	Respostas completas a questões sobre um texto, a instruções de trabalho	15.1 15.2	Compreensão oral: Programa <i>Ler+</i> (<i>Os Lusíadas</i> , por Vasco Graça Moura)		Processos fonológicos Formação de palavras Funções sintáticas Divisão e classificação de orações	24.1 Revisão 25.2 25.4
<i>Os Lusíadas para gente nova</i> , de Vasco Graça Moura (p. 124)	Valorização enquanto objeto simbólico, no plano imaginário individual e coletivo	20.8					20 AULA DIGITAL Identificação de tópicos		Orações subordinadas adjetivas (Ficha Gramatical n.º 9)	Revisão 25.4
	Temas Ideias principais Pontos de vista Universos de referência	22.3 20.2					Manifestação de ideias e pontos de vista	1.2 1.4		
	Estruturação do texto (atribuição de títulos a partes e subpartes)	20.5								
	Recursos expressivos	20.7								

N.º DE AULAS: 2										
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
Início da viagem e consílio dos deuses (pp. 127-130)	Textos literários diversificados quanto à época e ao género	20.1	Vocábulos clássicos, léxico especializado e vocabulário diferenciado da esfera da escrita	9.1	Comentário (subordinado a tópicos fornecidos): “O consílio dos deuses”	18.2	Interação oral: “O destino” a partir da BD de Calvin & Hobbes		Formação de palavras Neologismos e arcaísmos	Revisão 26.1
	Epopéia	20.8					Justificação de ideias e opiniões	3.3	Arcaísmos e Neologismos	Revisão 26.1
	Estruturação do texto	20.5	Pontos de vista	9.3			Consideração de pontos de vista contrários	3.4	Processos regulares de formação de palavras (Ficha Gramatical n.º 10)	
	Recursos expressivos	20.7	Universos de referência							
	Comentário crítico (140 palavras)	21.4	Estruturação do texto	9.4						
Atividades de revisão/ aplicação: Caderno de Atividades – Ficha 2 (Formação de palavras), p. 5										
Documentos de consulta: Bloco Informativo (Texto literário – Texto dramático; Tipologia Textual – Texto expositivo), pp. 289-290 e p. 292										
N.º DE AULAS: 2										
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
Inês de Castro (pp. 137-139)	Epopéia	20.8	Leitura em voz alta com preparação prévia	7.1	Comentário (subordinado a tópicos fornecidos)	18.2	Produção oral		Oração subordinada substantiva completiva	Revisão 25.4
	Temas	20.2		9.2			Julgamento de Inês de Castro		Tempos e modos verbais	Revisão 25.2
Cartaz (p. 142)	Ideias principais		Temas				Planificação por tópicos	4.1	Tipos de sujeito	
	Pontos de vista		Ideias principais				Fluência e correção	4.2	Pronomes relativos e seus antecedentes	
Texto informativo: “Storytellers criam guardar-roupa para Inês de Castro” (p. 143)	Universos de referência	20.3	Pontos de vista	9.3			Textos orais:	5.1		
	Narrativa: estrutura, ação e episódios.		Universos de referência	9.4			Apresentação oral de um tema, justificando pontos de vista			
	Personagens, narrador de 1.ª e 3.ª pessoa, contexto espacial, contexto temporal		Estruturação do texto				Argumentação para persuasão dos interlocutores	5.2		
	Pontos de vista das diferentes personagens	20.4								
	Estruturação do texto	20.5								
	Recursos expressivos	20.7								
	Comentário crítico (140 palavras)	21.4								
Documentos de consulta: Fichas informativas – Os Lusíadas: características, estrutura e planos (pp. 119-120)										

N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
“Praia das lágrimas”, de João de Barros (p. 144) Praia das lágrimas (pp. 145-147) “Praia das lágrimas”, música cantada por Rui Veloso (p. 148) “Mar português”, de Fernando Pessoa (p. 149)	Epopeia	20.8	Texto narrativo	8.1	Comentário (subordinado a tópicos fornecidos): análise da música “Praia das lágrimas	18.2
	Pontos de vista	20.2	Ideias e valores expressos (textos de diferentes épocas e culturas em comparação)	22.2		
	Universos de referência					
	Narrativa: estrutura, ação e episódios	20.3				
	Personagens, narrador de 1.ª e 3.ª pessoa, contexto espacial, contexto temporal					
	Pontos de vista das diferentes personagens	20.4				
	Estruturação do texto	20.5				
	Recursos expressivos	20.7				
	Valores culturais, éticos, estéticos, políticos e religiosos	21.2				
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
Mapas-múndi (séc. XVI) (pp. 150-151) O Adamastor (pp. 152-155) Texto científico de A. H. Oliveira Marques (pp. 156-157) “O Mostrengo”, de Fernando Pessoa (p. 160)	Relações com o contexto social, histórico e cultural	22.1	Leitura em voz alta com preparação prévia	7.1	Planificação (consolidação)	13.1
	Epopeia	20.8	Atribuição de títulos e subtítulos a partes e subpartes	9.4	Ordenação e hierarquização da informação: continuidade, progressão e coerência	14.1
	Pontos de vista	20.2	Texto científico	8.1	Estruturação e formato: convenções tipológicas e (orto)gráficas	14.2
	Universos de referência	20.3			Vocabulário e estruturas sintáticas (diversificação)	14.4
	Narrativa: estrutura, ação e episódios.					
	Personagens, narrador de 1.ª e 3.ª pessoa, contexto espacial, contexto temporal					
	Pontos de vista das diferentes personagens	20.4				
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC
N.º DE AULAS: 2						
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC

Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
Página de diário (texto de blogue) (p. 161)	Estruturação do texto (atribuição de títulos a partes e subpartes)	20.5			Sinais de pontuação: delimitação de constituintes da frase, veiculação de valores discursivos	14.5				
	Processos de construção ficcional: ordem cronológica dos factos narrados, ordenação dos factos na narrativa	20.6			Revisão e aperfeiçoamento do texto no decurso da redação	14.7				
	Recursos expressivos	20.7			Reformulação	19.1				
	Comentário crítico (140 palavras)	21.4			Comentário (subordinado a tópicos fornecidos): análise de "O mostrengo", de Fernando Pessoa	18.2				
					Página de diário	8.1				
N.º DE AULAS: 2										
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
A tempestade e chegada à Índia (pp. 163-167)	Epopeia	20.8	Estruturação do texto	9.4			Compreensão oral: Música "O barco vai de saída", de Fausto			
"O naufrágio de Sepúlveda", adap. de António Sérgio, in <i>História trágico-marítima</i> (pp. 168-169)	Pontos de vista	20.2	Atribuição de títulos e subtítulos a partes e subpartes				20 AULA DIGITAL Identificação de tópicos	1.2		
	Universos de referência	20.4	Relação da estruturação do texto com a construção da significação e a intenção do autor	9.6			Informação objetiva e subjetiva	1.3		
"O barco vai de saída", de Fausto (p. 169)	Estruturação do texto (atribuição de títulos a partes e subpartes)	20.5								
	Recursos expressivos	20.7								

N.º DE AULAS: 2										
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
A preparação da Ilha dos Amores (pp. 171-172)	Epopeia	20.8	Texto expositivo	8.1	Planificação (consolidação)	13.1	Interação oral: Apreciação da mensagem de um <i>cartoon</i>		Classes de palavras verbais	Revisão
	Temas Ideias principais Pontos de vista Universos de referência	20.2	Vocabulos clássicos	9.1	Ordenação e hierarquização da informação:	14.1			Tempos e modos verbais	Revisão
			Temas Ideias principais	9.2	continuidade, progressão e coerência		Justificação de ideias e opiniões	3.3		
		20.3			Estruturação e formato: convenções tipológicas e (orto)gráficas	14.2				
					Vocabulário e estruturas sintáticas (diversificação)	14.4				
					Sinais de pontuação: delimitação de constituintes da frase, veiculação de valores discursivos	14.5				
					Revisão e aperfeiçoamento do texto no decurso da redação	14.7				
					Reformulação	19.1				
					Texto argumentativo	17.1				
					Plano de texto argumentativo	15.3				
					Texto com características poéticas					
N.º DE AULAS: 2										
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
A aventura de Leonardo (pp. 177-178)	Epopeia	20.8	Vocabulos clássicos	9.1					Tempos e modos verbais	Revisão
	Temas Ideias principais Pontos de vista Universos de referência	20.2	Temas Ideias principais	9.2					Pronome em adjacência verbal	25.1
	Personagens, narrador de 1.ª e 3.ª pessoa, contexto espacial	20.3	Relação da estruturação do texto com a construção da significação e a intenção do autor	9.6					Sentido conotativo e denotativo	Revisão

N.º DE AULAS: 2											
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC	
Despedida da Ilha dos Amores e regresso à pátria (p. 186)	Epopeia	20.8	Leitura em voz alta com preparação prévia	7.1	Planificação (consolidação)	13.1					
	Temas Ideias principais Pontos de vista Universos de referência	20.2	Vocabúlos clássicos	9.1	Ordenação e hierarquização da informação: continuidade, progressão e coerência	14.1					
				Temas Ideias principais	9.2						
	Personagens, narrador de 1.ª e 3.ª pessoa, contexto espacial	20.3	Relação da estruturação do texto com a construção da significação e a intenção do autor	9.6	Estruturação e formato: convenções tipológicas e (orto)gráficas	14.2					
						Vocabulário e estruturas sintáticas (diversificação)	14.4				
Texto expositivo de Jacinto do Prado Coelho (p. 181)					Sinais de pontuação: delimitação de constituintes da frase, veiculação de valores discursivos	14.5					
					Revisão e aperfeiçoamento do texto no decurso da redação	14.7					
					Reformulação	19.1					
					Texto expositivo	16.1					
					Plano de texto expositivo	15.3					
Documentos de consulta: Bloco Informativo (Texto literário – Texto dramático; Tipologia Textual – Texto argumentativo), pp. 289-290 e pp. 292-293											
N.º DE AULAS: 2											
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC	
Considerações do poeta (pp. 182-183)	Textos literários diversificados quanto à época e ao género	20.1	Vocabúlos clássicos	9.1	Planificação (consolidação)	13.1	Produção oral				
	Temas Ideias principais Pontos de vista Universos de referência		Temas Ideias principais	9.2	Ordenação e hierarquização da informação: continuidade, progressão e coerência	14.1	Planificação por tópicos	4.1			
Invocação (excertos) (p. 184)		20.2	Pontos de vista Universos de referência	9.3			Fluência e correção	4.4			
Dedicatória (excertos) (p. 184)							Textos orais: Apreciações críticas	5.3			

Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
"Camões dirige-se aos seus contemporâneos", de Jorge de Sena (p. 186)	Estruturação do texto (atribuição de títulos a partes e subpartes)	20.5	Estruturação do texto	9.4	Estruturação e formato: convenções tipológicas e (orto)gráficas	14.2				
	Ideias e valores expressos (textos de diferentes épocas e culturas em comparação)	22.2	Relações intratextuais: parte-todo, causa-consequência, genérico-específico	9.5	Vocabulário e estruturas sintáticas (diversificação)	14.4				
					Sinais de pontuação: delimitação de constituintes da frase, veiculação de valores discursivos	14.5				
N.º DE AULAS: 2										
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
<i>Carta de Pêro Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil</i> (pp. 189-190) Texto expositivo: "O conhecimento na Idade Média e no séc. XVI" (p. 188)	Textos literários diversificados quanto à época e ao género	20.1	Texto científico	8.1			Compreensão oral: A conquista do paraíso (excerto fílmico)			
	Epopeia	20.8	Identificação de ideias-chave	10.1			20 AULA DIGITAL			
	Temas	20.2	Variação linguística	12.1			Identificação de ideias-chave	2.1		
	Ideias principais									
	Pontos de vista									
	Universos de referência									
	Estruturação do texto	20.5								
	Valores culturais, éticos, estéticos, políticos e religiosos	21.2								
	Relações com o contexto social, histórico e cultural	22.1								

Atividades de revisão/ aplicação: Autoavaliação 3 (pp. 192-195)

Outras atividades: Caderno de Atividades – Guia 2 (*Carta de Pêro Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*), pp. 63-76

SEQUÊNCIA 4 - TEXTOS DE AUTORES PORTUGUESES

N.º DE AULAS: 1										
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
Narrativas portuguesas contemporâneas (excertos) (pp. 198-199)	Textos literários diversificados quanto à época e ao género	20.1								
	Leitura por iniciativa e gosto pessoal	23.1								
	Textos variados	23.2								
N.º DE AULAS: 3										
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
“A Aia”, de Eça de Queirós (pp. 200-203) Texto argumentativo (p. 207)	Textos literários diversificados quanto à época e ao género	20.1	Texto argumentativo	8.1	Texto argumentativo	17.1	Interação oral		Locução prepositiva	Revisão
	Conto	20.8	Léxico especializado e vocabulário diferenciado da esfera da escrita	9.1	Resumo de texto argumentativo	15.3	Justificação de ideias e opiniões	3.3	Advérbio conectivo	Revisão
	Temas	20.2	Temas	9.2			Consideração de pontos de vista contrários	3.	Valor do advérbio	Revisão
	Ideias principais		Ideias principais							
	Pontos de vista		Pontos de vista	9.3						
	Universos de referência		Universos de referência							
	Narrativa: estrutura, ação e episódios	20.3	Personagens, narrador	9.4						
Pontos de vista das diferentes personagens	20.4		Relações intratextuais: semelhança, oposição, causa-consequência	9.5						
Estruturação do texto	20.5		Relação da estruturação do texto com a construção da significação e a intenção do autor	9.6						
Recursos expressivos	20.7		Sentido global do texto	9.7						

Documentos de consulta: Bloco Informativo (Texto literário – Texto narrativo: O conto: Técnicas de Contracção Textual – Resumo e síntese), pp. 288-289 e p. 295

Outras atividades: O professor terá de tratar 2 narrativas de autores portugueses. Em alternativa a uma das 2 obras do manual, poderá optar-se pelo conto “Maria Moisés”, de Camilo Castelo Branco (Caderno de Atividades, Guião 3, pp. 77-78 e 79).

Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
	Personagens, narrador de 1.ª e 3.ª pessoa, contexto espacial						Fluência e correção Complexidade adequada ao tema e às situações de comunicação	4.4		
	Pontos de vista das diferentes personagens	20.4								
	Comentário crítico (140 palavras)	21.4					Vocabulário e estruturas diversificadas	4.5		
	N.º DE AULAS: 2									
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
<i>Peregrinação de Fernão Mendes Pinto</i> , de Fernão Mendes Pinto (adaptação de Aquilino Ribeiro) (pp. 229-230)	Textos literários diversificados quanto à época e ao gênero	20.1	Temas Ideias principais	9.2	Planificação (consolidação) Ordenação e hierarquização da informação:	13.1 14.1	Compreensão oral: Programa "Grandes Livros" – <i>Peregrinação, de Fernão Mendes Pinto</i>		Pronome em adjacência verbal Divisão e classificação de orações	25.1 25.4
	Temas Ideias principais Pontos de vista Universos de referência	20.2	Organização em tópicos da informação do texto	10.2	continuidade, progressão e coerência Vocabulário e estruturas sintáticas (diversificação)	14.4	20ª AULA DIGITAL Identificação do tema do assunto	1.1		
	Pontos de vista das diferentes personagens	20.4			Sinais de pontuação: delimitação de constituintes da frase, veiculação de valores discursivos	14.5	Identificação de tópicos	1.2		
	Recursos expressivos	20.7			Revisão e aperfeiçoamento do texto no decurso da redação	14.7	Informação objetiva e subjetiva	1.3		
	Valores culturais, éticos, estéticos, políticos e religiosos	21.2			Texto expositivo: artistas portugueses	16.1				
	Pontos de vista e apreciação crítica	21.3			Plano de texto expositivo	15.3				
Relações com o contexto social, histórico e cultural	22.1									
Outras atividades: O professor terá de tratar 1 texto de literatura juvenil. Em alternativa aos textos apresentados no manual, poderá optar-se por <i>Meu pé de laranja lima</i> , de José Mauro de Vasconcelos (Caderno de Atividades, Guião 4, pp. 79-81)										
N.º DE AULAS: 2										
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
PNL <i>A Balada da Praia dos Cães</i> , de José Cardoso Pires (pp. 232-233)	Leitura por iniciativa e gosto pessoal Textos variados	23.1 23.2								
Atividades de revisão/ aplicação: Autoavaliação 4 (pp. 234-237)										

SEQUÊNCIA 5 – NARRATIVAS ALÉM-FRONTEIRAS

N.º DE AULAS: 2

Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
"Felicidade clandestina", de Clarice Lispector (pp. 241-242)	Textos literários diversificados quanto ao país de origem e ao gênero	20.1 21.1	Leitura em voz alta com preparação prévia	7.1	Respostas completas a questões sobre um texto, a instruções de trabalho	15.1 15.2	Interação oral: Traços culturais representados por pinturas		Divisão e classificação de orações Funções sintáticas Pronome em adjacência verbal	25.3 25.4 25.2 25.1
	Conto	20.8	Pontos de vista Universos de referência	9.3			Consideração de pontos de vista contrários	3.4	Variedade de português do Brasil	
	Narrativa: estrutura, ação e episódios.	20.3	Relações intratextuais: semelhança, oposição, causa-consequência, genérico-específico	9.5			Retoma de ideias Clarificação de ideias Resumo de ideias	3.1	Características da variedade brasileira (Ficha Gramatical n.º 14)	
	Personagens, narrador de 1.ª e 3.ª pessoa									
	Pontos de vista das diferentes personagens	20.4	Sentido global do texto	9.7			Estabelecimento de relações com outros conhecimentos	3.2		
	Recursos expressivos	20.7	Variação linguística: plano lexical e sintático	12.1						
			Variedades do português: contextos históricos e geográficos de ocorrência	12.2			Compreensão oral			
							Identificação de tópicos	1.2		
							Identificação de ideias-chave	2.1		
							Síntese do texto ouvido	2.2		
							Variação linguística Planos fonológico, lexical e sintático	6.1		
							Variedades do português: contextos geográficos de ocorrência	6.2		

Atividades de revisão/ aplicação: Caderno de Atividades – Ficha 7 (Funções sintáticas 2), p. 12

Documentos de consulta: Bloco Informativo (Texto literário – Texto narrativo; O conto; Recursos Expressivos), pp. 288-289 e p. 296

N.º DE AULAS: 2										
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
“História comum”, de Machado de Assis (pp. 245-246)	Conto	20.8	Pontos de vista	9.3	Planificação (consolidação)	13.1				
	Temas	20.2	Universos de referência							
	Ideias principais		Relações intratextuais: semelhança, oposição, causa-consequência, genérico-específico	9.5	Ordenação e hierarquização da informação: continuidade, progressão e coerência	14.1				
	Pontos de vista									
	Universos de referência		Variação linguística: plano lexical e sintático	12.1	Vocabulário e estruturas sintáticas (diversificação)	14.4				
	Narrativa: estrutura, ação e episódios. Personagens, narrador de 1.ª e 3.ª pessoa	20.3	Variedades do português: contextos históricos e geográficos de ocorrência	12.2	Sinais de pontuação: delimitação de veiculação de valores discursivos	14.5				
	Pontos de vista das diferentes personagens	20.4								
	Processos de construção ficcional: ordem cronológica dos factos narrados e ordenação dos factos na narrativa	20.6								
	Recursos expressivos	20.7			Revisão e aperfeiçoamento do texto no decurso da redação	14.7				
					Texto argumentativo	17.1				
					Argumentação contrária	17.2				
					Adequação ao público e a finalidades comunicativas diferenciadas	14.3				
Documentos de consulta: Bloco Informativo (Texto literário – Texto narrativo; O conto; Tipologia Textual – Texto argumentativo; Recursos Expressivos), pp. 288-289, pp. 292-293 e p. 296										
N.º DE AULAS: 2										
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
“Um dia destes”, de Gabriel García Márquez (pp. 248-249)	Textos literários diversificados quanto ao país de origem e ao género	20.1 21.1	Pontos de vista	9.3	Planificação (consolidação)	13.1			Oração subordinada relativa	25.3
	Conto	20.8	Sentido global do texto	9.7	Ordenação e hierarquização da informação: continuidade, progressão e coerência	14.1			Funções sintáticas Discurso indireto	25.2 Revisão

Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
	Temas Ideias principais Pontos de vista Universos de referência	20.2			Vocabulário e estruturas sintáticas (diversificação)	14.4			Discurso direto e discurso indireto (Ficha Gramatical n.º 15)	
	Narrativa: estrutura, ação e episódios. Personagens	20.3			Sinais de pontuação: delimitação de constituintes da frase, veiculação de valores discursivos	14.5				
	Pontos de vista das diferentes personagens	20.4			Revisão e aperfeiçoamento do texto no decurso da redação	14.7				
	Valores culturais, éticos, estéticos, políticos e religiosos	21.2			Texto argumentativo	17.1				
	Relações com o contexto social, histórico e cultural	22.1			Argumentação contrária	17.2				
	Ideias e valores expressos (textos de diferentes épocas e culturas em comparação)	22.2			TIC (produção, revisão e edição)	14.8				
					Reformulação	19.1				

Atividades de revisão/ aplicação: Caderno de Atividades – Ficha 14 (Discurso direto e indireto), p. 20

Documentos de consulta: Bloco Informativo (Texto literário – Texto narrativo; O conto; Tipologia Textual – Texto argumentativo; Recursos Expressivos), pp. 288-289, pp. 292-293 e p. 296

N.º DE AULAS: 2

Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
<i>A pérola</i> , de John Steinbeck (pp. 253-254)	Textos literários diversificados quanto ao país de origem e ao gênero	20.1 21.1	Leitura em voz alta com preparação prévia	7.1			Produção oral			
	Narrativa: estrutura, ação e episódios Personagens	20.3					Planificação por tópicos	4.1		
	Pontos de vista das diferentes personagens	20.4					Fluência e correção Complexidade adequada ao tema	4.4		
	Recursos expressivos	20.7					Vocabulário e estruturas diversificadas	4.5		
							Textos orais Argumentação para persuadir os interlocutores	5.2		

SEQUÊNCIA 6 – POESIA

N.º DE AULAS: 2							
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade
Poesia visual (p. 264)	Textos literários diversificados quanto ao país de origem, à época e ao gênero	20.1 21.1	Leitura em voz alta com preparação prévia	7.1	Respostas completas a questões sobre um texto	15.1	
“O menino da sua mãe” (p. 265) e “Ó sino da minha aldeia” (p. 266), de Fernando Pessoa	Temas Ideias principais Pontos de vista Universos de referência	20.2	Relações intratextuais: semelhança, oposição, causa-consequência, parte-todo	9.5			
	Valores culturais, éticos, estéticos, políticos e religiosos	21.2	Sentido global do texto	9.7			
	Relações com o contexto social, histórico e cultural	22.1					
N.º DE AULAS: 2							
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade
“Floriram por engano as rosas bravas”, de Camilo Pessanha (p. 267)	Textos literários diversificados quanto ao país de origem, à época e ao gênero Soneto	20.1 21.1	Sentido global do texto	9.7	Ordenação e hierarquização da informação: continuidade, progressão e coerência	14.1	
	Temas Ideias principais Pontos de vista Universos de referência	20.8 20.2			Vocabulário e estruturas sintáticas (diversificação)	14.4	
	Estruturação do texto	20.5			Sinais de pontuação: delimitação de constituintes da frase, veiculação de valores discursivos	14.5	
	Recursos expressivos	20.7			Revisão e aperfeiçoamento do texto no decurso da redação	14.7	
	Comentário crítico (140 palavras)	21.4					
					Comentário subordinado a tópicos fornecidos	18.2	

MC

25.2
25.3
25.4
Revisão

Gramática

Funções sintáticas
Divisão e classificação
de orações
Classes de palavras

MC

Oralidade

MC

Escrita

MC

Leitura

MC

Oralidade

MC

Escrita

MC

Oralidade

MC

Leitura

MC

Educação Literária

Textos

MC

Gramática

N.º DE AULAS: 2										
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
“Quando a harmonia chega”, de Carlos de Oliveira (p. 271)	Textos literários diversificados quanto ao país de origem, à época e ao género	20.1 21.1	Leitura em voz alta com preparação prévia	7.1	Respostas completas a questões sobre um texto	15.1			Funções sintáticas Funções semânticas	25.2 Revisão
	Temas		Temas	9.2					Significado e relações semânticas entre palavras (Ficha Gramatical n.º 16)	Revisão
	Ideias principais	20.2	Relações intratextuais: semelhança, oposição, causa-consequência	9.5						
	Pontos de vista		Relação da estruturação do texto com a construção da significação e a intenção do autor	9.6						
	Universos de referência		Sentido global do texto	9.7						

Atividades de revisão/ aplicação: Caderno de Atividades – Ficha 12 (Relações semânticas), p. 18

N.º DE AULAS: 2											
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC	
“XXV”, de José Gomes Ferreira (p. 273)	Textos literários diversificados quanto ao país de origem, à época e ao género	20.1 21.1	Leitura em voz alta com preparação prévia	7.1	Respostas completas a questões sobre um texto	15.1	Compreensão oral: documentário “Um homem do tamanho do século” 20ª AULA DIGITAL	1.1			
		Temas	9.2								
				Ideias principais				Identificação do tema e do assunto			
			20.2	Pontos de vista Universos de referência	9.3			Identificação de tópicos	1.2		
				Sentido global do texto	9.7			Informação objetiva e subjetiva	1.3		
	Recursos expressivos	20.7					Identificação de ideias-chave	2.1			
							Síntese do texto ouvido	2.2			

Atividades de revisão/ aplicação: Caderno de Atividades – Ficha 13 (Frase ativa e frase passiva), p. 19

N.º DE AULAS: 2							
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Gramática
"Fragmentos" e "Escola", de Nuno Júdice (p. 281)	Textos literários diversificados quanto ao país de origem, à época e ao género	20.1 21.1	Leitura em voz alta com preparação prévia	7.1	Respostas completas a questões sobre um texto	15.1	
	Temas	20.2	Relações intratextuais: semelhança, oposição, causa-consequência, parte-todo	9.5			
	Ideias principais						
	Pontos de vista						
	Universos de referência		Relação da estruturação do texto com a construção da significação e a intenção do autor	9.6			
	Estruturação do texto	20.5					
"Receita de Ano Novo", de Carlos Drummond de Andrade (p. 282)	Recursos expressivos	20.7					
	Pontos de vista e apreciação crítica	21.3	Sentido global do texto	9.7			
N.º DE AULAS: 1							
Textos	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Gramática
"Receita de Ano Novo", de Carlos Drummond de Andrade (p. 282)	Textos literários diversificados quanto ao país de origem, à época e ao género	20.1 21.1	Leitura em voz alta com preparação prévia	7.1	Respostas completas a questões sobre um texto	15.1	
	Temas	20.2	Relações intratextuais: causa-consequência	9.5			
	Ideias principais		Varição linguística	12.1			
	Pontos de vista		Variedades do português	12.2			
	Universos de referência						
	Pontos de vista e apreciação crítica	21.3					



TESTES DE AVALIAÇÃO

1º PERÍODO

TESTE 1

Escola: _____ Ano letivo: _____

Nome: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Parte A

Lê o texto.

Os gloriosos anos 80

Que posso dizer? Éramos felizes. Pode-se argumentar que éramos felizes porque éramos jovens, ou que éramos felizes porque éramos inconscientes. Eu acho que éramos felizes porque éramos livres. Esta liberdade era como sal marinho que fica no corpo depois do mar, uma coisa que faz bem à saúde.

5 Os anos 80 foram anos de libertação cultural. Era pecado ser-se inculto e este ser-se inculto não significava digerir cultura como quem pratica boas ações antes da confissão, significava que tudo era cultura e tudo era interessante. Lisboa era a capital e fervilhava de “cultura”. Os ciclos de cinema estavam à pinha e mendigavam-se bilhetes, os espetáculos e as exposições tinham gente a deitar por fora. As livrarias eram palco de um teatro pessoal e eram lugar de encontros, com os livreiros nossos amigos dispendo Tennessee Williams ou e.e. cummings, Whitman ou Pessoa, Herberto ou Cesariny, Saramago ou Cardoso Pires, Maria Velho da Costa ou Ruben A., como chocolates suíços. A cultura era, como se diz hoje, um grande mercado. As pessoas falavam em pessoa e não tinham telemóvel nem 493 amigos no Facebook. Havia a poesia e havia a noite e as duas encontravam-se no Bairro Alto. Ainda havia cafés e tertúlias¹.

15 De dia, alguns de nós trabalhavam. Toda a gente ganhava pouco dinheiro mas nunca se falava em dinheiro. Eu comecei no *Expresso* no começo dos 80, vinda do *JL* [Jornal de Letras], com um texto de García Márquez. A Revista do *Expresso* começou nos anos 80 e era, claro, um projeto cultural, editado pelo Vicente Jorge Silva e um grupo de mafiosos culturais no qual eu me incluía. O grupo foi-se alargando, alguns foram embora para outras paragens mas creio que todos concordariam que os anos 80 foram os melhores anos das nossas vidas.

Clara Ferreira Alves, in Revista *Expresso*, 16 de junho de 2012, p. 6 (texto adaptado).

Vocabulário:

¹Tertúlia: reunião, assembleia literária.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. As afirmações apresentadas de (A) a (G) correspondem às ideias-chave do texto de Clara Ferreira Alves. Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem pela qual essas ideias aparecem no texto. Começa a sequência pela letra (D).

- ☐ (A) Os intervenientes do projeto cultural da Revista *Expresso* diriam que os anos 80 foram os melhores.
- ☐ (B) Nos anos 80, tudo era cultura e ser-se inculto era pecado.
- ☐ (C) Ciclos de cinema, espetáculos, exposições, livros – tudo fascinava os jovens.
- ☐ (D) A liberdade nos anos 80 é a razão da felicidade sentida.
- ☐ (E) As pessoas comunicavam em presença.
- ☐ (F) A capital de Portugal era um centro cultural.
- ☐ (G) Nos anos 80, ganhava-se pouco dinheiro mas não se falava nisso.

2. Selecciona, para responderes a cada item (2.1 a 2.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

2.1 A palavra “ou” (l. 2), que liga orações, indica uma ideia de

- ☐ (A) confirmação.
- ☐ (B) alternativa.
- ☐ (C) explicação.
- ☐ (D) consequência.

2.2 A expressão “à pinha”, em “Os ciclos de cinema estavam à pinha” (ll. 7-8) significa

- ☐ (A) à venda.
- ☐ (B) sobredotados.
- ☐ (C) a começar.
- ☐ (D) sobrelotados.

2.3 Com a comparação “como chocolates suíços” (l. 12), ilustra-se

- ☐ (A) a forma como os livreiros incentivavam à leitura de autores nacionais e estrangeiros.
- ☐ (B) a forma como os autores nacionais e estrangeiros circulavam pelas livrarias.
- ☐ (C) a quantidade de livros vendidos pelos livreiros.
- ☐ (D) a qualidade dos livros vendidos pelos livreiros.

2.4 A expressão “no qual” (l. 18) refere-se ao

- ☐ (A) Jornal *Expresso*.
- ☐ (B) projeto cultural.
- ☐ (C) grupo de mafiosos culturais.
- ☐ (D) *Jornal de Letras*.

3. Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto. Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- ☐ (A) “tudo” (l. 7) é um pronome indefinido.
- ☐ (B) “nossos” (l. 10) é um determinante possessivo.
- ☐ (C) “Ainda” (l. 14) é um advérbio de inclusão.
- ☐ (D) “nunca” (l. 15) é um advérbio de afirmação.

Parte B

O Natalzinho

O nosso Natal foi ficarmos a gente os dois aqui em casa com um pinheiro a piscar lâmpadas a noite inteira. O pinheiro deitámo-lo fora no dia seguinte

(primeiro encostado à porta juntamente com o lixo e depois entornado no contentor da rua onde encontra, entre garrafas vazias e papéis de embrulho, outros colegas pinheiros, como ele
5 sem estrelas nem bolinhas prateadas)

mas as lâmpadas, unidas por um fio elétrico, guardamo-las numa caixa de cartão, outrora caixa de sapatos, que por sua vez se arruma na prateleira mais alta da despensa, onde moram as coisas de que precisamos menos

(um calorífero avariado, a canadiana de quando torci o pé, o retrato do meu sogro, os remé-
10 dios fora do prazo)

e onde permanecem, sem piscar nada, até ao próximo Natal. Para as desencantar a minha mulher traz o escadote da marquise

(que eu fico a segurar devido às suas tendências traiçoeiras manifestadas por intermédio de
desequilíbrios e oscilações)

15 sobe a medo os três degraus metálicos prevenindo

— Vê-me lá isso

remexe o calorífero, a canadiana, o retrato e os medicamentos

(não sei como, as lâmpadas emigram sempre lá para o fundo onde moram baratas, pantufas
velhas e pó)

20 alcança a caixa após manobras intermináveis acompanhadas de um vocabulário de chofer de táxi, a quem abalroaram pela esquerda, e cuja energia e variedade me surpreende sempre numa pessoa naturalmente mansa e calada, tenta entregar-me o Natal exigindo que o receba sem largar o escadote, o que é difícil, arredonda mais frases de chofer de táxi, à procura, a descer os degraus, tateando-os um a um. De costas para mim com as Boas-festas nos braços, despenteada
25 e exausta, observa o escadote num palavrão derradeiro, jura que para o ano retirará as decorações da gaveta dos talheres que não exige alpinismos, eu transporto o escadote para a marquise a tropeçar na mobília e arrancando a pintura dos móveis, e como já colocámos o novo pinheiro no vaso

(não o deixando suspeitar do destino de lixo que o espera)

30 basta-nos desenrolar a grinalda de ampolas de cores diferentes em torno dos ramos, pendurar as bolas prateadas, colocar a estrela no topo e ligar a ficha à tomada de corrente para que o Natal desate a piscar a sua alegria pulsatória. Em regra assim que aplico os dois cilindrozitos metálicos na tomada uma das ampolas explode, os fusíveis rebentam e andamos por ali às escuras a esbarrarmos um no outro

35 (eu e o chofer de táxi a quem as trevas enriqueceram a capacidade de expressão)

em busca do contador da luz. Encontrado o contador à custa de fósforos que nos queimam os dedos e esburacam a alcatifa

(o chofer de táxi exalta-se sempre quando nota a alcatifa esburacada)

acionando o interruptor, observamos as lâmpadas uma a uma, atarraxamos os casquilhos
40 que nos parecem soltos, pegamos na ficha a medo, afastamos o sofá

(nessas alturas o sofá, quase sempre leve, decide pesar arrobos)

para utilizar a tomada, aparentemente mais benigna, na parede por trás dele, olhamo-nos a ganhar coragem, introduzimos os cilindrozitos metálicos nos buracos e o prédio inteiro desaparece

com um estrondo. (...) De forma que colamos duas ou três velas a dois ou três pires, com pingos
 45 de estearina que preferem cair fora dos pires e que raspados à faca nos estragam as cómodas, semeamos pela sala aquelas chamazinhas fúnebres

(aos buracos na alcatifa acrescentam-se agora manchas negras no teto)

a minha mulher traz o xaile, eu visto o sobretudo, jantamos bacalhau e trocamos prendas com a árvore a aparecer e a desaparecer ao ritmo da grinalda e nós a aparecermos com ela, como
 50 um par de fantasmas ora azuis ora nada, ora verdes ora nada, ora amarelos ora nada, e sempre que azuis ou verdes, ou amarelos, fantasmagóricos e enormes, projetando sombras quilométricas nas paredes. O meu fantasma recebe umas luvas de lã e um porta-chaves, o fantasma da minha mulher um colar de pérolas quase autêntico e uma escovinha e uma pá de cobre de limpar as migalhas da mesa. (...)

António Lobo Antunes, *Segundo livro de crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, pp. 221-223.

1. Indica o acontecimento a que se refere a expressão “tenta entregar-me o Natal (l. 22)”, explicitando a forma como o cronista e a sua mulher o estavam a viver.
2. Explicita a intencionalidade dos parênteses, ao longo do texto.
 - 2.1 Relê a informação contida no seguinte parênteses: “(eu e o chofer de táxi a quem as trevas enriqueceram a capacidade de expressão)” (l. 35).
 - 2.1.1 Explicita a afirmação, começando por identificar as personagens.
3. Atendendo ao último parágrafo do texto, caracteriza o Natal do cronista e da sua mulher, fazendo uma associação com o título do texto.

Parte C

Dois amigos, a Maria e o Luís, após a leitura do texto B, fizeram os seguintes comentários.

Maria

O cronista, para mim, conseguiu transmitir uma mensagem importante sobre a forma como o Natal é vivido em muitas famílias.

Luís

Na minha opinião, ele mostra que as pessoas procuram seguir as tradições porque elas são importantes na sua vida.

Escreve um texto de opinião, com um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras, em que, de entre os dois comentários, defendas aquele que te parece mais adequado ao sentido do texto da Parte B.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão. Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os seis tópicos apresentados a seguir.

- Indicação do comentário que, na tua opinião, é o mais adequado ao sentido do texto.
- Justificação da escolha desse comentário, através da transcrição de uma expressão que evidencie a forma como o cronista sente o Natal.

- Explicitação da razão pela qual se deita o pinheiro fora logo no dia seguinte.
- Explicitação da relação de “(nessas alturas o sofá, quase sempre leve, decide pesar arrobas)” (l. 40) com o comentário que escolheste.
- Referência a duas características psicológicas da mulher do cronista.
- Apresentação do teu ponto de vista sobre a forma como o casal vive esta festividade.

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. De qual dos conjuntos de palavras está ausente uma relação entre hiperónimo e hipónimos? Selecciona a opção correta.

- ☐ (A) Páscoa – festividade – Natal – Carnaval ☐ (C) Estrela – enfeite – bola – fita
☐ (B) Pinheiro – eucalipto – árvore – oliveira ☐ (D) Vermelho – azul – verde – branco

2. Completa cada uma das frases seguintes com a forma do verbo apresentado entre parênteses, no tempo e modo indicados. Escreve a letra que identifica cada espaço, seguida da forma verbal correta.

- a. Pretérito imperfeito simples:

Há alguns séculos atrás, as populações _____ (“viver”) o Natal sem a tradição do pinheiro.

- b. Presente simples do conjuntivo:

Há quem espere que nós _____ (“organizar”) as festas natalícias em torno da família.

- c. Futuro composto do indicativo:

Ele _____ (“ter”) uma infância feliz, com prendas no sapatinho.

- d. Pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo:

Quem me dera que as luzes _____ (“acender”) à primeira tentativa.

3. Lê a frase seguinte.

A crónica “Natalzinho” apresenta uma reflexão sobre as tradições natalícias.

- 3.1 Indica a função sintática desempenhada pela expressão sublinhada.
 3.2 Reescreve a frase, introduzindo uma oração subordinada adjetiva relativa explicativa.
 3.3 Identifica a classe a que pertence a palavra “sobre”.

GRUPO III

Há tradições que, perdurando durante séculos ou tendo sido criadas mais recentemente (no século passado, por exemplo), fazem todo o sentido.

Escreve um texto de opinião, que pudesse ser publicado num jornal escolar, no qual presentes as vantagens de mantermos vivas certas tradições, procurando convencer os jovens de que elas são importantes na vida das novas gerações.

O teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

1º PERÍODO

TESTE 2

Escola: _____ Ano letivo: _____

Nome: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Parte A

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta as notas e o vocabulário apresentados.

Quando os livros se tornam filmes

Por muito bem-sucedida que uma adaptação possa ser, existe sempre um risco inerente a este tipo de trabalho, sobretudo em relação a obras clássicas em que as expectativas dos leitores são, geralmente, elevadas e em que falhar costuma ser – na opinião de João de Mancelos¹ – significado de “um esplêndido falhanço”.

- 5 Atualmente, estão dois destes exemplos em cartaz: *Anna Karenina* e *Os Miseráveis*. O primeiro, um romance de Tolstói, retrata um amor proibido na Rússia do século XIX e, após variadas adaptações, chega aos cinemas pela visão do britânico Joe Wright. O segundo, de Victor Hugo – adaptado a primeira vez em 1980 – absorve o ambiente dos teatros e surge reinventado por Tom Hooper sob a forma de um musical nos ecrãs. Para João de Mancelos, trata-se de duas adapta-
- 10 ções bem-conseguidas, em que “os autores haveriam de ficar contentes por ver os seus clássicos oferecidos a novas gerações”. Em *Os Miseráveis*, destaca a interpretação de Anne Hathaway, que contracenava com Hugh Jackman e Russell Crowe. Diz que “mais do que uma criação, [o musical] é uma recriação e [representa] uma maneira criativa de olhar para uma obra literária”, sendo que à dificuldade inerente a qualquer adaptação acrescem as exigências relacionadas com
- 15 as músicas e as coreografias. Em relação a *Anna Karenina*, o professor de guionismo lamenta apenas o excesso de encenação que Joe Wright levou para o ecrã, e que, na sua opinião, “podia ter criado algo menos espetacular e mais centrado na história”.

O facto de as obras já terem sido adaptadas anteriormente pode, por um lado, trazer alguma segurança comercial numa altura em que, diz Mário Jorge Torres², “o cinema está em crise [económica] e em crise de imaginação” mas, por outro, constituir um entrave a uma nova abordagem intelectual, que não resiste a comparações. “Muitas vezes, o público já fez o filme do livro na sua cabeça quando estava a ler e diz: ‘Ah, não imaginava a personagem desta forma, ou falta aqui este diálogo.’ E são aspetos que têm de faltar, porque não se consegue pegar num livro e pô-lo tal e qual como está em filme”, afirma João de Mancelos. “A questão da fidelidade é sempre

20 muito problemática. Será que o importante é ser fiel ao livro? Será que se pode ser fiel ao livro?”, questiona. Mário Jorge Torres, que rejeita a ideia de matrimónio no cinema, é perentório: “Não há adaptações fiéis. Há adaptações mais próximas ou mais distantes do filme.”

Se com as autoras de “Uma Aventura” a passagem dos livros para a televisão e para o cinema foi bem-sucedida, o mesmo não aconteceu a Álvaro Magalhães. Desde 1989 que o autor português

30 tem imaginado aventuras de três adolescentes – Joana, Joel e Jorge – por cenários fantásticos na cidade do Porto. Da imaginação passou à escrita e a coleção *Triângulo Jota* conta, atualmente, com 20 livros. Em 2006, viu alguns deles serem adaptados à televisão pela HOP! – Henrique Oliveira Produções, mas, na sua opinião, o resultado foi “miserável” e a adaptação “perfeitamente desastrosa”. “Era um produto esteticamente evoluído – foi a primeira série a ser feita em 3D e,

35 tecnicamente, estava bem feita – mas do ponto de vista do argumento, do entendimento do que eram as histórias e da dimensão psicológica das personagens, era um horror e eu não podia fazer nada”, recorda, ressaltando que se trata de uma questão de sorte e que muitas pessoas passaram a conhecer os livros justamente por causa da série televisiva.

O sentimento de impotência que Álvaro Magalhães descreve é, na sua opinião, consequência

40 de ter cedido à produtora os direitos de adaptação da série e não ter podido participar na escrita dos guiões.

Marta Portocarrero, in *Público online*, 5 de fevereiro de 2012 (texto adaptado, acedido em janeiro de 2013).

Vocabulário:

¹Professor de guionismo da Universidade da Beira Interior (UBI).

²Professor da Faculdade de Letras de Lisboa.

1. Selecciona, para responderes a cada item (1.1 a 1.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

1.1 A expressão “esplêndido falhanço” (l. 4), de João de Mancelos, caracteriza as

- ☐ (A) adaptações de livros fantásticos ao cinema.
- ☐ (B) adaptações de obras clássicas muito conhecidas ao cinema.
- ☐ (C) adaptações de obras clássicas muito conhecidas e que costumam falhar.
- ☐ (D) adaptações falhadas de obras clássicas relativamente às quais se tem grande expectativa.

1.2 As adaptações de obras literárias ao cinema exigem

- ☐ (A) menos das músicas e das coreografias e mais do elenco.
- ☐ (B) tanto das músicas e das coreografias como da recriação do texto.
- ☐ (C) tanto do realizador como do argumento.
- ☐ (D) mais das músicas e das coreografias do que do elenco e do argumento.

1.3 *Anna Karenina* e *Os Miseráveis* são dois exemplos de adaptações

- ☐ (A) comerciais mas sujeitas a comparações com versões anteriores.
- ☐ (B) com sucesso garantido devido às versões anteriores.
- ☐ (C) consideradas pouco fiéis às obras que estiveram na sua origem.
- ☐ (D) pouco centradas na história.

1.4 O fracasso das adaptações dos livros de Álvaro Magalhães à TV deveu-se

- ☐ (A) à comparação feita com as adaptações da coleção “Uma Aventura”.
- ☐ (B) ao facto de ter sido a primeira série a ser feita em 3D.
- ☐ (C) ao argumento e à construção das personagens.
- ☐ (D) ao facto de o autor querer que as pessoas conhecessem os seus livros.

2. Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto. Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- ☐ (A) “este tipo de trabalho” (l. 2) refere-se a “obras clássicas”.
- ☐ (B) “dois destes exemplos” (l. 5) refere-se a “*Anna Karenina* e *Os Miseráveis*”.
- ☐ (C) “as obras” (l. 18) refere-se a “*Anna Karenina* e *Os Miseráveis*”.
- ☐ (D) “alguns deles” (l. 32) refere-se a “20 livros”.

3. Lê o seguinte comentário.

A partir do momento em que as obras clássicas são adaptadas ao cinema, elas perdem o seu interesse e, por isso, deixam de ser lidas.

3.1 Apresenta uma opinião que contrarie a posição tomada, justificando a tua resposta com dois argumentos.

Parte B

Lê os excertos do *Auto da Barca do Inferno* e do *Auto da Índia*, de Gil Vicente. Responde, de forma completa e bem estruturada, apenas a um dos questionários (A. ou B.).

A. Excerto do *Auto da Barca do Inferno*

Cena III – O Onzeneiro

Vem um Onzeneiro¹, e pergunta ao Arraiz do Inferno, dizendo:

Onz. Pera onde caminhas²?

Dia. Oh! que má-hora venhais,
onzeneiro, meu parente!

Como tardastes³ vós tanto?

5 Onz. Mais quisera eu lá tardar⁴...
Na çafra⁵ do apanhar
me deu Saturno quebranto⁶.

¹O que empresta dinheiro a um juro excessivo (11%).

²Navegais, Ides.

³Demorastes.

⁴Demorar.

⁵Colheita, tarefa de amearhar dinheiro.

⁶Morri (me fez Saturno morrer).
Saturno é o deus do tempo, a divindade responsável pela duração das vidas humanas.

- Dia.** Ora mui muito⁷ m'espanto
nom vos livrar o dinheiro!⁸
- 10 **Onz.** Solamente pera o barqueiro
nom me leixaram nem tanto⁹...
- Dia.** Ora entrai, entrai aqui!
- Onz.** Não hei eu i d'embarcar!
- Dia.** Oh! que gentil rechar,
15 e que cousas pera mi!
- Onz.** Ainda agora faleci,
leixa-me buscar batel!
Pesar de São Pimentel¹⁰,
Nunca tanta pressa vi!
- 20 Pera onde é a viagem?
- Dia.** Pera onde tu hás-de ir.
- Onz.** Havemos logo de partir?
- Dia.** Não cures de mais linguagem¹¹.
- Onz.** Pera onde é a passagem?
- 25 **Dia.** Pera a infernal comarca¹².
- Onz.** Dix¹³! Nom vou eu em tal barca.
Estoutra tem vantagem¹⁴.
- [Vai-se à barca do Anjo, e diz:]
- Hou da barca! Houlá! Hou!
Haveis logo de partir?¹⁵
- 30 **Anjo** E onde queres tu ir?
- Onz.** Eu pera o Paraíso vou.
- Anjo** Pois cant'eu¹⁶ mui fora estou¹⁷
de te levar para lá.
Essa barca que lá está
35 vai pera quem te enganou¹⁸.
- Onz.** Porquê?
- Anjo** Porque esse bolsão¹⁹
tomará²⁰ todo o navio.
- Onz.** Juro a Deos que vai vazio!
- 40 **Anjo** Não já no teu coração²¹.
- Onz.** Lá me fica de rodão²²
minha fazenda e alhea.
- Anjo** Ó onzena²³, como es fea
e filha de maldição!

Gil Vicente, "Auto da Barca do Inferno", in *Teatro de Gil Vicente*, edição de António José Saraiva. 6.ª ed., Lisboa: Portugal Editora, s/d, pp. 95-96.

⁷Muitíssimo.

⁸Não vos livrar o dinheiro da morte.

⁹Não me deixaram nem uma moeda para dar ao barqueiro.

¹⁰Personagem da época.

¹¹Escusas de falar mais.

¹²Inferno.

¹³Já disse (exprime medo e surpresa).

¹⁴Vantagem, superioridade.

¹⁵Estais preparado para partir?

¹⁶Quanto a mim.

¹⁷Não estou de acordo.

¹⁸O Diabo.

¹⁹Bolsa grande para guardar o dinheiro.

²⁰Tomaria.

²¹O coração ainda estava cheio de cobiça.

²²Em confusão.

²³Onzena (juro de 11%, o que, na época, era excessivo).

Questionário A

- Por que razão o Diabo trata o Onzeneiro por "parente" (v. 3)?
- Explicita a intenção do Diabo quando diz "Ora mui muito m'espanto / nom vos livrar o dinheiro!" (vv. 8-9).
 - Diz de que forma a explicação dada pelo Onzeneiro ao Diabo (vv. 10-11) acaba por autocaracterizá-lo como uma personagem corrupta.
- Justifica a razão que levou o Anjo a recusar a entrada do Onzeneiro na sua barca.
- Explicita a intenção de Gil Vicente, ao integrar a personagem-tipo do Onzeneiro no *Auto da Barca do Inferno*.

B. Excerto do *Auto da Índia*

	Ama	Jesu! Quão negro e tostado! Não vos quero, não vos quero!			E co'a memória da cruz ⁹ fiz-lhe dizer ãa missa.
	Mar.	E eu a vós si, porque espero serdes mulher de recado ¹ .	30		E prometi-vos em camisa ¹⁰ a santa Maria da Luz:
5	Ama	Moça, tu que estás olhando? Vai muito asinha saltando, faze fogo ² , vai por vinho ³ , e a metade dum cabritinho, enquanto estamos falando.	35		e logo, à quinta-feira fui-me ao Espírito Santo com outra missa também; chorei tanto, que ninguém nunca cuidou ver tal pranto.
10		Ora como vos foi lá? ⁴			Correstes ¹¹ aquela tormenta? Andar ¹² .
	Mar.	Muita fortuna ⁵ passei.			Mar. Durou-nos três dias.
	Ama	E eu, oh quanto chorei, quando a armada foi de cá! E quando vi desferir ⁶ , que começastes de partir, Jesu! eu fiquei finada ⁷ ! Três dias não comi nada, a alma se me queria sair.	40	Ama	As minhas três romarias, com outras, mais de quarenta ¹³ .
15				Mar.	Fomos na volta do mar ¹⁴ quase, quase a quartelar: a nossa Garça voava, que o mar se espedaçava ¹⁵ .
	Mar.	E nós, cem léguas daqui, saltou tanto sudoeste, sudoeste e oeste-sudoeste, que nunca tal tormenta vi.	45		Fomos ao rio de Meca, pelejámos e roubámos, e muito risco passámos à vela, árvore seca ¹⁶ .
20	Ama	Foi isso à quarta-feira, aquela logo primeira?	50	Ama	E eu cá esmorecer ¹⁷ , fazendo mil devações ¹⁸ , mil choros, mil orações.
25	Mar.	Si ⁸ ; e começou n'alvorada.		Mar.	Assi havia de ser.
	Ama	E eu fui-me de madrugada a nossa Senhora d'Oliveira.			

Gil Vicente, *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente – vol. II*,
introdução e normalização do texto de Maria Leonor Carvalhão Buescu.
Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983, pp. 357-359.

¹Honesta, séria.

²Acende o fogo.

³Vai buscar vinho.

⁴Então como passaste por lá?

⁵Tempestade, desgraça.

⁶Desfraldar as velas.

⁷Desorientada.

⁸Sim.

⁹Recordando-me da cruz.

¹⁰Prometi ofertar a cera equivalente ao vosso peso, só em camisa.

¹¹Sofrestes.

¹²Prossigui (a vossa narrativa).

¹³Esses três dias de tempestade coincidiram com as minhas três romarias. Fui ainda a muitas outras, de modo que, ao todo, deveria ter ido a mais de quarenta.

¹⁴Afastámo-nos da costa.

¹⁵O mar espedaçava-se contra a quilha da nau que era arrastada pelo vento.

¹⁶Com os mastros nus, sem velas, por causa da tempestade.

¹⁷Desanimada.

¹⁸Atos devotos.

Questionário B

1. Identifica o tipo de cómico criado com a fala da Ama “Jesu! Quão negro e tostado! / Não vos quero, não vos quero!” (vv. 1-2). Justifica a tua resposta.
2. Caracteriza a Ama a partir do diálogo que tem com o seu marido.
3. Explicita o significado da fala do Marido “Assi havia de ser” (v. 53).
4. Que visão da expansão marítima é apresentada pelo Marido no seu relato?
 - 4.1. Transcreve os versos que comprovam, de forma resumida, essa visão.

Parte C

Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras, no qual apresentes as linhas fundamentais de leitura do cartaz apresentado.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Segue os tópicos.

- Objetivos que levaram à elaboração do cartaz.
- Destinatários do cartaz.
- Mensagem transmitida.
- Importância da imagem na explicitação da mensagem que se quer transmitir.
- Pertinência da linguagem utilizada (frases, expressões, etc.).



GRUPO II

1. Completa cada uma das frases seguintes com a forma adequada do verbo apresentado entre parênteses, usando apenas tempos simples.
 - a. Era impossível imaginar que o cartaz _____ (“obter”) tanto êxito.
 - b. O facto de nós _____ (“premiar”) o cartaz n.º 5 não significa dizer que os outros não tivessem mérito.
 - c. _____ (“haver”) vários concursos na minha escola para que se descobrissem novos talentos.
 - d. Sei que _____ (“valer”) muito mais nas provas de atletismo do que aquilo que demonstrei na época passada.

2. Selecciona, para responderes a cada item (2.1 e 2.2), a única opção que permite obter uma afirmação correta.

2.1 Na frase “Embora os alunos tivessem ido ao cinema, precisaram de ler a obra na íntegra”, a forma verbal sublinhada está no

- ☐ (A) pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo.
- ☐ (B) pretérito perfeito composto do conjuntivo.
- ☐ (C) pretérito mais-que-perfeito composto do conjuntivo.
- ☐ (D) condicional composto.

2.2 Na frase “O cinema é a forma de arte mais apreciada”, o adjetivo encontra-se no grau

- ☐ (A) superlativo absoluto sintético.
- ☐ (B) superlativo relativo de superioridade.
- ☐ (C) superlativo absoluto analítico.
- ☐ (D) comparativo de superioridade.

3. Lê a seguinte frase.

O Manuel ganharia o concurso se tivesse escrito um conto e não um poema.

3.1 Reescreve a frase, substituindo a expressão sublinhada pelo pronome pessoal adequado. Faz as alterações necessárias.

GRUPO III

O texto da Parte A apresenta exemplos de obras clássicas e de narrativas juvenis que foram adaptadas ao cinema. Umas tiveram grande sucesso e outras não.

Recorda um livro que tivesses lido e que gostarias de ver adaptado ao cinema.

Num texto argumentativo, com um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras, apresenta os aspetos do livro (personagens, ação, etc.) que, para ti, poderiam transformar o filme num sucesso de bilheteria.

2º PERÍODO

TESTE 1

Escola: _____ Ano letivo: _____

Nome: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Parte A

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta as notas e o vocabulário apresentados.

Cacilheiro de Joana Vasconcelos abriu as portas

Forrado com um painel de azulejo gigante, o ferry lisboeta será transportado dentro de um navio cargueiro. Lá dentro, uma sala decorada com o material têxtil comum à obra da artista fará alusão ao ambiente doméstico, e, no primeiro andar, um deck¹, forrado a cortiça, albergará um palco e uma loja.

5 Foi um batalhão de jornalistas, fotógrafos e operadores de imagem que ao início da tarde se encontraram no estaleiro da Navaltejo, no Seixal. Joana Vasconcelos, acompanhada pelo comissário Miguel Amado, pelos secretários de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier, e das Obras Públicas e Transportes, Sérgio Monteiro, e pelo diretor geral das Artes, Samuel Rego, abriu as portas do cacilheiro "Trafaria Praia" pela primeira vez.

10 Era oficialmente apresentado o projeto que a artista levará a Veneza para a representação portuguesa na 55.ª edição da Bienal de Artes Visuais. A ser intervencionado no exterior e ainda vazio no interior, o barco prepara-se para uma transformação radical. Depois de ter estado 51 anos no ativo e de ter transportado 11 milhões de pessoas entre as duas margens do Tejo, será forrado com um painel de azulejo de uma ponta a outra – uma vista de Lisboa do século XXI, inspirada no célebre painel de 1700, "Grande Panorama de Lisboa", de Gabriel del Barco, exposto no Museu Nacional do Azulejo –, a serem já fabricados e pintados à mão na Fábrica Viúva Lamego.

No seu interior, os têxteis, material de eleição de grande parte da obra de Joana Vasconcelos, também em tons de azul e branco, como os azulejos, transformarão o primeiro piso do barco numa "sala cega", como lhe chama a artista, ocupada por uma enorme instalação "que vai parecer que 20 está a respirar. Desaparece o barco e no seu interior nasce um novo corpo, que, às escuras, contará com a oscilação das luzes que acompanham cada peça da instalação para de uma forma orgânica refletir o interior de uma casa, num ambiente doméstico", explica a artista.

O piso superior "vai ser Portugal". Desta vez forrada a cortiça, a sala contará com um deck composto por um palco e uma loja.

25 O palco servirá para receber a visita de vários artistas portugueses da área da música (os nomes ainda não estão definidos), mas também servirá de âncora a uma vasta programação de conferências e palestras em torno da arte contemporânea portuguesa.

Ao lado, uma loja venderá os melhores produtos nacionais (A Vida Portuguesa, loja de Catarina Portas, selecionará esses produtos), desde o vinho aos enchidos, se falarmos de gastronomia, dos 30 bordados tradicionais à arte artesanal... Em suma, diz Joana Vasconcelos, "uma embaixada da

nossa cultura". O objetivo é só um: divulgar a marca Portugal. "O cacilheiro vai ser um objeto artístico e um pavilhão, por isso tem que ser mais do que a artista, tem que ser o país, tem que ser uma marca", sublinha ainda.

Pavilhão flutuante atracado aos Giardini de Veneza, onde se situam os pavilhões dos mais de 90 países participantes da Bienal, o "Trafaria Praia", nome do cacilheiro e do projeto artístico, permite pela primeira vez a Portugal exibir a sua representação oficial no mais central local daquela cidade italiana. Além disso, circulará pela laguna de Veneza, transportando visitantes da "obra de arte total" e passageiros, 75 no máximo, como se ainda de um transporte público se tratasse. O trajeto será diário e chegará à Ponta de la Tocana.

Alexandra Carita, in *Expresso online*, 12 de fevereiro de 2013 (acedido em fevereiro de 2013).

Vocabulário:

¹Deck: palavra inglesa que significa convés.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. Selecciona, para responderes a cada item (1.1 a 1.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

1.1 A expressão "cacilheiro", presente no título, corresponde a

- ☐ (A) "ferry" (l. 1).
- ☐ (B) "navio cargueiro" (l. 2).
- ☐ (C) "obra da artista" (l. 2).
- ☐ (D) "deck" (l. 3).

1.2 As formas verbais no futuro, no primeiro parágrafo, devem-se ao facto de o cacilheiro

- ☐ (A) ser um projeto futurista.
- ☐ (B) ser um projeto a desenvolver.
- ☐ (C) ir viajar até Veneza.
- ☐ (D) fazer parte da 55.^a edição da Bienal de Artes Visuais.

1.3 Uma expressão antónima de "no ativo" (ll. 12-13) seria

- ☐ (A) no passivo.
- ☐ (B) em passividade.
- ☐ (C) em atividade.
- ☐ (D) em competição.

1.4 O "Trafaria Praia" é

- ☐ (A) um museu português em Veneza.
- ☐ (B) a casa artística de Joana Vasconcelos, representativa de Portugal.
- ☐ (C) uma obra artística de representação portuguesa em Veneza.
- ☐ (D) uma obra artística representativa de Portugal e meio de transporte de visitantes.

2. Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto. Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- ☐ (A) “No seu interior” (l. 17) refere-se ao interior da “Fábrica Viúva Lamego”.
- ☐ (B) “sala” (l. 23) é merónimo de “cacilheiro”.
- ☐ (C) “onde” (l. 34) refere-se aos “Giardini de Veneza”.
- ☐ (D) “sua” (l. 36) refere-se a “Portugal”.

Parte B

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta as notas e o vocabulário apresentados.

A aia

Era uma vez um rei, moço e valente, senhor de um reino abundante em cidades e searas, que partira a batalhar por terras distantes, deixando solitária e triste a sua rainha e um filhinho, que ainda vivia no seu berço, dentro das suas faixas.

A Lua cheia que o viria marchar, levado no seu sonho de conquista e de fama, começava a
5 minuar¹ – quando um dos seus cavaleiros apareceu, com as armas rotas, negro do sangue seco e do pó dos caminhos, trazendo a amarga nova de uma batalha perdida e da morte do rei, trespassado por sete lanças entre a flor da sua nobreza, à beira de um grande rio.

A rainha chorou magnificamente o rei. Chorou ainda desoladamente o esposo, que era formoso e alegre. Mas, sobretudo, chora ansiosamente o pai que assim deixava o filhinho desamparado,
10 do, no meio de tantos inimigos da sua frágil vida e do reino que seria seu, sem um braço que o defendesse, forte pela força e forte pelo amor.

Desses inimigos o mais temeroso era seu tio, irmão bastardo do rei, homem depravado e bravo, consumido de cobiças grosseiras, desejando só a realeza por causa dos seus tesouros e que havia anos vivia num castelo sobre os montes, com uma horda² de rebeldes, à maneira de um
15 lobo que, entre a sua atalaia³, espera a presa. Ai! a presa agora era aquela criancinha, rei de mama, senhor de tantas províncias, e que dormia no seu berço com o seu guizo de ouro fechado na mão!

Ao lado dele, outro menino dormia noutro berço. Mas este era um escravozinho, filho da bela e robusta escrava que amamentava o príncipe. Ambos tinham nascido na mesma noite de verão.
20 O mesmo seio os criava. (...)

No entanto, um grande temor enchia o palácio, onde agora reinava uma mulher entre mulheres. O bastardo, o homem de rapina que errava no cimo das serras, descera à planície com a sua horda, e já através de casais e aldeias felizes ia deixando um sulco de matança e ruínas. As portas da cidade tinham sido seguras com cadeias mais fortes. Nas atalaias ardiam lumes mais
25 altos. Mas à defesa faltava disciplina viril. Uma roca⁴ não governa como uma espada. Toda a nobreza fiel perecera⁵ na grande batalha. E a rainha desventurosa apenas sabia correr a cada instante ao berço do seu filhinho e chorar sobre ele a sua fraqueza de viúva. Só a ama leal parecia segura – como se os braços em que estreitava o seu príncipe fossem muralhas de uma cidade que nenhuma audácia pode transpor.

30 Ora uma noite, noite de silêncio e de escuridão, indo ela adormecer, já despida, no seu catre⁶, entre os seus dois meninos, adivinhou, mais que sentiu, um curto rumor de ferro e de briga,

longe, à entrada dos vergéis⁷ reais. Embrulhada à pressa num pano, atirando os cabelos para trás, escutou ansiosamente. Na terra areada, entre os jasmineiros, corriam passos pesados e rudes. Depois houve um gemido, um corpo tombando molemente, sobre lajes, como um fardo.

35 Descerrou violentamente a cortina. E além, ao fundo da galeria, avistou homens, um clarão de lanternas, brilhos de armas... Num relance tudo compreendeu – o palácio surpreendido, o bastardo cruel vindo roubar, matar o seu príncipe! Então, rapidamente, sem uma vacilação, uma dúvida, arrebatou o príncipe do seu berço de marfim, atirou-o para o pobre berço de verga – e tirando o seu filho do berço servil, entre beijos desesperados, deitou-o no berço real, que cobriu com um

40 brocado⁸.

Eça de Queirós, *Contos*. Lisboa: Editora Livros do Brasil, 2012, pp. 157-160.

Vocabulário:

¹Minguar: diminuir. ²Horda: bando indisciplinado. ³Atalaia: lugar de onde se vigia. ⁴Roca: aparelho para fiar. ⁵Perecer: morrer.

⁶Catre: cama tosca e pobre. ⁷Vergéis: jardins. ⁸Brocado: estofado.

1. Explicita a reação da rainha ao saber da morte do rei.
2. Evidencia o contraste entre a caracterização da rainha e a do seu cunhado. Justifica a resposta com dados textuais.
3. “Só a ama leal parecia segura – como se os braços em que estreitava o seu príncipe fossem muralhas de uma cidade que nenhuma audácia pode transpor.” (ll. 27-29).
 - 3.1. Explica a funcionalidade do excerto textual, comprovando a tua resposta com um recurso expressivo nele presente.
4. Explicita a intenção da ama ao trocar as crianças de berço e justifica-a.

Parte C

Lê o seguinte excerto da estância 3 do Canto I d’*Os Lusíadas*.

3

Cessem do sábio Grego¹ e do Troiano²
 As navegações grandes que fizeram;
 Cale-se de Alexandro³ e de Trajano⁴
 A fama das vitórias que tiveram;
 Que eu canto o peito⁵ ilustre Lusitano,
 A quem Neptuno⁶ e Marte⁷ obedeceram.
 Cesse tudo o que a Musa antiga⁸ canta,
 Que outro valor mais alto se alevanta.

Luís de Camões, *Os Lusíadas* (leitura, prefácio e notas de A. Costa Pimpão).

Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2000, p. 1.

¹Ulisses, herói da *Odisseia*.

²Eneias, herói da *Eneida*.

³Alexandre Magno, rei da Macedónia (356-323 a.C.). Foi grande guerreiro e político.

⁴Imperador romano (52-117).

⁵Neste passo, a palavra “peito” significa valor, coragem (dos portugueses).

⁶Deus do mar.

⁷Deus da guerra.

⁸Para os Antigos, a musa da epopeia era Calíope.

Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras, no qual explicites o conteúdo desta estância 3.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão. Organiza a tua informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos a seguir apresentados.

- Indicação da estância na estrutura externa.
- Indicação do modo verbal das formas verbais “Cessem”, “Cale-se”, “Cesse” e explicitação do seu valor.
- Referência ao significado da expressão “Que eu canto o peito ilustre Lusitano,” (v. 5).
- Explicitação do “valor” que “mais alto se alevanta” (v. 8).
- Indicação da intenção do poeta nesta estância.

GRUPO II

1. O processo de evolução fonológica presente em *alevanta* > *levanta* é

- ☐ (A) prótese.
- ☐ (B) aférese.
- ☐ (C) apócope.
- ☐ (D) paragoge.

2. Selecciona, para responderes a cada item (2.1 a 2.3), a única opção que permite obter uma afirmação correta.

Na frase “Assim que começamos a ler *Os Lusíadas*, percebi logo o grande valor histórico que a epopeia tem.”,

2.1 a primeira oração é

- ☐ (A) subordinada adverbial concessiva.
- ☐ (B) subordinada adverbial causal.
- ☐ (C) subordinada adverbial consecutiva.
- ☐ (D) subordinada adverbial temporal.

2.2 o verbo auxiliar é

- ☐ (A) “começamos”.
- ☐ (B) “ler”.
- ☐ (C) “percebi”.
- ☐ (D) “tem”.

2.3 a palavra “logo” pertence à classe

- ☐ (A) das conjunções.
- ☐ (B) dos advérbios.
- ☐ (C) das preposições.
- ☐ (D) dos adjetivos.

3. Associa a cada função sintática da coluna A uma única frase da coluna B, de modo a identificares a expressão sublinhada que corresponde a cada função sintática.

Coluna A	Coluna B
(A) Predicado	(1) Caiu <u>uma maçã</u> da fruteira.
(B) Complemento oblíquo	(2) A aluna <u>que chegou ontem</u> é minha prima.
(C) Sujeito	(3) A fruteira tem sempre <u>muitas</u> romãs.
(D) Predicativo do sujeito	(4) <u>Amanheceu</u> .
(E) Modificador do nome restritivo	(5) A polícia atuou com rapidez e levou <u>o larápio</u> .
	(6) José, <u>o rapaz que mora no 1.º andar</u> , toca guitarra.
	(7) O professor de música anda <u>de cá para lá</u> .
	(8) Após várias perguntas, o Rodrigo permaneceu <u>calado</u> .

GRUPO III

Há quem considere a lealdade um valor de extrema importância nas sociedades atuais. Contudo, aponta um problema: este valor é cada vez mais raro entre amigos.

Escreve um texto narrativo, correto e bem estruturado, com um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras, em que contes uma aventura que tenhas vivido com um(a) amigo(a) e na qual a lealdade esteja associada à ação.

2º PERÍODO

TESTE 2

Escola: _____ Ano letivo: _____

Nome: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Parte A

Lê o texto seguinte.

Continuamos esmagados pelos Descobrimentos?

As descobertas são o período da história que hoje parece dizer mais aos portugueses, mas nem sempre foi assim. Se a escola não mudar, aliás, elas correm o risco de ser uma memória cada vez mais distante. Feita de glórias de navegadores, mas também do trabalho de homens comuns, de dúvidas e de corrupção.

5 Muitas são as perguntas que surgem quando procuramos explicar a relação especial que os portugueses mantêm com os Descobrimentos, mas será que os conhecem? Será que é por eles que o mar tem um papel tão importante na cultura portuguesa, no seu imaginário, ou é só porque geograficamente Portugal é um país pequeno com uma costa grande?

Fizemos estas e outras perguntas a dois historiadores e a um poeta e ensaísta. Quisemos
10 saber, sobretudo, se os portugueses ainda estão, de alguma forma, “esmagados” pela memória de uma época em que tinham outro papel no mundo. Uma época em que havia Portugal em todos os continentes.

Vasco Graça Moura, poeta e ensaísta, que entre 1988 e 1995 presidiu à Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, reconhece que continuamos “marca-
15 dos” pelo que Portugal foi capaz de fazer a partir do começo do século XV, mas que essa memória, tantas vezes de olhos fechados à dura realidade do dia a dia do país nessa época e carregada de mitificações, não molda o que somos hoje nem limita a leitura que fazemos do passado — ajuda, antes, a compreendê-lo.

“Temos um peso, uma carga histórica”, começa por dizer sentado no seu gabinete do Centro
20 Cultural de Belém, de que é hoje presidente. “Sabemos que tivemos importância em relação ao mar, aos caminhos que ele abre. Isto mesmo quando não sabemos nada de história e não lemos *Os Lusíadas*. Por outro lado, há um sentimento de impotência disfarçada de que hoje só vivemos dificuldades e ainda não encontramos uma maneira de as ultrapassar, embora possamos sentir que no mar pode estar a chave para a solução de muitos problemas.”

25 Em tempos de crise como a que a Europa atravessa, com duros reflexos em Portugal, há uma certa tendência para fazer comparações “disparatadas” entre um presente amargo e um “passado de glória” que teve grandes protagonistas como o infante D. Henrique, Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque ou Fernão de Magalhães, lembra Graça Moura.

Lucinda Canelas, in *Público online*, 26 de setembro de 2009
(texto adaptado, acedido em janeiro de 2013).

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. As afirmações apresentadas de (A) a (G) correspondem a ideias-chave do texto de Lucinda Canelas. Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem pela qual essas ideias aparecem no texto. Começa a sequência pela letra (D).

- ☐ (A) Hoje há a tendência para comparações irrealistas entre o tempo dos Descobrimentos e o tempo presente.
- ☐ (B) A crise da Europa tem reflexos em Portugal.
- ☐ (C) Quando se procura entender a relação que os portugueses têm com os Descobrimentos, surgem muitas perguntas.
- ☐ (D) As descobertas dizem hoje muito aos portugueses, mas nem sempre foi assim.
- ☐ (E) Algumas personalidades da nossa cultura responderam a certas questões sobre a relação que os portugueses têm com os Descobrimentos.
- ☐ (F) Persiste a ideia de que as dificuldades do presente são inultrapassáveis, embora se acredite no papel do mar como chave para os problemas nacionais.
- ☐ (G) Um dos entrevistados reconheceu que os Descobrimentos não alteram a nossa atual forma de ser.

2. Selecciona, para responderes a cada item (2.1 a 2.3), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

2.1 Os Descobrimentos

- ☐ (A) são hoje mais importantes para os portugueses do que noutras épocas.
- ☐ (B) são hoje menos importantes para os portugueses do que noutras épocas.
- ☐ (C) sempre foram importantes para os portugueses.
- ☐ (D) nunca foram importantes para os portugueses.

2.2 Vasco Graça Moura defende que a memória dos Descobrimentos

- ☐ (A) engloba as dificuldades do país de então.
- ☐ (B) considera a dureza da época e as mitificações.
- ☐ (C) é feita de dureza e de mitos.
- ☐ (D) também é feita de mitos.

2.3 As comparações “disparatadas” que são feitas hoje entre o presente e o passado devem-se

- ☐ (A) à incapacidade que temos hoje em chegar à glória.
- ☐ (B) à crise europeia, com reflexos em Portugal.
- ☐ (C) ao facto de o presente ser totalmente oposto ao passado.
- ☐ (D) ao facto de os heróis do passado serem incomparáveis aos do presente.

3. Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido. Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- ☐ (A) O pronome “elas” (l. 2) refere-se a “descobertas”.
- ☐ (B) O pronome “que” (l. 13) refere-se a “Vasco Graça Moura”.
- ☐ (C) O pronome “que” (l. 20) refere-se a “gabinete”.
- ☐ (D) O pronome “ele” (l. 21) refere-se a “mar”.

Parte B

O texto que vais ler é um excerto da *Carta de Pêro Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*, escrita por Pêro Vaz de Caminha, durante o reinado de D. Manuel I. Foi enviado para a Índia como escrivão da feitoria de Calecut, integrando a armada de Pedro Álvares Cabral.

É na nau do capitão que escreve a Carta.

Domingo, 26 de abril

Ao domingo de Pascoela pela manhã, determinou o capitão de ir ouvir missa e pregação naquele ilhéu. Mandou a todos os capitães que se aprestassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou naquele ilhéu armar um esperavel¹, e dentro dele um altar mui bem coregido. E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual foi dita pelo padre Frei Henrique, em
5 voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes, que todos eram ali. A qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção.

Ali era com o capitão a bandeira de Cristo, com que saiu de Belém, a qual esteve sempre levantada, da parte do Evangelho.

Acabada a missa, desvestiu-se o padre e subiu a uma cadeira alta; e nós todos lançados por
10 essa areia. E pregou uma solene e proveitosa pregação da história do Evangelho, ao fim da qual tratou da nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o sinal da Cruz, sob cuja obediência viemos, o que foi muito a propósito e fez muita devoção.

Enquanto estivemos à missa e à pregação, seria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos como a de ontem, com seus arcos e setas, a qual andava folgando. E olhando-nos, senta-
15 ram-se. E, depois de acabada a missa, assentados nós à pregação, levantaram-se muitos deles, tangeram² corno ou buzina e começaram a saltar e a dançar um pedaço. E alguns deles se metiam em almadias – duas ou três que aí tinham –, as quais não são feitas como as que eu já vi; somente são três traves, atadas entre si. E ali se metiam quatro ou cinco, ou esses que queriam, não se afastando quase nada da terra, senão enquanto podiam tomar pé.

20 Acabada a pregação, voltou o capitão, com todos nós, para os batéis, com nossa bandeira alta. Embarcámos e fomos todos em direcção à terra para passarmos ao longo por onde eles estavam, indo, na dianteira, por ordem do capitão, Bartolomeu Dias em seu esquife, com um pau de uma almadia que lhe o mar levava, para lho dar; e nós todos, obra de tiro de pedra³, atrás dele.

Como viram o esquife de Bartolomeu Dias, chegaram-se logo todos à água, metendo-se nela
25 até onde mais podiam. Acenaram-lhes que pousassem os arcos; e muitos deles os iam logo pôr em terra; e outros não.

Andava aí um que falava muito aos outros que se afastassem, mas não que a mim me parecesse que lhe tinham acatamento ou medo. Este que assim os andava afastando trazia seu arco e setas, e andava tinto de tintura vermelha pelos peitos, espáduas, quadris, coxas e pernas até baixo,
30 mas os vazios com a barriga e o estômago eram de sua própria cor. E a tintura era assim vermelha que a água a não comia nem desfazia, antes, quando saía da água, parecia mais vermelha.

Saiu um homem do esquife de Bartolomeu Dias e andava entre eles, sem implicarem nada com ele para fazer-lhe mal. Antes lhe davam cabaças de água, e acenavam aos do esquife que saíssem em terra.

35 Com isto se volveu Bartolomeu Dias ao capitão; e viemo-nos às naus, a comer, tangendo gaitas e trombetas, sem lhes dar mais opressão. E eles tornaram-se a assentar na praia e assim por então ficaram.

Neste ilhéu onde fomos ouvir missa e pregação, a água espraia muito, deixando muita areia e muito cascalho a descoberto. Enquanto aí estávamos, foram alguns buscar marisco e apenas
 40 acharam alguns camarões grossos e curtos, entre os quais vinha um tão grande e tão grosso como em nenhum tempo vi tamanho. Também acharam cascas de berbigões e amêijoas, mas não toparam com nenhuma peça inteira.

Carta de Pêro Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil,
 estudo introdutório e notas de Maria Paula Caetano e Neves Águas.
 Mem-Martins: Publicações Europa-América, s/d, pp. 73-76.

Notas:

¹Espécie de dossel ou pálio fixo.

²Tocaram.

³Alcance dum projétil lançado pela peça de artilharia chamada “pedreiro”, que se pode calcular em cerca de 450 m.

Responde ao questionário seguinte.

1. O autor da Carta, ao escrevê-la, tem uma intenção.

1.1 Tendo em conta o excerto que leste, indica essa intenção, comprovando-a com duas marcas textuais.

2. Explicita o contraste existente entre os marinheiros portugueses e os indígenas durante a missa e a pregação.

3. O autor da Carta detém a sua atenção em determinados aspetos físicos e objetos dos indígenas, dando conta deles com pormenor.

3.1 Indica e caracteriza um aspeto físico e um objeto dos indígenas.

3.2 Justifica o recurso ao pormenor.

4. Uma biblioteca está a organizar o seu espaço por secções. Destas, constam as seguintes.

Epopéias

Literatura de viagens

4.1 Em qual das secções incluirias a Carta de Pêro Vaz de Caminha? Justifica a tua opção, fundamentando-a com elementos do texto.

Parte C

Lê as estâncias 145 e 146 do Canto X d'*Os Lusíadas*, a seguir transcritas, e responde, de forma completa e bem estruturada. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

145

Nô mais, Musa, nô mais¹, que a Lira tenho
Destemperada² e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor³ com que mais se acende o engenho⁴
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Dũa austera⁵, apagada⁶ e vil⁷ tristeza.

146

E não sei por que influxo de Destino⁸
Não tem⁹ um ledo¹⁰ orgulho e geral gosto,
Que os ânimos levanta de contino
A ter pera trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó Rei¹¹, que por divino
Conselho¹² estais no régio sólio¹³ posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só¹⁴ de vassalos excelentes.

Luís de Camões, *Os Lusíadas* (leitura, prefácio e notas de A. Costa Pimpão).
Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2000, p. 476.

¹Não mais cantarei.

²Desafinada.

³Apoio, aplauso.

⁴Talento.

⁵Sombria.

⁶Escura.

⁷Sem dignidade, mesquinha.

⁸Pressão, ação exercida pelo Destino.

⁹Ela, a pátria.

¹⁰Contente, feliz.

¹¹D. Sebastião.

¹²Por vontade de Deus.

¹³Trono real (de Portugal).

¹⁴Único senhor.

1. Redige um texto expositivo, com um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras, no qual explicites o conteúdo das estâncias 145 e 146.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte final, e deve ter em conta os seguintes tópicos.

- Explicitação do objetivo do poeta ao dirigir-se à musa (est. 145).
- Referência à razão que justifica o desânimo do poeta (est. 145).
- Caracterização da pátria portuguesa, de acordo com o poeta, recorrendo a dados textuais (est. 145).
- Explicitação da razão pela qual a pátria “Não tem um ledo orgulho e geral gosto”(v. 2, est. 146).
- Identificação do interlocutor dos últimos quatro versos (est. 146).
- Indicação do objetivo da interpelação feita ao interlocutor (est. 146).

GRUPO II

1. Selecciona a alínea que completa a seguinte frase.

No excerto da Parte C do Grupo I, a palavra “pera” (v. 4, est. 146) é um

- ☐ (A) neologismo.
- ☐ (B) arcaísmo.
- ☐ (C) acrónimo.
- ☐ (D) empréstimo.

2. Selecciona a opção em que a palavra “bem” é advérbio.

- ☐ (A) A ilha está muito bem apetrechada.
- ☐ (B) Para ele foi um bem livrar-se do mapa!
- ☐ (C) A ilha foi considerada um bem público.
- ☐ (D) Faz o bem e não olhes a quem!

3. Transforma cada par de frases simples numa frase complexa, substituindo o elemento sublinhado por um pronome relativo. Faz as alterações necessárias.

- a. Eu adorei a expedição. Fiz a expedição no ano passado.
- b. O sonho realizou-se. Tive o sonho aos dez anos.

4. Reescreve a seguinte frase no discurso direto.

A Ana segredou ao Pedro, na aula de Português, que tinha sido seleccionada para participar numa expedição que se iria realizar em África. Partiria no dia seguinte.

5. Classifica a oração sublinhada na frase seguinte.

Mal chegou, a Ana escreveu uma carta ao Pedro.

GRUPO III

Imagina que participaste na exploração de uma ilha pouco conhecida.

Escreve uma carta, correta e bem estruturada, com um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras, na qual relates à tua família o que fizeste e observaste naquele local.

Respeita os aspetos formais da carta.

Assina a carta com a expressão “Um amigo explorador” ou “Uma amiga exploradora”.

3º PERÍODO

TESTE 1

Escola: _____ Ano letivo: _____

Nome: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Parte A

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta as notas e o vocabulário apresentados.

No escuro, com Clarice

Tenho uma enorme dificuldade em começar o ano: o frenesim festivo angustia-me, não o entendo. Nunca consegui ser feliz por decreto, creio que é por isso que tenho menos queixas da vida do que o comum dos portugueses. Não tenho um temperamento enevoado nem cultivo o ceticismo desamparado que serve de sedutor cenário ao pós-guerra da emancipação das mulheres: detesto gente lamurienta, gosto da festa quotidiana do amor e da alegria – por isso embirro com os rituais de festejo obrigatório: as doze passas (quem tem doze desejos assim tão organizadinhos e independentes?), o pé no ar, os abraços e beijos convencionais, o demónio das resmas de sms de pessoas que durante o resto do ano não querem saber se estou viva ou morta, tudo isso me dá cabo do juízo. E sobretudo mata-me os bons sentimentos, o que é triste e nem sequer é fado. Não podemos candidatar os bons sentimentos a património imaterial da humanidade? Sempre serviam para alguma coisa, porque para a literatura parece que deixaram de servir assim que o Cervantes¹ morreu, o que me faz pena.

Assim, nesta passagem de ano, fugi para dentro do mundo de Clarice Lispector² – um mundo de uma lucidez alucinante, que nos instiga a desbravar o tutano da vida. As frases de Clarice são relâmpagos que iluminam a mais bruta e profunda matéria do humano. Todos os seus livros são prodigiosos, no sentido literal: a cada releitura trazem novas descobertas – e, ao contrário do que tantas vezes se diz, não é necessário ser-se «intelectual» para aceder a Clarice. É necessário, sim, ser-se uma coisa mais difícil: livre, como Clarice profundamente foi. Essa liberdade exige inocência, a capacidade de olhar para o já visto e já nomeado como se não o conhecessemos. O dom da sua escrita é o de iluminar os objetos e os seres mais simples, interrogando-os para os entender, sem juízos prévios. A força da sua voz advém dessa inocência inexpugnável, valente, ilimitadamente ousada. Releio *Uma Aprendizagem* ou *O Livro dos Prazeres* porque é o mais perfeito e feliz livro que conheço sobre a paixão como conhecimento em crescendo e intensidade física que perdura – contra séculos de literatura que choram a sua tragédia e brevidade. Este romance não começa nem acaba: abre com uma vírgula e uma mulher excessivamente ocupada, termina com dois pontos depois dos quais Ulisses continuaria a dizer a Loreley o que estava a pensar. Deste modo, Clarice diz-nos que a conversa íntima entre dois amantes é infinita e particular – e diz-nos simultaneamente que o que se segue será da nossa responsabilidade, será o nosso livro, o nosso romance. Se todos podemos ser Ulisses e Loreley, cada um o será a seu modo – esta mistura de individualidade e impessoalidade extremas é a pedra de toque da modernidade global e fragmentária em que vivemos, e é também a qualidade suprema da

escrita de Clarice: tudo aquilo de que ela fala nos rasga as entranhas, por muito estranho que pareça – e nessa estranheza entranhada a nossa alegria e a nossa dor são também a descoberta do mundo.

- 35 A vírgula, acumulativa, digressiva, buliçosa, sinaliza a mulher. Os dois pontos, defensivos, reflexivos, narcísicos, sinalizam o homem. O que se passa durante o romance é a aproximação entre estes dois mundos, até à fusão. A relação entre Loreley e Ulisses faz-se de silêncios, esperas, um trajeto de noite e solidão em que tudo o que ambos sabiam antes de se encontrarem se transfigura e prepara para a sabedoria maior do amor. (...)

Inês Pedrosa, in Revista *Ler online*, 5 de janeiro de 2012 (acedido em janeiro de 2013).

Vocabulário:

¹Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616): escritor castelhano, autor de *Don Quixote*.

²Clarice Lispector (1920-1977): escritora brasileira, autora de “Felicidade clandestina”.

1. Selecciona, para responderes a cada item (1.1 a 1.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

- 1.1** A expressão utilizada por Inês Pedrosa “Nunca consegui ser feliz por decreto” (l. 2) sugere que
- ☐ (A) nunca foi feliz nas passagens dos anos.
 - ☐ (B) nunca foi feliz nas festividades frenéticas.
 - ☐ (C) nunca foi feliz nas épocas em que é suposto sê-lo.
 - ☐ (D) nunca foi feliz na vida.
- 1.2** A autora da crónica afirma que “nesta passagem de ano, fugi para dentro do mundo de Clarice Lispector” (l. 13) porque
- ☐ (A) preferia os livros dela aos de Cervantes.
 - ☐ (B) tinha o hábito de ler os livros da escritora.
 - ☐ (C) queria candidatar os bons sentimentos a património imaterial da humanidade.
 - ☐ (D) queria fugir aos rituais dos festejos da passagem do ano.
- 1.3** A autora da crónica aprecia os livros de Clarice visto que
- ☐ (A) eles não se destinam a gente comum mas a intelectuais.
 - ☐ (B) tem a possibilidade de reinterpretar o mundo.
 - ☐ (C) tem a possibilidade de sentir a relação entre Ulisses e Loreley.
 - ☐ (C) gosta de obras sem início nem fim.
- 1.4** A “vírgula” e os “dois pontos” referidos no início do 3.º parágrafo (l. 35) indicam ao leitor que
- ☐ (A) será ele a imaginar o que não está escrito.
 - ☐ (B) o romance está incompleto.
 - ☐ (C) as personagens pertencem a mundos opostos.
 - ☐ (D) os silêncios e as esperas entre o homem e a mulher são longos.

2. Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto. Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- ☐ (A) “o” (l. 1) refere-se a “frenesim festivo”.
- ☐ (B) “-os” (l. 20) refere-se a “objetos e seres mais simples”.
- ☐ (C) “dos quais” (l. 26) refere-se a “dois pontos”.
- ☐ (D) “em que” (l. 31) refere-se a “pedra”.

3. Lê o seguinte comentário.

O título da crónica, referindo-se ao momento que Inês Pedrosa vivia e que a fez ler Clarice Lispector, é adequado ao sentido do texto.

3.1 Defende este comentário, fundamentando a tua resposta na leitura do texto.

Parte B

Lê o seguinte texto, um excerto do conto “Felicidade clandestina”.

Felicidade clandestina

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

5 Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como «data natalícia» e «saudade».

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com baru-
10 lho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa.
15 Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até ao dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nada-
20 va devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta,

saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do «dia seguinte» com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei.

Clarice Lispector, *Contos*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.

1. Por que razão a narradora considera que a colega pouco aproveitava o pai que tinha?
2. Explicita a caracterização feita da colega, como alguém com talento para a crueldade.
3. Entre as duas meninas, instalou-se uma espécie de “braço de ferro”.
3.1 Explica a afirmação.
4. Sendo o plano da colega bem conhecido pela narradora, refere a razão da sua persistência, transcrevendo uma expressão do texto que comprove a tua resposta.

Parte C

Dois amigos, a Raquel e o Rodrigo, após a leitura do texto da Parte B, fizeram os seguintes comentários.

Raquel

Penso que o texto evidencia a importância da persistência em lutarmos pela realização dos nossos desejos.

Rodrigo

Quanto a mim, o texto dá-nos uma lição sobre a forma cruel como muitas vezes tratamos os nossos colegas e amigos.

Escreve um texto de opinião, com um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras, em que, de entre os dois comentários, defendas aquele que te parece mais adequado ao sentido do texto da Parte B.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão. Organiza a informação da forma que considerares pertinente, tratando os cinco tópicos apresentados a seguir.

- Identificação do comentário que, na tua opinião, é o mais adequado ao sentido do texto.
- Justificação da escolha do comentário com uma transcrição do texto.

- Explicitação da principal razão da maldade da colega da narradora.
- Explicitação da intenção de a narradora voltar sempre a casa da colega com “um sorriso e o coração batendo” (l. 30).
- Referência à intenção da última frase do excerto.

GRUPO II

1. Identifica a função sintática desempenhada pelo constituinte sublinhado de cada frase.

1.1 Ler é importante.

1.2 A Joana requisitou um livro da biblioteca mas não o leu.

1.3 A Maria, que ganhou um prémio literário, foi convidada para uma palestra.

1.4 Luís, a feira do livro só termina daqui a dois dias.

2. Seleciona a opção que corresponde à forma passiva da frase “A mãe da menina irá ajudar a narradora a obter o livro.”

- ☐ (A) A pessoa que vai ajudar a narradora a obter o livro é a mãe da menina.
- ☐ (B) A mãe da menina vai ajudar a narradora a obter o livro.
- ☐ (C) A narradora irá ser ajudada pela mãe da menina a obter o livro.
- ☐ (D) A narradora, para obter o livro, vai ser ajudada pela mãe da menina.

3. Transforma cada par de frases simples numa frase complexa, utilizando conjunções/locuções conjuncionais das subclasses indicadas entre parênteses. Faz as alterações necessárias.

- a. As livrarias têm muitos livros. / Nem todos os livros suscitam interesse.
(conjunção subordinativa concessiva)
- b. Ela lê alto. / Ela acorda todos os vizinhos.
(locução conjuncional subordinativa consecutiva)
- c. A Joana é uma leitora assídua da biblioteca. / Foram adquiridas narrativas contemporâneas.
(locução conjuncional subordinativa temporal)

GRUPO III

O texto da Parte A foi escrito por uma cronista que recorreu à literatura para poder passar de ano de forma mais positiva.

Escreve um texto narrativo em que imagines um episódio no qual a literatura (textos narrativos, dramáticos, líricos) tenha um papel fundamental no encontro de momentos mais felizes.

Na tua narrativa, deves incluir, pelo menos, um momento de descrição e um momento de diálogo.

O teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

3º PERÍODO

TESTE 2

Escola: _____ Ano letivo: _____

Nome: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Parte A

Lê os seguintes textos.

Texto 1

No entardecer dos dias de verão, às vezes,
Ainda que não haja brisa nenhuma, parece
Que passa, um momento, uma leve brisa...

Alberto Caeiro, *O guardador de rebanhos*.
Porto: Editalma, 2007.

Texto 2

História de verão

Uma abelha, dessas que dizem ser italianas, entrou pela janela, obstinou-se¹ em escolher-me, poisa-me no ombro, descansa de seus trabalhos. Lisonjeado com
5 aquela preferência, comecei a amá-la devagar, retendo a respiração, com receio de que não tardasse a dar pelo seu engano, que cedo viesse a descobrir que não era eu a haste² de onde se avistam as dunas. Mas
10 o seu olhar tranquilizava, era calma ondulação do trigo. Agora só uma interrogação perturbava a minha alegria – comigo, como é que faria o seu mel?

Eugénio de Andrade, *Memória doutro rio*.
Porto: Limiar, 1978.

¹Obstinar-se: teimar. ²Haste: tronco.

Texto 3

Carta de Eça de Queirós para a sua filha

Neuilly, 16 de agosto de 1898

Minha querida Maria,

Há já alguns dias queria dizer-te o meu prazer por causa da tua querida cartinha, estive porém sempre muito ocupado. Temos aqui
5 um calor insuportável! No quarto da Mamã o termómetro marca sempre quase 30 graus! É exatamente como naquela pobre Havana. Os dois últimos dias passei-os vestido à turca, com um grande roupão de pano, e os pés
10 metidos em babuchas¹. Caparica, esse, fica em mangas de camisa e dorme o dia inteiro no jardim. Para refrescar um pouco, nós tomamos banho com água de mangueira de regar as plantas. Ontem a Rosa e o Falcão almoçaram
15 aqui para tirar fotografias a Marie Thérèse. Ela estava encantadora, mas inteiramente encharcada de suor e sufocada dentro da sua roupa.

Eça de Queirós, *A arte de ser pai*. Lisboa: Verbo, 2010.

¹Babuchas: chinelas de couro, de cor, sem salto nem tacão.

1. Selecciona, para responderes a cada item (1.1 a 1.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido dos textos.

1.1 Os três textos têm um aspeto em comum:

- ☐ (A) apresentam todas sensações vividas no verão.
- ☐ (B) são todos textos narrativos.
- ☐ (C) o narrador encontra-se na 1.^a pessoa.
- ☐ (D) as personagens são masculinas.

1.2 No texto 1, a forma verbal “parece” (l. 2) introduz uma

- ☐ (A) certeza.
- ☐ (B) adivinha.
- ☐ (C) imprecisão.
- ☐ (D) previsão.

1.3 No texto 2, a expressão “Lisonjeado com aquela preferência” (ll. 4-5) significa que o narrador, por ter sido escolhido pela abelha, se sentiu

- ☐ (A) aborrecido.
- ☐ (B) satisfeito.
- ☐ (C) nervoso.
- ☐ (D) receoso.

1.4 No texto 3, o pronome “os” na expressão “passei-os vestido à turca” (l. 8) refere-se

- ☐ (A) aos trinta graus.
- ☐ (B) aos últimos dias.
- ☐ (C) aos dois últimos dias.
- ☐ (D) a alguns dias.

2. Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto. Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- ☐ (A) No texto 1, “entardecer” (l. 1) é uma palavra derivada por parassíntese.
- ☐ (B) No texto 2, as formas verbais “tardasse” (l. 7) e “viesse” (l. 8) estão no modo conjuntivo.
- ☐ (C) No texto 3, “aqui” (l. 4) refere-se a Neuilly.
- ☐ (D) No texto 3, está presente a saudação final.

Parte B

Lê o seguinte poema de Herberto Helder.

Não sei como dizer-te que minha voz te procura
e a atenção começa a florir, quando sucede a noite
esplêndida e vasta.
Não sei o que dizer, quando longamente teus pulsos
5 se enchem de um brilho precioso
e estremeces como um pensamento chegado. Quando,
iniciado o campo, o centeio imaturo ondula tocado
pelo pressentir de um tempo distante,
e na terra crescida os homens entoam a vindima
10 – eu não sei como dizer-te que cem ideias,
dentro de mim, te procuram.

Quando as folhas da melancolia arrefecem com astros
ao lado do espaço
e o coração é uma semente inventada
15 em seu escuro fundo e em seu turbilhão de um dia,
tu arrebatas os caminhos da minha solidão
como se toda a casa ardesse pousada na noite.

– E então não sei o que dizer
junto à taça de pedra do teu tão jovem silêncio.
20 Quando as crianças acordam nas luas espantadas
que às vezes se despenham no meio do tempo
– não sei como dizer-te que a pureza,
dentro de mim, te procura.

Durante a primavera inteira aprendo
25 os trevos, a água sobrenatural, o leve e abstrato
correr do espaço –
e penso que vou dizer algo cheio de razão,
mas quando a sombra cai da curva sôfrega
dos meus lábios, sinto que me faltam
30 um girassol, uma pedra, uma ave – qualquer
coisa extraordinária.
Porque não sei como dizer-te sem milagres
que dentro de mim é o sol, o fruto,
a criança, a água, o deus, o leite, a mãe,
35 o amor,

que te procuram.

Herberto Helder, *A colher na boca*.
São Paulo: Edições Ática, 1961.

1. No texto que leste, o poeta, ao falar com o interlocutor, diz ter dificuldades.

1.1 Identifica essas dificuldades.

1.2 Explicita a função dos três travessões em início de verso (vv. 10, 18 e 22).

2. O verso 28 inicia-se com a conjunção “mas”.

2.1 Que relação estabelece esta conjunção entre o que ficou dito nos quatro versos anteriores (vv. 24-27) e o que se diz no verso 28 e seguintes (vv. 28-31)?

3. Explica por que razão os últimos cinco versos podem ser considerados a chave do poema.

4. Atribui um título ao poema e justifica a tua escolha.

Parte C

Lê o seguinte poema de Fernando Pessoa, que faz parte da obra *Mensagem*.

Mar Português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
5 Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
10 Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa, *Mensagem*.
Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.

Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras, no qual presentes linhas fundamentais de leitura do poema de Fernando Pessoa.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão. Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os sete tópicos seguintes.

- Identificação do interlocutor da primeira sextilha.
- Indicação do recurso expressivo presente em “quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal!” (vv. 1-2) e explicitação do valor expressivo.
- Indicação da razão de o poeta se referir às mães, aos filhos e às noivas.
- Explicitação da importância da anáfora em “quantas mães choraram, / Quantos filhos em vão rezaram! / Quantas noivas ficaram por casar” (vv. 3-5).
- Explicitação da intenção da pergunta “Valeu a pena?” (v. 7).
- Indicação de um argumento do poeta que defenda a ideia de que vale a pena “passar além do Bojador” (v. 9).
- Explicação do significado do título, tendo em conta o conteúdo do texto.

GRUPO II

1. Completa cada uma das frases seguintes, escolhendo um dos dois termos apresentados entre parênteses.

- a. O marinheiro _____ (“trás” / “traz”) o saco cheio de comida.
- b. Se o capitão comer _____ (“demais” / “de mais”), fica mal disposto.
- c. No verão, o capitão _____ (“cede” / “sede”) o compartimento mais fresco para atividades lúdicas.
- d. Foi feita uma _____ (“análise” / “analise”) à água do mar.
- e. São vários os nautas com _____ (“acento” / “assento”) na reunião de preparação da viagem.

2. Selecciona a única frase que contém um verbo transitivo indireto.

- ☐ (A) Ontem, começou a primavera e logo chegaram andorinhas.
- ☐ (B) O poeta assistiu à venda do seu manuscrito.
- ☐ (C) Os poemas são textos onde os poetas expõem os seus sentimentos.
- ☐ (D) Camões e Fernando Pessoa enalteceram os feitos dos portugueses.

3. Selecciona a frase que contém um erro de pontuação.

- ☐ (A) Filha, o teu noivo vai partir na Armada!
- ☐ (B) Porque a filha se queria despedir do noivo, voou até à praia.
- ☐ (C) A filha, desesperada, procurou o seu noivo entre as gentes.
- ☐ (D) O facto de a filha ter chorado muito, provocou angústia nos seus pais.

4. Lê as seguintes frases.

A Maria informou que, no dia seguinte, ia visitar a sua amiga que tinha ficado doente. Levar-lhe-ia flores. O Manuel logo perguntou se também podia ir.

4.1 Reescreve as frases, representando em discurso direto as falas da Maria e do Manuel.

GRUPO III

Ultrapassar as nossas dificuldades é um desafio que se nos coloca diariamente. Por vezes, fazemo-lo com muita determinação, outras vezes nem tanto.

Escreve um texto de opinião, que pudesse ser colocado no blogue da tua turma, no qual apresentes argumentos que convençam os teus colegas da importância de tentar superar, todos os dias, as suas dificuldades, procurando nunca desistir dos seus propósitos.

O teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

TESTE GLOBAL

1

Escola: _____ Ano letivo: _____

Nome: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Parte A

Lê o texto.

Serão caravelas? Galeões? Há velhos navios enterrados sob a Av. 24 de Julho

Vestígios de dois navios do séc. XVII foram descobertos pelos arqueólogos que estão a acompanhar as obras destinadas à construção da sede da EDP na Av. 24 de Julho, em Lisboa.

Serão caravelas experimentadas nas duras travessias rumo a terras longínquas? Galeões um dia envolvidos em batalhas e nos ataques dos corsários dos mares? Ou que ter-se-ão limitado a 5 viajar em redor da costa portuguesa? Ainda é cedo para perceber por onde andaram até jazerem aqui enterrados no lodo e que segredos podem revelar-nos, porque a escavação não terminou. Daí que o seu destino permaneça incerto. Depende do estado de conservação das madeiras e também do valor que lhes for atribuído pela tutela governamental do património arqueológico.

Os arqueólogos que estão no terreno escusam-se por agora a pronunciar-se sobre a impor- 10 tância dos achados, que incluem vários cachimbos da época e ainda seis âncoras. "É muito cedo", alega Alexandre Sarrazola, da Era Arqueologia, empresa que conta nesta escavação com o acompanhamento do Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa. "Primeiro temos de estudar as peças."

Não são os primeiros navios das épocas dos Descobrimentos e da Expansão marítima encon- 15 trados na frente ribeirinha de Lisboa. Há 17 anos, durante a abertura do túnel do metropolitano para o Cais do Sodré, foi localizado o casco de uma embarcação que os testes de radiocarbono determinaram ser da segunda metade do século XV ou de inícios do século XVI, embora alguns especialistas ponham a hipótese de ser de origem seiscentista. Outras obras do metropolitano haviam de revelar pouco tempo depois parte de um navio com seis séculos de história no Corpo 20 Santo. Já este ano, um estrado de madeira de dimensões gigantescas encontrado ainda mais perto da obra da sede da EDP, a vizinha Praça D. Luís, veio comprovar, uma vez mais, aquilo que referem a iconografia e os testemunhos escritos chegados até aos dias de hoje: que toda a beira-rio entre o Campo das Cebolas e Alcântara foi uma zona privilegiada para a construção, reparação de navios e restante atividade portuária.

25 Neste momento ninguém se aventura a avançar se debaixo da antiga fábrica de gás que existia na Av. 24 de Julho, agora desmantelada para a obra da sede da EDP poder prosseguir, haverá ainda mais surpresas. Mais navios, por exemplo. "Seria insensato tecer considerações sobre a restante área não escavada", alega Alexandre Sarrazola, explicando que o uso de aparelhos de prospeção geofísica para determinar a existência de objetos no subsolo não é, neste caso, adequado: toda a 30 área se situa no chamado Aterro da Boavista, um pedaço de terra ganha ao rio no séc. XIX que contém demasiados materiais para fornecer uma radiografia com legibilidade suficiente.

35 As duas embarcações foram encontradas no mês passado, mas só a primeira foi já escavada e não na sua totalidade. Do que já viram da quilha e do cavername, os arqueólogos pensam tratar-se de um navio no mínimo de médio porte – o que equivale a uma vintena de metros de comprimento – "com forte probabilidade de ser de tradição mediterrânica", por oposição às tipologias construídas nos países nórdicos. Apresenta um casco duplo, uma forma de reforçar a estrutura da embarcação e de a proteger.

Ana Henriques, in *Público online*, 7 de outubro de 2012
(texto com supressões, acedido em janeiro de 2013).

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. As afirmações apresentadas de (A) a (G) baseiam-se em informações retiradas do texto. Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem pela qual essas informações aparecem no texto. Começa a sequência pela letra (C).

- ☐ (A) Em construções anteriores, foram já descobertos outros navios da época dos Descobrimentos.
- ☐ (B) Os achados comprovam que, nesta zona de Lisboa, se desenvolviam atividades relacionadas com as viagens marítimas.
- ☐ (C) As obras de construção da sede da EDP levaram à descoberta de vestígios de navios.
- ☐ (D) Um dos navios já encontrados parece não ser de origem nórdica.
- ☐ (E) Ainda não foi decidido o destino a dar aos vestígios agora encontrados.
- ☐ (F) É impossível determinar se, nesta zona, existem outros vestígios arqueológicos.
- ☐ (G) Desconhece-se por onde andaram os navios descobertos.

2. Selecciona, para responderes a cada item (2.1 a 2.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

2.1 As frases interrogativas utilizadas no segundo parágrafo constituem dúvidas sobre

- ☐ (A) a função dos navios agora encontrados.
- ☐ (B) o destino a dar aos navios agora encontrados.
- ☐ (C) o estado de conservação dos navios agora encontrados.
- ☐ (D) o valor arqueológico dos navios agora encontrados.

2.2 A zona onde foram descobertos os vários vestígios de navios

- ☐ (A) era, antes do séc. XIX, um pedaço de terra junto ao rio.
- ☐ (B) era um pedaço de rio, antes do séc. XIX.
- ☐ (C) foi um pedaço de terra submerso pelo rio no séc. XIX.
- ☐ (D) foi um pedaço de rio invadido pela terra, antes do séc. XIX.

2.3 O determinante “sua” (l. 33) refere-se

- ☐ (A) às duas embarcações encontradas.
- ☐ (B) à quilha e ao cavename da primeira embarcação.
- ☐ (C) à primeira embarcação escavada.
- ☐ (D) ao “mês passado” (l. 32).

2.4 Os travessões que demarcam a oração “– o que equivale a uma vintena de metros de comprimento –” (ll. 34-35) têm como função

- ☐ (A) apresentar uma expressão sinônima do que foi dito anteriormente.
- ☐ (B) apresentar uma causa do que foi dito anteriormente.
- ☐ (C) destacar uma consequência do que foi dito anteriormente.
- ☐ (D) assinalar uma explicação do que foi dito anteriormente.

3. Seleciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.

- ☐ (A) O determinante possessivo “seu” (l. 7) refere-se a “escavações”.
- ☐ (B) O pronome “que” (l. 16) refere-se ao “casco de uma embarcação”.
- ☐ (C) O pronome “que” (l. 25) refere-se a “antiga fábrica de gás”.
- ☐ (D) O pronome “a” (l. 37) refere-se a “embarcação”.

Parte B

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

70

Mas neste passo, assi prontos estando¹,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca: acordam, despertando,
Os marinheiros d'ua e doutra banda,
E, porque o vento vinha refrescando²,
Os traquetes das gáveas tomar manda.
– «Alerta (disse) estai, que o vento crece
Daquela nuvem negra que aparece³!»

71

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e súbita procela.
– «Amaina (disse o mestre a grandes brados),
Amaina (disse), amaina a grande vela!»
Não esperam os ventos indinados⁴
Que amainassem, mas, juntos dando nela,
Em pedaços a fazem cum ruído
Que o Mundo pareceu ser destruído!

72

O céu fere com gritos nisto a gente,
Cum súbito temor e desacordo;
Que, no romper da vela, a nau pendente
Toma grão suma d' água⁵ pelo bordo.
– «Alija⁶ (disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte acordo!
Vão outros dar à bomba, não cessando;
À bomba, que nos imos alagando!»

73

Correm logo os soldados animosos
A dar à bomba; e, tanto que chegaram,
Os balanços que os mares temerosos
Deram à nau, num bordo os derribaram.
Três marinheiros, duros e forçosos,
A menear o leme não bastaram;
Talhas lhe punham, d'ua e doutra parte,
Sem aproveitar dos homens força e arte.

74

Os ventos eram tais que não puderam
 Mostrar mais força d' ímpeto cruel,
 Se pera derribar então vieram
 A fortíssima Torre de Babel.
 Nos altíssimos mares, que cresceram,
 A pequena grandura dum batel
 Mostra a possante nau, que move espanto,
 Vendo⁷ que se sustém nas ondas tanto.

75

A nau grande, em que vai Paulo da Gama,
 Quebrado leva o masto⁸ pelo meio,
 Quási toda alagada; a gente chama
 Aquele que a salvar o mundo veio.
 Não menos gritos vão ao ar derrama
 Toda a nau de Coelho, com receio,
 Conquanto teve o mestre tanto tento
 Que primeiro amainou que desse o vento.

Luís de Camões, *Os Lusíadas* (leitura, prefácio e notas de A. Costa Pimpão). Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2000, pp. 275-276.

¹Estando assim atentos.

²Porque o vento se tornava mais forte.

³Sinal de temporal.

⁴Indignados.

⁵Toma grande quantidade de água.

⁶Tirar ou deitar fora (a carga, para aliviar o navio).

⁷Vendo-se.

⁸Mastro.

1. Indica o que faziam os marinheiros antes do início da tempestade.
2. Refere as sensações que anunciam o aparecimento da tempestade.
3. Identifica o recurso expressivo presente em “Que o Mundo pareceu ser destruído!” (est. 71) e analisa a sua expressividade.
4. Assinala duas estratégias utilizadas pelo narrador para ilustrar a agitação vivida no interior das embarcações.
5. Identifica o narrador deste episódio e justifica a forma realista como ele descreve a situação vivida.

Parte C

Recorda uma narrativa que tenhas lido na aula e escreve um comentário que foque os tópicos apresentados a seguir.

O teu texto deve ter um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras. Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente.

- Indicação do autor e do título da obra lida.
- Apresentação do assunto central da narrativa.
- Caracterização da personagem principal da narrativa.

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. Transcreve a oração subordinada que integra cada uma das orações (1.1 e 1.2) e classifica-a.

1.1 O mestre ordenou a todos que protegessem os barcos.

1.2 Quem ouviu o ruído nas velas recebeu a violência da tempestade.

2. Reescreve a frase seguinte, substituindo a expressão sublinhada pelo pronome pessoal adequado. Faz apenas as alterações necessárias.

Quando começar a tempestade, os marinheiros amainarão as velas.

3. Escolhe o item que identifica a oração que termina corretamente a afirmação seguinte.

O fenómeno de evolução fonológica presente em *polo* > *pelo* designa-se

☐ (A) epêntese. ☐ (B) assimilação. ☐ (C) metátese. ☐ (D) dissimilação.

4. Associa cada um dos elementos da coluna A ao único elemento da coluna B que lhe corresponde, de modo a identificares a função sintática desempenhada pela expressão sublinhada em cada frase.

Coluna A	Coluna B
(A) O ventos continuam <u>fortes e invencíveis</u> .	(1) sujeito
(B) As velas foram quebradas <u>pelos ventos</u> .	(2) vocativo
(C) Os marinheiros recolheram <u>todas as velas</u> .	(3) predicativo do sujeito
(D) O mestre, <u>homem cuidadoso</u> , ficou alerta.	(4) complemento direto
(E) Atirem tudo ao mar, <u>homens</u> !	(5) complemento indireto
	(6) complemento oblíquo
	(7) complemento agente da passiva
	(8) modificador do nome apositivo

5. Completa cada uma das frases seguintes com a forma do verbo apresentado entre parênteses, no tempo e no modo indicados.

- a. Pretérito imperfeito do conjuntivo:

A tempestade levou a que os marinheiros _____ (“ficar”) muito assustados.

- b. Pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo:

Vasco da Gama recordou a tempestade que _____ (“viver”) no decurso da viagem.

GRUPO III

A natureza pode limitar as ações do ser humano. Contudo, há sempre pessoas de grande coragem, capazes de enfrentar as maiores dificuldades.

Escreve um texto que pudesse ser publicado num jornal escolar, no qual presentes uma opinião sobre a coragem como forma de fazer evoluir a humanidade. Apresenta pelo menos dois argumentos.

O teu texto deverá ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

TESTE GLOBAL

2

Escola: _____ Ano letivo: _____

Nome: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Parte A

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta as notas e o vocabulário apresentados.

Titanic inédito

O destroço jaz na escuridão, um quebra-cabeças de aço corroído disperso por cerca de quatrocentos hectares no leito marinho do Atlântico Norte. Os fungos alimentam-se dele. Estranhas formas de vida incolores, imunes à pressão esmagadora, passeiam-se pela estrutura denteada. De tempos a tempos, desde a descoberta dos destroços do navio em 1985 pelo explorador-residente 5 Robert Ballard e por Jean-Louis Michel, um robot ou um submersível tripulado examinou as faces lúgubres¹ do Titanic, incidiu sobre elas um feixe de sonar², obteve algumas imagens e partiu.

Nos últimos anos, exploradores como James Cameron e Paul-Henry Nargeolet têm feito fotografias cada vez mais realistas do navio naufragado. No entanto, nessas ocasiões, vislumbrámos apenas o local como se o fizéssemos através do buraco de uma fechadura. Nunca pudemos 10 abarcar na totalidade as relações entre todas as peças dispersas dos destroços. Nunca obtivemos uma percepção completa de tudo o que está lá em baixo.

Até agora. Num atrelado bem equipado, no parque de estacionamento do Instituto Oceanográfico Woods Hole (WHOI), William Lange debruça-se sobre um mapa ampliado do levantamento do local do Titanic, feito com sonar. À primeira vista, a imagem fantasmagórica asseme- 15 lha-se à superfície lunar, com inúmeras estrias no leito marinho, bem como crateras provocadas por rochedos despejados ao longo de milénios por *icebergs* em fusão.

Observado de mais perto, contudo, o local parece juncado de detritos artificiais. Agora podemos ver a proa do Titanic com maior clareza, um buraco negro escancarado de onde outrora emergia a chaminé da frente, vendo-se cem metros a norte a cobertura de uma escotilha que foi ejetada.

20 As imagens deste grande mosaico, resultante de uma expedição milionária levada a efeito em agosto e setembro de 2010, foram captadas por três modernos veículos robóticos que pairaram a diversas altitudes sobre as profundezas abissais do leito oceânico, fotografando longos corredores.

Mas o que há de tão especial nos destroços do Titanic? Por que razão, volvidos cem anos, se dedicam tantos recursos intelectuais e engenho tecnológico a esta sepultura de metal, cerca de 25 quatro quilómetros abaixo da superfície? Por que razão exerce esta atração magnética sobre a nossa imaginação?

Para alguns, a simples extravagância do naufrágio do Titanic está no cerne desta atração. Esta sempre foi uma história de superlativos: um navio tão forte e grandioso, afundando-se em águas tão frias e tão profundas. Para outros, o fascínio do Titanic começa nas pessoas a bordo. 30 O navio demorou 2h40 a afundar-se, o tempo suficiente para que se desenrolassem 2208 episódios trágico-épicos.

Hampton Sides, in *National Geographic*, abril de 2012 (texto adaptado).

¹Lúgubre: triste, soturno, pavoroso, escuro. ²Sonar: aparelho de deteção por meio de som que permite a localização dos submarinos.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. As afirmações apresentadas de (A) a (G) baseiam-se em informações do texto. Escreve a sequência de letras que correspondem à ordem pela qual essas informações aparecem no texto. Começa a sequência pela letra (B).

- ☐ (A) A curiosidade despertada pelo Titanic pode dever-se tanto à grandiosidade do navio afundado como ao número espantoso de mortos.
- ☐ (B) Os destroços do Titanic encontram-se no Atlântico Norte.
- ☐ (C) As imagens captadas pelo sonar da WHOI permitem uma imagem completa dos destroços.
- ☐ (D) A razão pela qual o Titanic atrai tanto interesse é ainda um mistério.
- ☐ (E) Desde 1985, já se realizaram diferentes expedições para recolher algumas imagens dos destroços.
- ☐ (F) É possível agora verem-se pormenores dos pontos de destruição do Titanic.
- ☐ (G) Apesar de as imagens recolhidas nos últimos anos terem cada vez mais qualidade, não fora possível um retrato fiel do navio.

2. Selecciona, para responderes a cada item (2.1 a 2.3), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

2.1 A expressão “um quebra-cabeças” (l. 1) é

- ☐ (A) uma metáfora que sublinha a confusão em que se encontram os destroços do Titanic no fundo do mar.
- ☐ (B) uma metáfora que sublinha que é muito difícil identificar os destroços do Titanic no fundo do mar.
- ☐ (C) uma comparação que sublinha a destruição do Titanic no fundo do mar.
- ☐ (D) uma comparação que sublinha a dificuldade de chegar ao Titanic no fundo do mar.

2.2 A expressão “No entanto” (l. 8) estabelece uma oposição entre

- ☐ (A) as fotografias do navio e os destroços localizados no fundo do mar.
- ☐ (B) a qualidade das fotografias tiradas e a quantidade de informação que elas oferecem.
- ☐ (C) a qualidade das fotografias e o local onde são tiradas.
- ☐ (D) a quantidade de fotografias tiradas atualmente e as captadas no passado.

2.3 Com a expressão “a imagem fantasmagórica assemelha-se à superfície lunar” (ll. 14-15) pretende-se

- ☐ (A) distinguir a imagem da superfície lunar.
- ☐ (B) comparar a superfície do Titanic à superfície da lua.
- ☐ (C) comparar uma imagem imaginada com a superfície lunar.
- ☐ (D) distinguir um olhar “à primeira vista” de um olhar mais informado.

3. Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto. Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- ☐ (A) “onde” (l. 18) refere-se a “buraco negro escancarado”.
- ☐ (B) “que” (l. 19) refere-se a “cobertura de uma escotilha”.
- ☐ (C) “que” (l. 21) refere-se a “três modernos veículos robóticos”.
- ☐ (D) “Esta” (l. 28) refere-se a “nossa imaginação”.

Parte B

A sesta de terça-feira

O comboio saiu do trepidante corredor de rochas vermelhas, penetrou nas plantações de bananeiras, simétricas e intermináveis, e o ar tornou-se húmido e não se voltou a sentir a brisa do mar. Uma fumarada sufocante entrou pela janela da carruagem. Viam-se carros de bois carregados de cachos verdes no estreito caminho paralelo à via férrea. Do outro lado, em inesperados espaços não semeados, havia escritórios com ventiladores elétricos, construções de tijolo vermelho e moradias com cadeiras e mesinhas brancas em terraços situadas entre palmeiras e roseiras cobertas de poeira. Eram onze da manhã e o calor ainda não tinha começado.

– É melhor levatares o vidro – disse a mulher. – Vais ficar com o cabelo todo sujo de carvão.

A menina tentou fazê-lo, mas a janela estava emperrada devido à ferrugem.

10 Eram os únicos passageiros da modesta carruagem de terceira classe. Como o fumo da locomotiva continuou a entrar pela janela, a menina levantou-se do banco e colocou nele os únicos objetos que traziam: um saco de plástico com algumas coisas para comer e um ramo de flores envolvido em papel de jornal. Sentou-se no banco fronteiro, afastada da janela, em frente da mãe. Ambas guardavam um luto rigoroso e pobre.

15 A menina tinha doze anos e viajava pela primeira vez. A mulher parecia velha de mais para ser mãe dela, por causa das veias azuis das pálpebras, e do corpo pequeno, franzino e sem formas, metido num vestido talhado como uma sotaina¹. (...)

Procurando sempre a sombra das amendoeiras, a mulher e a menina entraram na povoação sem perturbar a sesta. Dirigiram-se diretamente à sede paroquial. A mulher bateu levemente com a unha 20 na rede metálica da porta, esperou um momento e tornou a bater. Lá dentro, zumbia uma ventoinha elétrica. Não se ouviram passos. Ouviu-se somente o ranger de uma porta e a seguir uma voz cautelosa, muito próxima da rede metálica: «Quem é?» A mulher tentou ver através da rede metálica.

– Preciso de falar com o padre.

– Agora está a dormir.

25 – É urgente – insistiu a mulher.

A voz dela tinha uma tenacidade² tranquila. (...)

A porta entreabriu-se sem ruído e apareceu uma mulher madura e atarracada, de pele muito pálida e cabelos cor de ferrugem. Os olhos pareciam demasiado pequenos por trás das grossas lentes dos óculos.

– Entrem – disse, e acabou de abrir a porta. (...)

30 – Que deseja? – perguntou.

– As chaves do cemitério – disse a mulher.

A menina estava sentada com as flores no colo e os pés cruzados debaixo do banco. O sacerdote olhou para ela, depois olhou para a mulher, e depois, através da rede metálica da janela, para o céu brilhante e sem nuvens.

35 – Com este calor – disse. – Era melhor esperarem que o sol baixasse.

A mulher abanou a cabeça em silêncio. O sacerdote passou para o outro lado da balaustrada, tirou do armário um caderno forrado de oleado, uma caixa de madeira com canetas e um tinteiro, e sentou-se à mesa. O cabelo que lhe faltava na cabeça sobrava-lhe nas mãos.

– Que sepultura vão visitar? – perguntou.

40 – A de Carlos Centeno – disse a mulher.

– De quem?

– De Carlos Centeno – repetiu a mulher.

O padre continuou sem perceber.

– É o ladrão que mataram aqui, na semana passada – disse a mulher sem alterar a voz. – Sou
45 a mãe dele.

Gabriel García Márquez, *Contos completos*. 5.ª ed.,
Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011, pp. 15-25 (texto com supressões).

Vocabulário:

¹**Sotaina**: batina de eclesiástico (padre). ²**Tenacidade**: persistência.

1. Divide o texto em duas partes e sintetiza os acontecimentos narrados em cada uma.
2. Relê o 5.º parágrafo (ll. 15-17) e explicita a intencionalidade da descrição.
3. Caracteriza psicologicamente a mãe.
4. Justifica o facto de o padre, após ter ouvido bem duas vezes o nome do defunto que mãe e filha procuravam, continuar sem perceber quem procuravam.
5. O parágrafo seguinte corresponde ao desfecho da narrativa de Gabriel García Márquez. Conta a forma como a mulher saiu da sede paroquial, para ir ao cemitério, sem qualquer receio das pessoas que já tinham percebido que ela era a “mãe do ladrão”, apesar de o padre e de a outra senhora procurarem retê-la mais um pouco.

– As pessoas perceberam – murmurou a irmã.

– É melhor saírem pela porta do pátio – disse o padre.

– É a mesma coisa – voltou a irmã. – Está toda a gente à janela.

A mulher parecia até então não ter compreendido. Espreitou a rua através da rede metálica.

5 Depois tirou o ramo de flores à menina e começou a encaminhar-se para a porta. A menina seguiu-a.

– Esperem até o sol estar mais baixo – disse o padre.

– Vão ficar derretidas – disse a irmã, imóvel no fundo da sala. – Esperem, que eu empresto-lhes uma sombrinha.

– Obrigada – replicou a mulher. – Vamos bem assim.

10 Pegou na mão da menina e saiu para a rua.

Gabriel García Márquez, *op. cit.*, p. 25.

- 5.1 Justifica o facto de a ação da mulher, no final do conto, ser previsível, atendendo à leitura que fizeste do texto B.

PARTE C

Lê os excertos do *Auto da Barca do Inferno* e do *Auto da Índia*, de Gil Vicente. Responde, de forma completa e bem estruturada, apenas a um dos itens (A. ou B.), e identifica, na folha de respostas, o item a que vais responder.

A. Excerto do *Auto da Barca do Inferno*

Cena IV – Joane, o Parvo

Vem Joane, o Parvo¹, e diz ao Arraiz do Inferno:

Joa. Hou daquesta²!

Dia. Quem é?

Joa. Eu sô.

É esta a naviarra³ nossa?

5 Dia. De quem?

Joa. Dos tolos?

Dia. Vossa⁴.

Entra!

Joa. De pulo ou de vôo?

10 Hou! Pesar de meu avô⁵!

Soma⁶: vim adoecer
e fui má-hora a morrer,
e nela, pera mi só⁷.

Dia. De que morreste?

15 Joa. De quê?

Samicas⁸ de caganeira.

Gil Vicente, “Auto da Barca do Inferno”, in *Teatro de Gil Vicente*, edição de António José Saraiva. 6.ª ed., Lisboa: Portugália Editora, s/d, p. 97.

¹Tolo.

²Ó da casa!

³Aumentativo de navio, barca reles.

⁴Ela é vossa.

⁵Com mil diabos!

⁶Em suma, enfim.

⁷A hora da morte foi só para mim.

⁸Talvez.

Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras, no qual apresentes as linhas fundamentais de leitura do excerto da peça *Auto da Barca do Inferno*.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares pertinente, tratando os seis tópicos apresentados.

- Identificação do local onde as personagens se encontram.
- Explicitação da intenção da resposta de Joane “Eu sô”.
- Referência à razão de Joane chamar à barca do Diabo a “naviarra” dos tolos.
- Explicitação do(s) cómico(s) criado(s) pela linguagem do Parvo.
- Referência à ausência de argumentos por parte de Joane para não seguir na barca do Diabo.
- Explicitação, com base no teu conhecimento da obra, da intenção de Gil Vicente ao introduzir o Parvo como personagem da sua obra.

B. Excerto do *Auto da Índia*

Moça Jesu! Jesu!¹ que é ora² isso?
 É porque se parte a armada
 Ama Olhade a mal estreada³!
 Eu hei-de chorar por isso?
 5 Moça Por minh' alma que cuidei⁴
 e que sempre imaginei,
 que choráveis por noss' amo.
 Ama Por qual demo ou por qual gamo⁵,
 ali, má hora, chorarei?

10 Como me leixa⁶ saudosa!
 Toda eu fico amargurada!
 Moça Pois porque estais anojada⁷?
 Dizei-mo, por vida vossa!
 Ama Leixa-m', ora, eramá⁸,
 15 que dizem que não vai já.
 Moça Quem diz esse desconcerto⁹?
 Ama Dixeram-mo por mui certo
 que é certo que fica cá.

O Concelos¹⁰ me faz¹¹ isto.

Gil Vicente, *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente – vol. II*,
 introdução e normalização do texto de Maria Leonor Carvalhão Buescu.
 Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983, p. 345.

¹Forma popular de Jesus.

²Agora.

³Desastrada.

⁴Pensei.

⁵Marido enganado.

⁶Deixa.

⁷Aborrecida.

⁸Interjeição: em má hora.

⁹Disparate.

¹⁰Provavelmente, Jorge de Vasconcelos.

¹¹Diz.

Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras, no qual presentes as linhas fundamentais de leitura do excerto da peça *Auto da Índia*.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares pertinente, tratando os sete tópicos apresentados.

- Indicação da situação que leva a Moça a dizer “Jesu! Jesu! que é ora isso?”.
- Explicitação da opinião da Moça relativamente ao estado da Ama.
- Identificação da verdadeira razão do sofrimento da Ama.
- Identificação do recurso expressivo presente em “Como me leixa saudosa! / Toda eu fico amargurada!” e referência ao seu valor.
- Transcrição do verso que evidencia a conduta de vida da Ama, se o marido partir, e justificação da escolha.
- Explicitação, com base no teu conhecimento da obra, da intenção de crítica social, feita através da Ama.

GRUPO II

1. Indica o processo de formação da palavra “adoecer”.
2. Classifica a forma verbal sublinhada na seguinte frase, indicando pessoa, número, tempo e modo.

Se Gil Vicente tivesse vivido nos últimos tempos, incluiria nas suas peças as mesmas personagens-tipo?

3. Selecciona, para responderes a cada item (3.1 e 3.2), a única opção que permite obter uma afirmação correta.

3.1 Na frase “Gil Vicente escreveu o *Auto da Barca do Inferno* para, através do cómico, criticar os costumes da época”, a palavra “para” é

- ☐ (A) uma conjunção.
- ☐ (B) um determinante.
- ☐ (C) uma preposição.
- ☐ (D) um pronome.

3.2 A frase em que a palavra “que” é um pronome é

- ☐ (A) Pedi à professora que me deixasse representar a personagem do Parvo.
- ☐ (B) Os Quatro Cavaleiros, que defenderam a fé cristã, foram acolhidos na barca do Paraíso.
- ☐ (C) O *Auto da Barca do Inferno* tem tanta graça que fez o José chorar até às lágrimas.
- ☐ (D) É importante que os alunos continuem a ler Gil Vicente.

4. Lê a seguinte frase.

Representaremos a peça, cá na escola, no próximo ano.

- 4.1 Reescreve a frase, substituindo a expressão sublinhada pelo pronome pessoal adequado. Faz as alterações necessárias.

GRUPO III

Resume o texto da parte A, constituído por 410 palavras, num texto de 120 a 150 palavras.

PROPOSTAS DE RESOLUÇÃO DOS TESTES DE AVALIAÇÃO

1º período

Teste 1

GRUPO I

Parte A

1. D, B, F, C, E, G, A.
- 2.1 B.
- 2.2 D.
- 2.3 A.
- 2.4 C.
3. D.

Parte B

1. A expressão refere-se à entrega da caixa das lâmpadas da árvore de Natal ao cronista, que segurava o escadote enquanto a sua mulher as tirava da prateleira mais alta da despensa. Dadas as dificuldades de toda a operação, a mulher ficou irada e esgotada, o que a fez proferir vocabulário impróprio. Já o cronista limitou-se a ajudar, sem exteriorizar sentimentos ou cansaço.
2. Os parênteses incluem comentários que o cronista vai fazendo de si e da sua mulher, na preparação daquele Natal, e ainda ao que acontece em todos os Natais.
 - 2.1.1 As personagens são o cronista e a mulher, designada “chofer de táxi”, devido à linguagem que usou na procura da caixa das lâmpadas e na montagem destas. A frase significa que o facto de terem ficado às escuras, depois das dificuldades sentidas, motivou a mulher a utilizar ainda mais palavras e expressões impróprias.
3. O Natal do cronista e da sua mulher é um Natal solitário, sem alegria, sem sentimento, em que, sendo apenas “fantasmas”, se limitam a cumprir uma tradição (com árvore, bacalhau, prendas). O Natal é, pois, vivido de forma “insignificante”, com algum menosprezo até, o que é desde logo sugerido no título, dado o nome da festividade se encontrar no diminutivo.

Parte C

Tópicos para o texto de opinião:

- Indicar o comentário da Maria ou do Luís.
- Justificar a escolha desse comentário com uma transcrição. Exemplos: “e onde permanecem, sem piscar nada, até ao próximo Natal” – expressão que pode comprovar o comentário da Maria; “jantamos bacalhau e trocamos prendas com a árvore a aparecer” – expressão que pode comprovar o comentário do Luís.
- **Propostas:** de acordo com o comentário da Maria, o pinheiro deita-se fora logo no dia seguinte porque já cumprira a sua função e, como o Natal é vivido mecanicamente, já não faz falta; de acordo com o comentário do Luís, o pinheiro, que era natural, cumprida a tradição, já não poderia ser guardado porque secava.
- **Propostas:** de acordo com o comentário da Maria, o sofá pesava mais porque a má vontade de festejar o Natal dificultava as tarefas; tendo em conta o comentário do Luís, dada a quantidade de afazeres que as tradições do Natal implicam, o peso do sofá era sentido com mais intensidade.
- **Propostas:** a mulher do cronista pode ser caracterizada, segundo o comentário da Maria, como infeliz e desolada por ser “obrigada” a viver uma época que não tem sentido para si; para José, a mulher pode ser considerada impaciente e complicada.
- Resposta livre.

GRUPO II

1. D.
2. a. viviam; b. organizemos;
c. terá tido; d. tivessem acendido.
- 3.1 Complemento direto.
- 3.2 **Sugestão:** A crónica “Natalzinho”, que acabei de ler, apresenta uma reflexão sobre as tradições natalícias.
- 3.3 Preposição.

GRUPO III

Resposta livre.

1.º período**Teste 2****GRUPO I****Parte A**

1.1 D; 1.2 B; 1.3 A; 1.4 C.

2. A.

3.1 Resposta livre.

Parte B**Questionário A**

1. O Diabo trata-o por “parente” porque considera que em vida o ajudou muito.
2. O Diabo tem a intenção de criticar o Onzeneiro pelos seus pecados, ao mostrar-se surpreendido, de forma irónica, pelo facto de o dinheiro não o livrar da morte e da condenação.
- 2.1 O Onzeneiro, ao dizer que não lhe deixaram ficar com dinheiro e que, por essa razão, não pode “subornar” o barqueiro [Caronte], acaba por autocaracterizar-se como corrupto.
3. O Anjo recusou a entrada do Onzeneiro na sua barca devido ao tamanho do “bolsão” do Onzeneiro, que representa a ambição, a avareza e a corrupção da personagem.
4. Gil Vicente, através desta personagem, pretende criticar a avareza, a corrupção, a usura e a paixão pelo dinheiro associada à classe socio-profissional dos onzeneiros, que emprestavam dinheiro com juros elevados.

Questionário B

1. O cómico criado é de carácter porque a Ama, irritada pelo facto de o marido ter regressado, expressa a sua verdadeira opinião ao firmar em tom jocoso que não quer o marido.
2. A Ama revela-se uma esposa falsa. Diz ter ficado morta de dor, rezado muito, adiantando ainda que pediu por ele a santa Maria da Luz, mandou dizer várias missas, dando a entender que passou todo o tempo a pensar nele, sem forças para fazer mais nada.
3. O Marido diz-lhe que, ao sofrer por ele e ao rezar, a Ama não fez mais do que a sua obrigação.
4. A expansão marítima é apresentada pelo Marido como uma empresa proporcionadora de medo, risco, roubo e sofrimento.
- 4.1 **Proposta:** “Fomos ao rio de Meca (...) e árvore seca” (vv. 46-49).

Parte C

Resposta livre (de acordo com o que é apresentado no cartaz).

GRUPO II

1. a. obtivesse; b. premiarmos; c. houve; d. valho.

2.1 C; 2.2 B.

3.1 O Manuel ganhá-lo-ia se tivesse escrito um conto e não um poema.

GRUPO III

Resposta livre.

2.º período**Teste 1****GRUPO I****Parte A**

1.1 A.

1.2 B.

1.3 B.

1.4 D.

2. A.

Parte B

1. A rainha chorou “magnificamente” o rei, ou seja, cumpriu os rituais a que estava obrigada pelo seu cargo de rainha; chorou “desoladamente” o esposo, o que significa dizer que sofreu muito pela sua morte, com muita tristeza e desolação; ficou a chorar o filho, por não saber como o iria criar sem pai e por temer o seu futuro.
2. Enquanto a rainha é caracterizada como uma mulher frágil, temerosa, sem força viril para comandar o exército (“Mas à defesa faltava disciplina viril. Uma roca não governa como uma espada” – l. 25), o cunhado é apresentado como uma espécie de ave de rapina forte, astuta, dona e comandante de um exército agressivo; é, pois, um homem ambicioso e destemido, a ponto de arrasar gentes e terras por onde passasse (“O bastardo, o homem de rapina que errava no cimo das serras, descera à planície com a sua horda, e já através de casais e aldeias felizes ia deixando um sulco de matança e ruínas” – ll. 22-23).

3.1 O excerto textual tem como função evidenciar a força física e psicológica da Ama, uma mulher que amava o seu príncipe com muito respeito e lealdade, o que a fazia ter a intenção de o proteger de todas as forças do mal. A metáfora que associa os seus braços a muralhas vem reforçar essa intenção.

4. A sua intenção era salvar o príncipe, porque, como súbdita fiel, sentia que era sua obrigação protegê-lo, mesmo que para isso pusesse em risco a sua vida e a do seu filho.

Parte C

Tópicos de resposta:

- A estância pertence à Proposição.
- As formas verbais estão no conjuntivo – valor de ordem.
- A expressão significa que o poeta glorifica a vontade, a força dos portugueses – associação do “peito” (onde se situa o coração), à vontade e à coragem dos portugueses).
- Obra dos portugueses.
- Manifestar a superioridade dos portugueses em relação a outros povos ou figuras mitológicas.

GRUPO II

1. B.

2.1 D.

2.2 A.

2.3 B.

3. A – 4; B – 7; C – 1; D – 8; E – 2.

GRUPO III

Resposta livre.

2.º período

Teste 2

GRUPO I

Parte A

1. D, C, E, G, F, B, A.

2.1 A.

2.2 D.

2.3 B.

3. C.

Parte B

1.1 O autor da Carta tem a intenção de relatar e descrever tudo o que vê na nova terra, indicando o dia, a parte do dia, os locais, os acontecimentos, os costumes dos povos descobertos. As marcas textuais “Domingo, 26 de abril”, “naquele ilhéu” dão conta da localização dos acontecimentos no dia e no espaço.

2. Enquanto os portugueses seguiam passo a passo o ritual da missa e da pregação, com convicção e fé (“A qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção” – l. 6), os indígenas divertiam-se na praia com arcos e setas ou limitavam-se a observar, sentados.

3.1 O autor detém-se na tinta vermelha que os indígenas tinham no corpo, que não saía na água, antes ficava mais avivada com esta. Também se refere às “almadias” (embarcações), dizendo que eram muito diferentes das que ele conhecia: tinham três traves atadas entre si e levavam cerca de quatro a cinco pessoas.

3.2 O recurso ao pormenor serve para que o destinatário da Carta visualize uma realidade tão diferente da sua como se estivesse no local.

4.1 Literatura de viagens. **Proposta de justificação:** é uma narrativa em que se conta uma viagem real, feita por alguém, que segue a ordem cronológica dos acontecimentos. Nela, referem-se datas (“Ao domingo de Pascoela pela manhã”), locais (“na praia”), descrevem-se com realismo as pessoas que se vão encontrando, a sua forma de viver (“levantaram-se muitos deles, tangeram corno ou buzina e começaram a saltar e a dançar um pedaço”) e as relações que se vão estabelecendo entre estas e os viajantes (“Acenaram-lhes que pousassem os arcos; e muitos deles os iam logo pôr em terra; e outros não”).

Parte C

Tópicos para o texto expositivo:

- O poeta tem o objetivo de desconvocar a inspiração pedida à Musa.
- A razão é o facto de andar a cantar para “gente surda e endurecida”.

- A pátria portuguesa, constituída por “gente surda e endurecida”, está submersa na ganância (“gosto da cobiça”) e na preguiça, desmotivação e melancolia (“rudeza / Dũa austera, apagada e vil tristeza”).
- Devido a uma ação do Destino, que o poeta desconhece.
- O interlocutor é o rei D. Sebastião.
- O poeta tem a finalidade de alertar o rei para o facto de ele ser senhor de grandes súbditos, que respondem a toda e qualquer solicitação que ele lhes faça.

GRUPO II

1. B.
2. A.
3. a. Eu adorei a expedição que fiz no ano passado.
b. O sonho que tive aos dez anos realizou-se.
4. – Fui selecionada para participar numa expedição que se irá realizar em África. Partirei amanhã. – Segredou a Ana ao Pedro, na aula de Português.
5. Oração subordinada (adverbial) temporal.

GRUPO III

Resposta livre.

3º período

Teste 1

GRUPO I

Parte A

- 1.1 C.
- 1.2 D.
- 1.3 B.
- 1.4 A.
2. D.
- 3.1 Resposta livre.

Parte B

1. Não aproveitava o pai que tinha (dono de uma livraria) porque ela não gostava de ler.
2. A colega tinha talento para a crueldade porque prometeu emprestar à narradora o livro *As reações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, fazendo-a

ir a casa dela várias vezes para o ir buscar mas o livro nunca estava disponível. Como era algo que a narradora desejava muito, a colega, com crueldade, arranjava sempre desculpas para não lho emprestar, fazendo-a, assim, viver numa grande ansiedade e expectativa.

- 3.1 Instalou-se uma espécie de braço de ferro entre as duas, uma vez que nem a narradora deixou de ir a casa da colega, com o objetivo de ir buscar o livro prometido, nem a colega cumpriu a promessa.
4. A razão que estava por detrás da persistência da narradora era o desejo de ler o livro, que nunca se desvaneceu – “guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava” (ll. 25-27).

Parte C

Tópicos para o texto de opinião:

- Indicar o comentário da Raquel ou do Rodrigo.
- Justificar a escolha desse comentário com uma transcrição. Exemplos: “Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife” – expressão que pode comprovar o comentário da Maria; “Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo.” – expressão que pode comprovar o comentário do Rodrigo.
- **Proposta:** do ponto de vista da Raquel, a maldade pode dever-se a uma questão de inveja das outras meninas; para Rodrigo, a maldade da colega deriva do ódio sentido pelas outras meninas.
- **Proposta:** para Raquel, a narradora nunca perdia a esperança; para Rodrigo, este estado de espírito de ansiedade e de boa vontade da narradora reforça o diabolismo e a crueldade da colega.
- A última frase do texto, para Raquel, é reveladora da intenção de a narradora continuar a lutar pelo seu sonho; para Rodrigo, mostra que a crueldade da colega não vai terminar por vontade da própria.

GRUPO II

- 1.1 Predicativo do sujeito.
- 1.2 Complemento direto.

1.3 Modificador do nome apositivo.

1.4 Vocativo.

2. C.

3. a. Embora as livrarias tenham muitos livros, nem todos suscitam interesse.

b. Ela lê tão alto que acorda todos os vizinhos.

c. Desde que foram adquiridas narrativas contemporâneas, a Joana é uma leitora assídua da biblioteca.

GRUPO III

Resposta livre.

3º período

Teste 2

GRUPO I

Parte A

1.1 A.

1.2 C.

1.3 B.

1.4 C.

2. D.

Parte B

1.1 As dificuldades devem-se ao facto de o poeta não saber dizer ao interlocutor que a sua voz o procura, de não saber o que lhe dizer e de não saber como lhe dizer que aquilo que o procura é o que tem dentro de si.

1.2 Os travessões têm a função de destacar frases que o poeta diz ao interlocutor, isto é, assinalam momentos de discurso direto.

2.1 A conjunção marca um contraste entre aquilo que o poeta aprende durante uma primavera inteira (“os trevos, a água sobrenatural, o leve e abstrato / correr do espaço” – vv. 25-26) e aquilo de que necessita verdadeiramente (“um girassol, uma pedra, uma ave – qualquer /

coisa extraordinária” – ll. 30-31) para dizer algo ao interlocutor.

3. São a chave do poema porque contêm uma justificação para as dificuldades do poeta: são as coisas reais, que estão dentro dele, que procuram o interlocutor, e ele não sabe como lhe dizer isto.

4. Resposta livre, com base em elementos textuais.

Parte C

Tópicos para o texto expositivo:

- O interlocutor é o mar português.
- Metáfora – reforça a ideia do sofrimento dos portugueses na conquista de outros mundos, através do mar.
- O poeta refere-se aos que mais sofrem – as mães, que veem partir os seus filhos; os filhos, que deixam as famílias e viajam rumo ao desconhecido; as noivas, que ficam sem os seus namorados.
- A anáfora (“quantas”, “quantos”, “quantas”) mostra que a quantidade de sofredores (mães, filhos, noivas) foi muito grande.
- A pergunta leva à reflexão sobre a utilidade de tão grande esforço e sofrimento por parte dos portugueses.
- Um argumento do poeta é o facto de no mar estar “espelhado o céu”, isto é, a felicidade, a satisfação.
- O título “Mar português” significa que o mar é o caminho para a felicidade dos portugueses.

GRUPO II

1. a. traz; b. demais; c. cede; d. análise; e. assento.

2. B.

3. D.

4.1 – Amanhã, vou visitar a minha amiga que ficou doente. Levar-lhe-ei flores – informou a Maria. O Manuel logo perguntou: – Também posso ir?

GRUPO III

Resposta livre.

Teste global**1****GRUPO I****Parte A**

1. C, G, E, A, B, F, D.
- 2.1 A.
- 2.2 B.
- 2.3 C.
- 2.4 D.
3. A.

Parte B

1. Os marinheiros dormiam.
2. Sensações auditivas: “O apito toca” (est. 70); sensações visuais: “Daquela nuvem negra que aparece” (est. 70).
3. Hipérbole. O exagero da descrição pretende transmitir a violência da tempestade.
4. Ordens do mestre expressas em discurso direto e incluindo o modo imperativo; utilização de verbos de movimento (“correm”, “chegaram”, “menear” e “punham” – est. 73).
5. O narrador é Vasco da Gama. A situação é descrita de forma realista, porque o narrador viveu efetivamente esta experiência.

Parte C

Resposta livre.

GRUPO II

- 1.1 Oração subordinada substantiva completiva: “que protegessem os barcos”.
- 1.2 Oração subordinada substantiva relativa: “Quem ouviu o ruído nas velas”.
2. Quando começar a tempestade, os marinheiros amainá-las-ão.
3. D.
4. A – 3; B – 7; C – 4; D – 8; E – 2.
5. **a.** ficassem; **b.** tinha vivido.

GRUPO III

Resposta livre.

Teste global**2****GRUPO I****Parte A**

1. B, E, G, C, F, D, A.
- 2.1 A.
- 2.2 B.
- 2.3 B.
3. D.

Parte B

1. A primeira parte do texto corresponde à viagem de comboio feita pela mulher e pela menina (ll. 1-17); a segunda parte corresponde à ida de ambas à sede paroquial, depois de chegarem à povoação, à hora da sesta (ll. 18-45). Na primeira parte, narra-se a saída do comboio, o que se viu pelas janelas ao longo do percurso e a mudança de lugar da menina, devido ao fumo. Na segunda parte, as duas personagens dirigem-se à sede paroquial, onde são primeiramente atendidas por uma mulher, e depois pelo sacerdote, a quem pedem a chave do cemitério para irem visitar Carlos Centeno.
2. A descrição tem a intenção de caracterizar fisicamente a mulher, mostrando que ela parecia velha demais para ser mãe de uma menina de doze anos: era pequena, tinha corpo franzino e sem formas. Era uma senhora discreta, possivelmente antiquada, que usava uma espécie de batina.
3. A mãe era uma mulher persistente, segura dos seus atos, determinada a falar com o padre para obter a chave do cemitério, dando-se a conhecer como mãe do ladrão, com toda a firmeza, sem qualquer receio ou vergonha.
4. Ele continuava sem perceber quem elas procuravam, uma vez que o ladrão que fora morto não tinha identidade. Daí ele não reconhecer o seu nome.
- 5.1 A ação da mulher era previsível, porque ela já tinha dado mostras tanto da sua perseverança (“– É urgente – insistiu a mulher. A voz dela tinha uma tenacidade tranquila”), como da sua coragem, ao assumir, junto do padre, sem hesitar, que era a mãe do ladrão. Por isso, ela nunca iria fugir dos populares.

Parte C

A. Tópicos para o texto expositivo:

- Junto a um rio / no cais / junto da barca do Diabo.
- Joane tem a intenção de se apresentar exatamente como era: uma pessoa simples, sem mais nada a não ser ele mesmo.
- Joane chama-lhe “naviarrá” porque a vê como barca grande, que acolhe todos os tolos (como ele), que são muitos.
- Cômico de linguagem / cômico de caráter.
- Joane não precisa de argumentos de defesa porque o Diabo não o acusa de nada.
- Gil Vicente, com o Parvo, pretende essencialmente provocar o riso na crítica de costumes, isto é, a sua função é obter efeitos cômicos, dada a simplicidade da personagem.

B. Tópicos para o texto expositivo:

- A Moça vê a Ama a chorar.
- A Moça pensa que a Ama está a chorar porque a armada do marido já não ia partir.
- A Ama está desesperada porque lhe disseram que a armada do marido ia partir.
- Ironia – mostra que a Ama quer que o marido vá embora, para ficar livre. A sua ausência não a deixará amargurada, mas sim feliz e descontraída.
- “Por qual demo ou por qual gamo” (v. 8). A Ama diz que não chora nem por diabo nem por marido enganado, sugerindo que irá cometer adultério, caso o marido parta.
- Através da Ama, Gil Vicente critica a vida libertina das esposas dos maridos que partem.

GRUPO II

1. Derivação por parassíntese.
2. Terceira pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo.

3.1 A.

3.2 B.

4.1 Representá-la-emos, cá na escola, no próximo ano.

GRUPO III

Sugestão de resposta:

Os destroços do Titanic espalham-se por cerca de quatrocentos hectares no fundo do Atlântico Norte. Após a sua descoberta, em 1985, o Titanic foi fotografado ocasionalmente por um feixe de sonar.

Depois, exploradores como James Cameron e Paul-Henry Nargeolet fizeram fotografias do navio naufragado mais realistas, mas estas não permitiram visualizar tudo o que se encontrava no fundo do mar.

Recentemente, William Lange, do WHOI, estuda o levantamento do local do Titanic feito por um sonar. À primeira vista, parece uma imagem da superfície lunar.

De mais perto, parece estar repleto de detritos artificiais. Agora veem-se as zonas de destruição do Titanic. O grande mosaico de imagens foi recolhido por três veículos robóticos, que tiraram fotografias nas profundezas.

Mas por que razão o Titanic continua a chamar todo o tipo de atenções?

Para alguns, a atração deve-se à extravagância do acontecido. Para outros, ao número de pessoas envolvidas.



TRANSCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS ÁUDIO

Atividades de diagnóstico (página 15)

A Assembleia Geral

Proclama a presente Declaração Universal dos Direitos do Homem como ideal comum a atingir por todos os povos e todas as nações, a fim de que todos os indivíduos e todos os órgãos da sociedade, tendo-a constantemente no espírito, se esforcem, pelo ensino e pela educação, por desenvolver o respeito desses direitos e liberdades e por promover, por medidas progressivas de ordem nacional e internacional, o seu reconhecimento e a sua aplicação universais e efetivos tanto entre as populações dos próprios Estados membros como entre as dos territórios colocados sob a sua jurisdição.

ARTIGO 1.º

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

ARTIGO 2.º

Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação.

Além disso, não será feita nenhuma distinção fundada no estatuto político, jurídico ou internacional do país ou do território da naturalidade da pessoa, seja esse país ou território independente, sob tutela, autônomo ou sujeito a alguma limitação de soberania.

ARTIGO 3.º

Todo o indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

ARTIGO 4.º

Ninguém será mantido em escravatura ou em servidão; a escravatura e o trato dos escravos, sob todas as formas, são proibidos.

ARTIGO 5.º

Ninguém será submetido a tortura nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes.

ARTIGO 6.º

Todos os indivíduos têm direito ao reconhecimento em todos os lugares da sua personalidade jurídica.

ARTIGO 7.º

Todos são iguais perante a lei e, sem distinção, têm direito a igual proteção da lei. Todos têm direito a proteção igual contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

ARTIGO 8.º

Toda a pessoa tem direito a recurso efetivo para as jurisdições nacionais competentes contra os atos que violem os direitos fundamentais reconhecidos pela Constituição ou pela lei.

ARTIGO 9.º

Ninguém pode ser arbitrariamente preso, detido ou exilado.

ARTIGO 10.º

Toda a pessoa tem direito, em plena igualdade, a que a sua causa seja equitativa e publicamente julgada por um tribunal independente e imparcial que decida dos seus direitos e obrigações ou das razões de qualquer acusação em matéria penal que contra ela seja deduzida.

<http://dre.pt/comum/html/legis/dudh.html>

Sequência 1 (página 26)

Mafalda Lopes da Costa, *Lugares Comuns* (programa de rádio)

<http://www.rtp.pt/programa/radio/p3800/c67573>

Ser *persona non grata* ou *grata*. Ser *persona non grata* é uma frase latina cujo significado literal corresponde a pessoa que não é bem-vinda. Não é desejada. Não é bem vista. O termo é muito usado para designar alguém incómodo cuja companhia não se deseja ou ainda alguém que não é aceite em determinado círculo social. Mas *persona non grata* e o oposto, ou seja, *persona grata* são frases que provêm da linguagem diplomática, e que, neste contexto, têm um significado específico e judicialmente definido.

Segundo a convenção que rege as relações diplomáticas, a famosa Convenção de Viena, um embaixador, para ser aceite como tal, em determinado país, é necessário que seja considerado por esse país como pessoa *grata*. Por outro lado, um Estado tem o direito de declarar, em qualquer altura, e sem necessidade de justificação, um diplomata como *persona non grata*, ou seja, não aceitar essa pessoa, o que faz com que este diplomata seja reencaminhado, recambiado para o país de origem. E de *personas non gratas* está cheia a história da diplomacia entre os Estados. Basta lembrar o célebre caso dos espões durante a Guerra Fria ou ainda os mais recentes casos envolvendo diplomatas que são expulsos do país onde se encontram enquanto emissários. Ser uma *persona non grata*.

Sequência 2 (página 76)

Entrevista a David Doutel e Vasco Sá,
autores do filme de animação *O Sapateiro*.

<http://p3.publico.pt/cultura/filmes/2641/quot-sapateiroquot-de-vasco-e-david-nao-e-um-filme-sapatilha>

Vasco Sá: *O Sapateiro* partiu um bocadinho até do outono, dos sons do outono, do sépia e da nossa vontade de usar o carvão como instrumento base para o nosso filme.

E é uma profissão que... que cada vez menos existe devido ao constante aumento da industrialização, do “deita fora” do “usa e deita fora” e os sapateiros têm vindo a desaparecer e os laços que a sociedade, que a nossa memória coletiva, que se enraizava à volta das sapatarias e à volta dos sapateiros, começam a desaparecer. E nós quisemos dar um bocadinho de voz a isso.

O carvão é um elemento que, com o tempo, se desvanece, não é? No papel, nós pintamos e aquilo vai desaparecendo ao longo do tempo. E é engraçado. Esta, os sons do sapateiro, o castanho, as madeiras, as graxas, o... Toda a envolvência do filme tem muito a ver com isto, com a plasticidade que nós encontramos no carvão e que tem tudo a ver com as sapatarias.

David Doutel: É uma coisa que nós não sabemos assim muito bem, mas isto há de andar à volta dos 7000 e 7000 e qualquer coisa desenhos, mais ou

menos isso. Isto só de pintura, depois ainda há a parte do desenho, ou seja, ele é todo desenhado primeiro, lápis sobre papel, e é animado com essa técnica.

Tem a ver com o crescimento das coisas, com a industrialização de quase tudo, não é? Perde-se espaço para este tipo de coisas que têm muito mais proximidade com o trabalho das pessoas. Portanto, e *O Sapateiro* é exatamente isso, não é? Um filme sobre o trabalho de uma pessoa. E vai-se perdendo... essas coisas vão-se perdendo. Deixamos de ter a cara de quem faz as coisas. Acabamos por ter um logótipo. E assim as coisas ficam muito mais corporativas, portanto, e deixamos de ter as individualidades.

Vasco Sá: Ultimamente só compõe carteiras ou cola, solas, ou... o fabrico do sapato em si, e a beleza que isso traz para... Porque... Eu lembro-me de antigamente, usava um sapato e aquilo para mim era um fascínio completo porque aquele sapato iria durar x tempo e eu dava um pontapé em pedras e ainda hoje eu olho para os meus sapatos e consigo recordar-me de algumas coisas que vivi com eles. E acho que isto perdeu-se um bocadinho. Hoje em dia, usamos uma sapatilha que dura... dura um dia. E deitamos fora... e compramos outra. E é porque está na moda ou é porque deixa de existir. Era função importante porque acima de tudo também era um ponto onde as pessoas iam falando e se encontram e se cumprimentam e isto existe ainda aqui no Porto. Perpetuar uma profissão que cada vez menos existe e que, e que, e que, e que, preenche. (fogo, estás a ver!)

Sequência 2 (página 98)

Sktech “Gato Fedorento”

<http://www.youtube.com/watch?v=4a6sLOZE9Po>

- Olhe, desculpe. Uma questão!
- Diga!
- Este cavalheiro possui um computador portátil. Isto é permitido?
- Lamento imenso, mas realmente não é permitido o uso de equipamento eletrónico a bordo.
- Ah, bom!
- Vai ter de desligar.

— Desligar?

— Vai ter que ser!

— Ah, bom!

— Mais alguma coisa?

— Olhe, já agora. E isto? É permitido?

— Isso é o quê?

— Isto, hum... Vá lá. No geral... É uma bomba.

— E no particular?

— No particular, acaba por ser também uma bomba.

— Mas isso é eletrónico?

— Humm... Vamos lá ver, o maquinismo em si, em termos de fios e coisa e tal, é mecânico, agora este pequeno detonador é que é eletrónico.

— Ah, então não vai ser possível!

— Não vai ser possível? Então, eu venho de casa com a bomba, com toda a boa vontade para a utilizar aqui e só agora é que me dizem que não vai ser possível?

— Tem de perceber a nossa posição. É que tudo o que é equipamento eletrónico pode interferir com os comandos e, por isso, põe em perigo a vida dos passageiros e, pior do que isso, da tripulação.

— Ah, então nem pensar nisso. Então já cá não está quem falou. Nesse caso, peço desculpa. Mas, olhe, tenho pena. Por acaso tenho pena, porque fazia muito gosto em rebentar com isto tudo. Mas, arruma-se, pronto!

— Só se eu for chamar o piloto, que ele cursou engenharia mecânica.

— Ah!

— Já venho!

— Então, onde é que está esse problema?

— É esta marota!

— Ah! Aí está. Deixe cá ver.

— É tudo mecânico. E logo por azar... o detonador...

— É eletrónico!

— É eletrónico.

— Pois, mas repare! Você não precisa de um detonador eletrónico.

— Não?

— Não! Eu, com o meu relógio, que é mecânico, e desligando este terminal, ligo aqui ao relógio. Quando é que você quer utilizar a bomba?

— Não sei. Quando é que vão passar os sumos e os cacaouettes?

— Daqui a 5 minutos.

— Então, se calhar, um bocadinho depois disso. Que eu aproveito, tomo um sumo de laranja, como um cacaouette ou dois, faço o meu chichi,

e, depois, então, rebento com isto tudo.

— Pronto, então, nessa altura só tem é de fazer o seguinte: este terminal vermelho, liga-o aqui deste lado do relógio. E utiliza a bomba.

— Bom serviço, hem? Mas isso resulta?

— Então não resulta? Andei eu 5 anos no Técnico para quê?

— Hum...

— Garanto-lhe que resulta.

— Hum...

— Quer ver como resulta? Olhe!

Bum!!!!!!!!!!!!!!

Sequência 2 (página 102)

Canção "Sexta-feira", Boss AC

Tantos anos a estudar para acabar desempregado
 Ou num emprego da treta, mal pago
 E receber uma gorjeta que chamam salário
 Eu não tirei o Curso Superior de Otário
 ... não é falta de empenho
 Querem que aperte o cinto mas nem calças tenho
 Ainda o mês vai a meio já eu 'tou aflito
 Oh mãe fazias-me era rico em vez de bonito

É sexta-feira
 Suei a semana inteira
 No bolso não trago um tostão
 Alguém me arranje emprego
 Bom Bom Bom Bom
 Já Já Já Já

Eles enterram o País o povo aguenta
 Mas qualquer dia a bolha rebenta
 De boca em boca nas redes sociais
 Ouvem-se verdades que não vêm nos jornais
 Ter carro é impossível
 Tive que o vender para ter combustível
 Tenho o passe da Carris mas hoje estão em greve
 Preciso de boleia, alguém que me leve

É sexta-feira
 Suei a semana inteira
 No bolso não trago um tostão
 Alguém me arranje emprego

Bom Bom Bom Bom
 Já Já Já Já
 É sexta-feira
 Quero ir p'ra brincadeira
 Mas eu não tenho um tostão
 Alguém me arranje emprego
 Bom Bom Bom Bom
 Já Já Já Já

Basta ser honesto e eu aceito propostas
 Os cotas já me querem ver pelas costas
 Onde vou arranjar dinheiro para uma renda?
 Não tenho condições nem para alugar uma
 tenda
 E os bancos só emprestam a quem não precisa
 A mim nem me emprestam pa' mudar de camisa
 Vou jogar Euromilhões a ver se acaba o enguiço
 Hoje é sexta-feira vou já tratar disso

É sexta-feira
 Suei a semana inteira
 No bolso não trago um tostão
 Alguém me arranje emprego
 Bom Bom Bom Bom
 Já Já Já Já

É sexta-feira
 Quero ir p'ra brincadeira
 Mas eu não tenho um tostão
 Alguém me arranje emprego
 Bom Bom Bom Bom
 Já Já Já Já
 Bom Bom Bom Bom
 Já Já Já Já

Tem que ser BOM
 Já

Sequência 3 (página 117)

Vida de Luís de Camões – Filme animado

Vida de Camões

Sabe-se muito pouco da vida de Camões e muito do que se afirma provém – nos melhores casos – de deduções e conjecturas dependentes quer de documentos oficiais, que foram descobertos à roda de 1650 e nos séculos XIX e XX, quer de testemunhos de contemporâneos seus – o Padre Manuel Correia, Diogo do Couto, quer ainda da análise das suas cartas.

1524 ou 1525	Camões deve ter nascido nestes anos, em Lisboa; era filho de Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá.
até 1550	Admite-se que tenha estudado em Coimbra, uma vez que a vastidão e a profundidade da sua cultura dificilmente se explicam sem a frequência de estudos superiores. Não se encontra, contudo, qualquer documento que ateste a sua passagem pela universidade. Por esta altura, um tio do poeta, D. Bento Camões, era prior do mosteiro de Santa Cruz (onde funcionava um curso a nível secundário) e Cancelário da Universidade. Relacionando os factos, supõe-se que D. Bento tenha orientado os estudos do sobrinho. Apesar das especulações recentes, não há razão para modificarmos a opinião quanto à situação social de Luís de Camões: a de fidalgo da pequena nobreza («cavaleiro fidalgo») da Casa Real, assim diz a Carta de perdão de 1553), o que era perfeitamente compatível com a situação de pobreza em que viveu toda a vida. Sabemos que antes de 1550 está em Lisboa onde frequenta o Paço e diversos salões da alta nobreza. Colocam-se em geral nesta época alguns «desterros» que terá sofrido por amores ou outras razões. Sobre um desses desterros conhecemos alguns dados: esteve em Ceuta onde perdeu um dos olhos em combate. De regresso a Lisboa, sabemo-lo em contacto com dois meios muito diferentes; por um lado, participa nos serões do Paço, em despiques poéticos, e relaciona-se com fidalgos de alta estirpe e com alguma das principais damas da Corte. Por outro lado, entrega-se a uma vida de boémia, frequentando «damas de aluguer», fazendo parte de bandos de brigões e colaborando em rixas violentas.
1552	Na sequência de uma destas peripécias, uma briga em que ferira um arrieiro do rei, Gonçalo Borges, Camões é preso na cadeia do Tronco, em 1552, e, perdoado mais tarde pelo ferido, pede ao rei também o seu perdão, argumentando que é «mancebo pobre» e que «vai servir para a Índia».
1553 e anos seguintes	Em Lisboa, não se lhe conhece profissão ou modo de vida. Os indícios de que dispomos levam-nos a interpretar a partida para Índia, que ocorre em 1553, se não como forma de ganhar a vida e de, talvez, enriquecer. Na Índia presta serviço militar durante três anos e participa em importantes expedições guerreiras: ao Malabar e ao estreito de Meca, onde escreve a canção «Junto de um seco, fero, estéril monte». Deve ter enveredado pela vida de funcionalismo público, o que não o livrava de intervalos em que – sem emprego – acumulava dívidas e passava dificuldades. Desempenhou o cargo de provedor dos defuntos e ausentes em Macau, mas alguns bens que tenha acumulado perdeu-os num naufrágio que sofreu de regresso à Índia, do qual teve de salvar-se a nado, salvando também o poema, como conta na estrofe 128 do Canto X. Foi preso em Goa pelo governador Francisco Barreto, acusado de desviar em seu favor bens sobre os quais estava encarregado de velar.

1561-1564	É natural que tenha gozado períodos mais favoráveis, sobretudo entre 1561 e 1564, quando foi vice-rei D. Francisco Coutinho, amigo do poeta.
1568	Ajudado pelo capitão Pero Barreto Rolim, vem para Moçambique, esperando encontrar aí vida melhor. Por motivos que conhecemos mal, zangou-se com o capitão. E são ainda diversos amigos que – de regresso a Portugal em 1568 – ao passarem por Moçambique e encontrando-o na miséria, lhe proporcionam a viagem para Lisboa.
1572	De regresso a Lisboa, empenha-se na publicação de <i>Os Lusíadas</i> , que apareceram a lume em 1572. Passa a auferir de uma tença de 15 000 réis anuais, que muitos consideram mesquinha, mas que parece ser equivalente a um ordenado razoável de funcionário, e que veio a ser paga a sua mãe depois da morte do poeta.
1580	Os últimos tempos da sua vida ficaram na tradição como tempos de miséria e de abandono e, quando morreu, em 10 de junho de 1580, D. Gonçalo Coutinho mandou colocar uma lápide na sua sepultura com a seguinte inscrição: «Aqui jaz luís de Camões, príncipe dos poetas do seu tempo. Viveu pobre e miseravelmente e assim morreu.»

Maria Vitalina Leal de Matos, *A Lírica de Luís de Camões*, Editorial Caminho, 1994, pp. 34-37 (adaptado)

Sequência 3 (página 121)

Ler +, Ler melhor

<http://www.youtube.com/watch?v=f5Cz-4YV9Bo>

A epopeia portuguesa por excelência, *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, é a sugestão que Vasco Graça Moura nos deixa.

Como sabem, a ação central é a descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama, à volta da qual se vão descrevendo outros episódios da História de Portugal, glorificando o nosso povo.

Eu aproveito as circunstâncias de estarmos a

gravar estas declarações no Centro Cultural de Belém, portanto na zona de Belém, que é uma zona emblemática da nossa História e da nossa Cultura, para escolher *Os Lusíadas* como o livro fundamental da minha vida.

Porquê?

Por várias razões.

Em primeiro lugar porque *Os Lusíadas* são um monumento esplendoroso da língua portuguesa, é com eles que começa, praticamente, o português moderno, o português que ainda hoje falamos. Embora evidentemente se tratasse de uma situação própria da língua falada naquele tempo, o Camões dá-lhe um relevo especial e uma qualidade especial.

Em segundo lugar porque é uma recapitulação da História de Portugal, combinando a viagem de Vasco da Gama, portanto, a parte mais decisiva do nosso contributo para a História da Humanidade.

Em terceiro lugar porque *Os Lusíadas* são também um poema sobre a aventura humana. Sobre a vontade de afirmação do Homem e de conhecimento do mundo. E essa questão da relação entre a literatura e o conhecimento do mundo, para mim, é uma questão decisiva. Por tudo isso, e, como dizia o Camões,

*Não me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.*

Penso que efetivamente essas coisas — o estudo, a longa experiência, o engenho e a arte — raramente se encontram juntas e, por todas essas razões, penso que escolher *Os Lusíadas* como livro da minha vida é uma boa escolha.

Leia mais, leia melhor e descubra muitos e bons livros.

Nós regressamos amanhã com mais sugestões para as suas leituras.

Até lá!

Sequência 3 (página 149)

Mar Português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

In *Mensagem*, Fernando Pessoa

Sequência 3 (página 169)

“O barco vai de saída”, de Fausto

O barco vai de saída
Adeus ao cais de Alfama
Se agora ou de partida
Levo-te comigo ó cana verde
Lembra-te de mim ó meu amor
Lembra-te de mim nesta aventura
P'ra lá da loucura
P'ra lá do Equador

Ah mas que ingrata ventura
Bem me posso queixar
da Pátria a pouca fartura
Cheia de mágoas ai quebra-mar
Com tantos perigos ai minha vida
Com tantos medos e sobressaltos
Que eu já vou aos saltos
Que eu vou de fugida

Sem contar essa história escondida
Por servir de criado essa senhora
Serviu-se ela também tão sedutora
Foi pecado
Foi pecado
E foi pecado sim senhor
Que vida boa era a de Lisboa

Gingão de roda batida
corsário sem cruzado
ao som do baile mandado
em terra de pimenta e maravilha
com sonhos de prata e fantasia
com sonhos da cor do arco-íris
desvaira se os vires
desvairas magias

Já tenho a vela enfunada
marrano sem vergonha
judeu sem coisa nem fronha
vou de viagem ai que largada
só vejo cores ai que alegria
só vejo piratas e tesouros
são pratas, são ouros,
são noites, são dias

Vou no espantoso trono das águas
vou no tremendo assopro dos ventos
vou por cima dos meus pensamentos
arrepia
arrepia
e arrepia sim senhor
que vida boa era a de Lisboa

O mar das águas ardendo
o delírio do céu
a fúria do barlavento
arreia a vela e vai marujo ao leme
vira o barco e cai marujo ao mar
vira o barco na curva da morte
e olha a minha sorte
e olha o meu azar

e depois do barco virado
grandes urros e gritos
na salvação dos aflitos
estala, mata, agarra, ai quem me ajuda
reza, implora, escapa, ai que pagode
rezam tremem heróis e eunucos
são mouros são turcos
são mouros acode!

Aquilo é uma tempestade medonha
aquilo vai p'ra lá do que é eterno
aquilo era o retrato do inferno
vai ao fundo
vai ao fundo
e vai ao fundo sim senhor
que vida boa era a de Lisboa

Sequência 3 (página 187)

Excerto fílmico de *A conquista do Paraíso*

(1492 – *A conquista do Paraíso*, de Ridley Scott; min. 49 a 59:25)

- Ali! Ali!
- Terra à vista!
- Lançar âncora!
- Continuem a remar! Remem! Remem! Remem! Remem! Vamos, remem! Remem!

ILHA DE GUANAANI, 12 DE OUTUBRO DE 1492

- Dom Cristóvão! Excelência.
- Pela... pela graça de Deus... em nome de Sua Majestade, Rei de Castela e Aragão... por todo o poder conferido em mim... tomo posse desta ilha e a denomino... San Salvador.
- Dom Cristóvão?
- Mosquetes! Não!

Sequência 4 (página 228)

Grandes Livros – Episódio 2: "Peregrinação", Fernão Mendes Pinto

(<http://www.youtube.com/watch?v=j13OdLX0lew>)

O que é a verdade? O que experimentamos com os sentidos e que outro sentirá de outra forma? A maioria democrática de opiniões? A tese científica hoje tida por certeza e que amanhã será derrubada por outra qualquer? O mundo persegue a verdade acima de tudo, mas nunca a alcançou. Então por que diaboliza a mentira? Por que razão achamos a História mais merecedora de respeito do que as histórias?

No século XVI, um homem percorreu o Oriente que nenhum ocidental vira até então e viveu para contá-lo, mas poucos acreditaram no relato. Quatrocentos anos depois, já estaremos livres para acreditar em Fernão Mendes Pinto? Ou será que a verdade sequer importa alguma coisa quando falamos da Peregrinação?

«Quando, às vezes, ponho diante dos olhos os muitos e grandes trabalhos e infortúnios que por mim passaram, acho que com muita razão me posso queixar da ventura que parece que tomou por particular tentação e empresa sua perseguir-me e maltratar-me.»

As primeiras palavras da *Peregrinação* não serão tão célebres como as d'*Os Lusíadas*, da *Divina Comédia* ou de *D. Quixote*, mas não lhes ficam atrás quanto à grandeza a que se propõem.

«Mas, por outro lado, quando vejo que do meio de todos estes perigos e trabalhos me quis Deus tirar sempre em salvo e pôr-me em segurança, acho que não tenho tanta razão de me queixar, pois me quis conservara vida para que eu pudesse fazer esta rude e tosca escritura que, por herança, deixo a meus filhos para que eles vejam nela estes meus trabalhos e perigos da vida que passei no decurso de vinte e um anos, em que fui treze vezes cativo e dezassete vendido, nas partes da Índia, Etiópia, Arábia Feliz, China, Tartária, Macaçar, Samatra e outras muitas províncias daquele oriental arquipélago dos confins da Ásia.»

Poucas obras terão abertura mais clara. A primeira página da *Peregrinação* é, ao mesmo tempo, a sua melhor síntese. Trata-se do extraordinário relato do muito que passou o aventureiro Fernão Mendes Pinto, desde onze de março de 1537, data da sua partida para a Índia, ao regresso a Lisboa, miraculosamente são e salvo, a 22 de setembro de 1558. Ao longo de centenas de páginas desfila um mundo até então desconhecido, pelos mares da Índia, Birmânia, Tartária, China, Japão, Fernão Mendes Pinto narra ao pormenor e na primeira pessoa a aventura portuguesa no Oriente. Em busca de fortuna, embarca ao lado de comerciantes, militares, missionários e sobrevive a tempestades, naufrágios, combates, vitórias e perdições, corsários e piratas. Preso, vendido, ferido e abandonado, assiste a mortes incontáveis mesmo ao seu lado, negócios entre portugueses e locais, alianças e traições de príncipes e reis das mais exóticas partes do globo. No original papel de espectador-protagonista, relata o que os seus olhos viam antes de qualquer outro europeu: os povos, os costumes, as línguas, as cidades, as paisagens, e animais fantásticos. Mas que mundo era este que só agora começava a conhecer uma extraordinária parte de si?

1494. Ano e meio depois de Colombo descobrir o Novo Mundo e num tempo em que o Papa perdia poder para os reis, Portugal e Castela celebram o Tratado de Tordesilhas. Acordavam dividir o mundo em dois, metade para D. João II,

metade para os reis Católicos. Perante a estupefação de monarcas como Francisco I de França, que questionará a parte do Testamento de Adão, em que este delegava o mundo a portugueses e a castelhanos. Os reinos ibéricos dividem as terras descobertas e a descobrir pela linha imaginária que marcava 370 léguas a oeste de Cabo Verde. Ainda mal se tinham colocado as assinaturas no Tratado, e já Vasco da Gama encontrava o caminho marítimo para a Índia, na expedição de 1497-1499. Um ano depois, alegadamente por acidente, Pedro Álvares Cabral descobria o Brasil. Está no auge uma época irrepetível de navegação, descoberta e comércio. Portugal e Castela digladiam-se pelo trono do mundo, num movimento que pode, com justiça, denominar-se de primeira globalização. De ponto minúsculo no mapa com uma população pouco mais do que irrisória, Portugal desdobra-se pelas sete partidas do mundo. Primeiro, quer expandir-se; segundo, quer fazer comércio; terceiro, quer espalhar a fé cristã.

«Portanto, através desses três grupos, dos missionários, dos aventureiros e dos comerciantes, temos o centro de gravidade da nossa expansão, que, com um milhão e meio de habitantes cá em Portugal, é absolutamente espantosa e eu vou morrer sem ter percebido como é que isso aconteceu.»

«E, como é evidente, se nós olharmos para aquilo que é o mapa-múndi, verificamos que as linhas de comunicação são extremamente extensas. E, se elas são extensas, não só entre a metrópole e o Oriente, como entre as próprias populações do Oriente. Basta vermos qual é a distância que vai, por exemplo, de Ormuz a Goa, qual é a distância que vai depois de Goa a Malaca, depois de Malaca a Macau, e de Macau ao Japão. Portugal aposta intensamente na carreira da Índia. Negoceia animais, minérios, madeira, âmbar, especiarias.

«O que os portugueses desenvolvem na Ásia, no século XVI, é o império marítimo, que vai conseguir combater e discutir a hegemonia dos mares da Índia, da China, do sudoeste asiático com os muçulmanos.»

Mas tem uma forma peculiar de fazer esse combate...

«Por exemplo, quando Vasco da Gama chega à Índia, não deixa de ser interessante que a primeira coisa que ele faz é oferecer armas. E que oferece armas a potenciais inimigos está a manifestar claramente uma vontade de relação amigável e uma enorme confiança, quer no interlocutor quer nas suas próprias capacidades.»

O segredo desta bem-sucedida expansão ao Oriente não residia, pois, na supremacia bélica, mas na habilidade para negociar, na busca de entendimento, no acordo.

«Quando Macau nasce, Macau, para mim, é muito o exemplo de convergência. É um entreposto de convergência de interesses comerciais, ponto final. Macau nasce como convergência de interesses comerciais, perfeitamente legítimos.

Mas em que parte deste extraordinário mundo andava o aventureiro Fernão Mendes Pinto?

«E tomando para princípio desta minha peregrinação o que passei neste Reino, digo que depois que passei a vida até à idade de dez ou doze anos na miséria e estreiteza da pobre casa de meu pai na vila de Montemor-o-Velho, um tio meu, parece que desejoso de me encaminhar para melhor fortuna, me trouxe à cidade de Lisboa. E isto era no tempo em que se quebraram os escudos pela morte de el-rei D. Manuel de gloriosa memória.»

A *Peregrinação* terá dados questionáveis, mas não mais que a história do seu autor. Supõe-se que tenha nascido em 1509, mas pode ter sido em 1511; supõe-se que em Montemor, mas pode ter sido noutro lugar. Chega a Lisboa em 1521 e foge seis anos depois por razões desconhecidas da casa da dama nobre onde trabalhava. Embarca para Setúbal, mas nunca chega ao destino. A nau é assaltada por corsários que abandonam a tripulação em Melides. Só em março de 1537 volta a haver notícia de Fernão Mendes Pinto. Tinha agora vinte e oito ou trinta anos e era um desses muitos portugueses, que, não conseguindo fazer riqueza na pátria, estavam decididos a procurá-la mais longe.

«E porque a moradia que então era costume dar nas casas dos príncipes me não bastava para minha sustentação, determinei embarcar-me para a Índia, inda que com pouco remédio, já oferecido a toda a ventura, ou má ou boa, que me sucedesse.»

Sequência 5 (página 244)

«Você É Linda», de Caetano Veloso

Fonte de mel
Nos olhos de gueixa
Kabuki, máscara
Choque entre o azul
E o cacho de acácias
Luz das acácias
Você é mãe do sol
A sua coisa é toda tão certa
Beleza esperta
Você me deixa a rua deserta
Quando atravessa
E não olha pra trás

Linda
E sabe viver
Você me faz feliz
Esta canção é só pra dizer
E diz
Você é linda
Mais que demais
Você é linda sim
Onda do mar do amor
Que bateu em mim

Você é forte
Dentes e músculos
Peitos e lábios
Você é forte
Letras e músicas
Todas as músicas
Que ainda hei de ouvir
No Abaeté
Areias e estrelas
Não são mais belas
Do que você
Mulher das estrelas
Mina de estrelas
Diga o que você quer

Você é linda
E sabe viver
Você me faz feliz
Esta canção é só pra dizer
E diz
Você é linda
Mais que demais
Você é linda sim

Onda do mar do amor
Que bateu em mim

Gosto de ver
Você no seu ritmo
Dona do carnaval
Gosto de ter
Sentir seu estilo
Ir no seu íntimo
Nunca me faça mal
Linda
Mais que demais
Você é linda sim
Onda do mar do amor
Que bateu em mim
Você é linda
E sabe viver
Você me faz feliz
Esta canção é só pra dizer
E diz

Sequência 6 (página 273)

“Um homem do tamanho do século”

http://www.youtube.com/watch?v=_cBWRgLUctg

José Gomes Ferreira – primeira vez

José Gomes Ferreira acaba de publicar, na Editora Abril, o livro *Gaveta de Nuvens*, livro que, como qualquer livro de José Gomes Ferreira, é um acontecimento na vida literária portuguesa.

Na primeira manhã em que acordei em Lisboa, tinha eu quatro anos, vim brincar para a rua com outros garotos e apanhei uma pedrada que me marcou a testa para sempre.

Na mesma ocasião, pegou-se-me aos olhos, habituados até então ao peso da luz do granito do Porto, minha cidade natal, esta sensação de asas de borboleta, que é a luz de Lisboa, e me tomou de vez na calçada de Monte Agudo, bem diferente da rua de hoje, que se chama Heliodoro Salgado. Foi nessa rua que começou a aprendizagem, sem mestre, do meu amor de Lisboa, em que ainda hoje me vejo voar, ajudado por um bibe de riscado, que me sustinha nos saltos suspensos dos sonhos.

— O que significa este livro? O que é que ele traz?

— *Eu sei o que ele me trouxe a mim – uma vida inteira, quer dizer, foi o de simular cultura e o de ocupar a minha vida marginal (...). Comecei a fazer um estágio num consulado de 4.ª classe na Noruega, à espera de um concurso que felizmente nunca houve (...). Aliás, já sabia antes que eu não tinha nascido para cônsul nem para diplomático...*

Biografia

José Gomes Ferreira nasceu no Porto, no dia 9 de junho de 1900, numa rua que premonitariamente se chamava Rua das Musas. A mãe de José Gomes Ferreira, Maria do Carmo, descendia de uma família de Braga, de requintado gosto pela música. O pai, Alexandre Ferreira, tinha origem numa família muito humilde do Porto. Ficara órfão, quando tinha apenas 9 anos. Mas a sua excecional personalidade vincou-lhe o futuro. Embora pobre e sem família, raro era o dia em que não corria para a biblioteca pública, onde se alimentava de leituras ávidas e atentas que lhe ensinaram o mundo e lhe moldaram uma invulgar dimensão humana, que todos apreciavam e respeitavam, José Gomes Ferreira tinha uma enorme admiração pelo seu pai.

(...)

Alexandre Ferreira foi uma grande figura da República. Foi vereador da Câmara de Lisboa onde criou a rede de bibliotecas municipais, foi pai da Universidade Livre e também o fundador dos Inválidos do Comércio. Tinha uma permanente preocupação com os pobres e desfavorecidos. E foi certamente da figura tutelar de seu pai que José Gomes Ferreira herdou uma sentida preocupação pelos que sofrem e que tão vincadamente se reflete na sua poesia.

(...)

Quando Gomes Ferreira tinha quatro anos, a família mudou-se para Lisboa onde ele cresceu, criado longe das árvores do roldão poeirento das cidades.

Quando entrou para a instrução primária, já sabia ler e escrever e aos sete ou oito anos terá

mesmo feito os seus primeiros versos. Mas foi principalmente no ambiente republicano da casa de seu pai, onde as reuniões e os encontros eram frequentes, que o pequeno José Gomes Ferreira mais aprendeu o mundo. Adorava passar os serões ao pé dos adultos, atento a tudo, atento a todas as palavras. Na autobiografia, a memória das palavras, onde José Gomes Ferreira remonta aos seus tempos de escola, revela que foram as palavras dos outros que lhe recortaram o mundo, lho definiram para sempre e o fizeram poeta.

(...)

Na capital do reino e numa época em que a monarquia dava mostras de uma crescente fragilidade, a influência republicana acentuava o descontentamento da população. O pai de José Gomes Ferreira, fervoroso republicano, participava ativamente nos movimentos e comícios, que daí a poucos anos levariam à revolução republicana. E com sete ou oito anos, do que o pequeno José Gomes Ferreira mais gostava era de acompanhar o pai aos comícios.

(...)

Vendo no pai um monumento, muita influência dele naturalmente colheu, e, tal como seu pai lera quando criança, José Gomes Ferreira tinha na leitura o seu principal passatempo

(...)

leituras que, aliadas ao fervor republicano que se vivia na casa do pai, vincadamente marcaram o seu perfil.

(...)

E terá sido assim profundamente empolgado pelo ideário republicano e socialista que José Gomes Ferreira assistiu à revolução republicana (...).

É já depois da implementação da República que o jovem José Gomes Ferreira entra para o liceu, frequentando o colégio francês, aos Anjos. E enquanto nas memórias da sua infância reconhece ter sido um cábula na escola, afirma a grande saudade que guarda dos seus mais queridos professores.

